



ESCOLA NAVAL



talant de bi-faire

Bruno Miguel dos Santos Monteiro

Biografia de Henrique Lopes de Mendonça

Comemorações do IV Centenário do Descobrimento do Caminho

Marítimo para a Índia

**Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares Navais,
na especialidade de Marinha**



**Alfente
2019**



Bruno Miguel dos Santos Monteiro

Biografia de Henrique Lopes de Mendonça

Comemorações do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia

**Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências
Militares Navais, na especialidade de Marinha**

Orientação de: CMG M RES Costa Canas

O Aluno Mestrado

Coorientação de: CMG M Ribeiro Cartaxo

O Orientador

Bruno Miguel dos Santos Monteiro

ASPOF M Santos Monteiro

António José Duarte Costa Canas

CMG M RES Costa Canas

CMC

**Alfente
2019**



Nas palavras do Dr. Luiz Francisco Rebello:

“... para um dramaturgo autêntico como foi Henrique Lopes de Mendonça, com todas as suas limitações – mais do seu tempo, aliás do que suas –, o palco é, por direito próprio, o único lugar certo para evocar a sua obra”.

“A justiça póstuma é tão sagrada como a justiça em vida”

(Henrique Lopes de Mendonça)



Dedicatória

Dedico esta dissertação de mestrado a todas as pessoas que me ajudaram a crescer como pessoa e que contribuíram para a minha formação tanto pessoal como militar. Em especial aos meus pais, irmão e namorada por todo o apoio que me deram.



Agradecimentos

Começo por agradecer ao meu orientador e co-orientador, Capitão-de-mar-e-guerra Costa Canas e Capitão-de-mar-e-guerra Ribeiro Cartaxo, por todo o auxílio que me deram ao longo do desenvolvimento do meu trabalho.

A todos os militares e civis pelos ensinamentos passados e acompanhamento no meu percurso na Escola Naval.

Gostaria também de agradecer a todos os Diretores e funcionários da Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca Central de Marinha, Arquivo Central de Marinha, Centro de Documentação do Museu de Marinha e Clube Militar Naval, pela disponibilidade com que me receberam e por todos os contributos e auxílio que me forneceram para a realização da minha investigação.

À Guarnição do NRP Andrómeda pelos ensinamentos que me têm vindo a transmitir durante o meu estágio.

Aos meus camaradas do Curso Jorge Álvares e CMG Henrique Quirino da Fonseca.

A todos os meus familiares, amigos, e em especial aos meus pais, irmão e à Susana Maria Canelas Dias por todo o apoio prestado.



Resumo

Henrique Lopes de Mendonça nasceu a 12 de fevereiro de 1856 e faleceu a 24 de agosto de 1931, foi oficial da Marinha, militar, escritor, dramaturgo, poeta, arqueólogo e patriota que dignificou a Armada e honrou o País.

Realizou diversas comissões e projetos ao serviço da Marinha, mas também contribuiu, em larga escala, para o desenvolvimento cultural e científico a nível nacional com a produção de inúmeras obras ao longo da sua vida. A presente dissertação visa estudar e analisar os acontecimentos e polémicas presentes nas comemorações do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia no qual o biografado participou e teve um grande envolvimento.

Nesta dissertação procedeu-se à inclusão e estudo da sua obra, por forma a dar a conhecer os contributos valiosíssimos que Lopes de Mendonça deu para a Marinha e para o País. Começando pela sua carreira como oficial de Marinha e acabando com a sua carreira como homem de Letras, separação esta que na prática se torna de extrema dificuldade sendo que estas duas carreiras muitas vezes se sobrepuseram.

Devido à abrangência e grandeza da sua obra, a presente dissertação foi dividida em vários capítulos, na qual consta uma listagem das obras e trabalhos publicados, realizados e apresentados por forma a dar a conhecer a dimensão da sua obra e contributo para as futuras gerações.

Palavras-chave: IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia; Biografia; Henrique Lopes de Mendonça; Marinha; Obras.



Abstract

Henrique Lopes de Mendonça was born on February 12, 1856 and died on August 24, 1931. He was an officer of the Navy, a military man, a writer, a playwright, a poet, an archaeologist and a patriot who dignified the Navy and honored the country.

He has done various commissions and projects in the service of the Navy, but also contributed in large scale to the cultural and scientific development at national level with the production of various works of art throughout his life. It was intended to study with the present dissertation the events and controversies present in the celebrations of the IV Centenary of the discovery of the sea route to Índia that involved Lopes de Mendonça and in which the biography had a great involvement.

In this dissertation, his work was included and studied, in order to make known the valuable contributions that Lopes de Mendonça gave to the Navy and the Country. Beginning with his career as a naval officer and ending his career as a man of Letters, separation that is made with extreme difficulty being that these two careers often overlapped.

Due to the coverage and magnitude of his work, the present dissertation was divided into several chapters, which include a list of the works of art and works published, developed and presented by Lopes de Mendonça in order to give an understanding of the dimension of his work and contribution to future generations.

Keywords: IV Centenary of the Discovery of the sea route to Índia; Biography; Henrique Lopes de Mendonça; Navy; Works of Art.



Índice

Dedicatória.....	vii
Agradecimentos	ix
Resumo	xi
Abstract.....	xiii
Índice	xv
Índice de Figuras.....	xix
Índice de Tabelas	xxi
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos	xxiii
Introdução	1
Capítulo I – Vida de Henrique Lopes de Mendonça	5
1.1 Origens	5
1.2 O militar, marido e pai	7
1.3 Angola	18
1.3.1 Estado de espírito	19
1.3.2 O vencer da monotonia	20
1.3.3 A situação em Angola	23
1.3.4 Comissões.....	23
1.4 A Maçonaria	26
1.5 O culto homem de letras.....	29
Capítulo II – Obras de Henrique Lopes de Mendonça	33
2.1 O escritor Dramático	33
2.2 Teatro.....	37
2.3 Arqueologia Naval	38
2.4 Lista de Obras	39



Capítulo III – Comemorações do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia e sua Controvérsia		41
3.1	Enquadramento.....	41
3.2	O Evento.....	43
3.3	Afonso D’Albuquerque.....	50
3.4	Da Unidade do Pensamento ao Ciclo das Descobertas	54
3.5	Bartolomeu Dias e a Rota da Índia.....	59
3.6	Vasco da Gama.....	63
3.7	Vasco da Gama na História Universal	66
	Conclusões.....	69
	Fontes e Bibliografia.....	73
I.	Fontes.....	73
II.	Bibliografia	76
	Anexos	79
	Anexo 1 – <i>Formulário de aprovação</i>	79
	Anexo 2 – <i>Sangue Português, contos de outro tempo</i>	80
	Anexo 3 – <i>Fumos da Índia</i>	81
	Anexo 4 – Processo de reforma e de não progressão de carreira	82
	Anexo 5 – Avaliações	83
	5.1 – Avaliação 1879	83
	5.2 – Avaliação 1880	84
	5.3 – Avaliação 1881	85
	5.4 – Avaliação 1883	86
	5.5 – Avaliação 1884	87
	5.6 – Avaliação 1885	88
	5.7 – Avaliação 1899	89
	5.8 – Avaliação 1900	90
	5.9 – Avaliação 1908	91
	5.10 – Avaliação 1909	92
	5.11 – Avaliação 1911	93



Anexo 6 – “Uma Armada Portuguesa”	94
Anexo 7 – Pontos 11ª Cadeira	95
7.1 – Primeiro Documento.....	95
7.2 – Segundo Documento.....	96
Anexo 8 – Documentos de Identidade	97
8.1 – Documento de 26 de novembro de 1926	97
8.2 – Documento de 23 de outubro de 1890	98
8.3 – Documento de 15 de julho de 1913	99
8.4 – Documento de 14 de junho de 1904	100
8.5 – Documento de 17 de junho de 1929	101
Anexo 9 – Excerto da carta do seu pedido para ser agregado à Comissão Geológica do Reino.....	102
Anexo 10 – Excerto da carta de rejeição do seu pedido para ser agregado à Comissão Geológica do Reino	103
Anexo 11 – Primeira Guia de Marcha para Embarque.....	104
Anexo 12 – Carta da eleição de Lopes de Mendonça como sócio efetivo da Academia Real das Ciências.....	105
Anexo 13 – Lista de Obras de Henrique Lopes de Mendonça	106
13.1 Romance, novelas, dramas, óperas, versos e Sonetos	106
13.2 Teatro	109
13.3 Arqueologia, História, Conferências e Discursos.....	112
13.4 Prefácios	117
13.5 Traduções	117
13.6 Anais do Clube Militar Naval	119
13.7 Comércio do Porto	120
13.8 Diário de Notícias	126
13.9 Outras participações.....	132



Índice de Figuras

FIGURA 1 - CMG HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA (BCM-AH)	9
FIGURA 2 - AVALIAÇÃO A BORDO DA CORVETA <i>DUQUE DA TERCEIRA</i> (BCM-AH)	14
FIGURA 3 - PEDIDO DE LICENÇA PARA CASAR (BCM-AH)	15
FIGURA 4 - FIM DA COMISSÃO ESPECIAL PARA REALIZAÇÃO DO LIVRO (BCM-AH)	17
FIGURA 5 – OFÍCIO 49 ESCRITO A 4 DE MARÇO DE 1878 PELO COMANDANTE DA CORVETA SÁ DA BANDEIRA, CFR FRANCISCO TEIXEIRA DA SILVA (BCM-AH).	22
FIGURA 6 - HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA	32
FIGURA 7 – HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA. IMAGEM PUBLICADA NO PERIÓDICO <i>ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA</i> A 7 DE JANEIRO DE 1907 SOBRE A PEÇA <i>AFFONSO DE ALBUQUERQUE</i> . (CDMM)	36
FIGURA 8 - COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA DESCOBERTA DA ÍNDIA, CORETO DA FEIRA FRANCA EM FORMA DE ESFERA ARMILAR, 1898, FOTO DE JOSÉ CHAVES CRUZ	49
FIGURA 9 – FORMULÁRIO DE APROVAÇÃO	79
FIGURA 10 – LIVRO <i>SANGUE PORTUGUÊS</i> , POR HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA	80
FIGURA 11 – LIVRO <i>FUMOS DA ÍNDIA</i> , POR HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA	81
FIGURA 12 - PROCESSO DE REFORMA E NÃO PROGRESSÃO DE CARREIRA (BCM-AH)	82
FIGURA 13 – AVALIAÇÃO A BORDO DO <i>CANHONEIRA TÂMÉGA</i>	83
FIGURA 14 – AVALIAÇÃO A BORDO DA <i>CORVETA DUQUE DA TERCEIRA</i>	84
FIGURA 15 – AVALIAÇÃO A BORDO DA <i>CORVETA DUQUE DA TERCEIRA</i>	85
FIGURA 16 – AVALIAÇÃO A BORDO DO <i>TRANSPORTE ÍNDIA</i>	86
FIGURA 17 – AVALIAÇÃO A BORDO DA <i>FRAGATA D. FERNANDO II E GLÓRIA</i>	87
FIGURA 18 – AVALIAÇÃO A BORDO DA <i>FRAGATA D. FERNANDO II E GLÓRIA</i>	88
FIGURA 19 – AVALIAÇÃO NO POSTO DE BIBLIOTECÁRIO DA ESCOLA NAVAL	89
FIGURA 20 – AVALIAÇÃO NO CARGO DE BIBLIOTECÁRIO DA ESCOLA NAVAL	90
FIGURA 21 – AVALIAÇÃO NO CARGO DE PROFESSOR DA 11ª CADEIRA DA ESCOLA DAS BELAS ARTES	91
FIGURA 22 – AVALIAÇÃO NO CARGO DE PROFESSOR DA 11ª CADEIRA DA ESCOLA DAS BELAS ARTES	92
FIGURA 23 – AVALIAÇÃO DURANTE O EMPENHAMENTO DE ESCRITURA DA HISTÓRIA DA MARINHA	93
FIGURA 24 – POEMA “UMA ARMADA PORTUGUESA” ESCRITO EM DATA INCERTA	94
FIGURA 25 – PONTOS DA 11ª CADEIRADA ESCOLA DE BELAS ARTES DE LISBOA	95
FIGURA 26 – PONTOS DA 11ª CADEIRADA ESCOLA DE BELAS ARTES DE LISBOA	96
FIGURA 27 – BILHETE DE IDENTIDADE	97
FIGURA 28 – BILHETE DE IDENTIDADE MILITAR, POSTO DE 1TEN	98
FIGURA 29 – BILHETE DE IDENTIDADE DO CONSELHO DE ARTE E ARQUEOLOGIA	99
FIGURA 30 – BILHETE DE IDENTIDADE MILITAR, POSTO DE CAPITÃO DE FRAGATA	100
FIGURA 31 – BILHETE DE IDENTIDADE MILITAR, POSTO DE CAPITÃO DE MAR E GUERRA REFORMADO . .	101
FIGURA 32 - EXCERTO DO PEDIDO PARA FAZER PARTE DA COMISSÃO GEOLÓGICA DO REINO. (BCM-AH)	102



FIGURA 33 - EXCERTO DA REJEIÇÃO DO PEDIDO PARA FAZER PARTE DA COMISSÃO GEOLÓGICA DO REINO.
(BCM-AH)..... 103

FIGURA 34 – PRIMEIRA GUIA DE MARCHA PARA EMBARQUE (BCM-AH) 104

FIGURA 35 - CARTA DE ELEIÇÃO DE SÓCIO EFETIVO DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS (BCM-AH) 105



Índice de Tabelas

TABELA 1 - POSTOS E DATAS DE PROMOÇÃO (BCM-AH).....	9
TABELA 2 - COMISSÕES DE LOPES DE MENDONÇA (BCM-AH).....	12
TABELA 3 - REGISTO DE LICENÇAS (BCM-AH)	12
TABELA 4 - GUARNIÇÃO DOS NAVIOS EM ANGOLA (BCM-AH).....	25
TABELA 5 - CONDECORAÇÕES (BCM-AH).....	31



Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

BCM – Biblioteca Central de Marinha

BCM-AH – Biblioteca Central de Marinha – Arquivo Histórico

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

CDMM – Centro de Documentação do Museu de Marinha

CMN – Clube Militar Naval

CMG – Capitão-de-mar-e-guerra

CFR – Capitão-de-fragata

CTEN – Capitão-tenente

CO – Comandante

XO – Imediato

GMAR – Guarda-marinha

1TEN – Primeiro-tenente

2TEN – Segundo-tenente



Introdução

A presente dissertação de mestrado tem como principal objetivo o estudo da vida e obra de um oficial da Marinha, militar, escritor, dramaturgo, poeta, arqueólogo e patriota, Henrique Lopes de Mendonça.

Para o desenvolvimento desta dissertação de mestrado recorreu-se a vários locais para a realização e desenvolvimento da pesquisa, como a Biblioteca Nacional de Portugal, a Biblioteca Central de Marinha (BCM), a Biblioteca Central de Marinha – Arquivo Histórico (BCM-AH), à Biblioteca da Escola Naval, à Torre do Tombo, à Hemeroteca de Lisboa, ao Arquivo Histórico Nacional de Luanda, à Biblioteca Municipal de Lisboa, à Biblioteca Municipal D. Dinis, ao Centro de Documentação do Museu de Marinha (CDMM), entre outros.

Começa-se por fazer uma breve apresentação do biografado, Henrique Lopes de Mendonça nasceu a 12 de fevereiro de 1856, e faleceu a 24 de agosto de 1931 com 75 anos, em Lisboa. Filho de António Raulino Lopes de Mendonça e D. Honorata Lopes de Mendonça¹, casado com Amélia Bordalo Pinheiro com quem teve 3 filhos de seus nomes Virgínia Lopes de Mendonça, Alda Lopes de Mendonça e Vasco Lopes de Mendonça².

Militar da Marinha, escritor, poeta, dramaturgo, historiador, cronista, arqueólogo naval e romancista português, criador do poema “A Portuguesa”, cuja versão final, musicada por Alfredo Keil, viria a ser adotada como Hino Nacional³. Foi sócio efetivo da Academia das Ciências de Lisboa, do Instituto de Coimbra e membro honorário do P.E.N. Club, em Londres. Foi ainda professor de história na Escola de Belas Artes de Lisboa⁴ e bibliotecário na Escola Naval. Das diversas condecorações que lhe foram atribuídas,

¹ Alexandre Ribeiro Cartaxo, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça», *Revista da Armada*, Março 2011, n. 450, p. 17.

² *Ibid.*; BCM-AH, Caixa 756-6-5, 2;

³ Mário de Aguiar, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça, No cinquentenário da sua morte», *Anais do Clube Militar Naval*, 1981, CXI, pp. 219–222.

⁴ BCM-AH, Livro mestre E, fl. 107;



realça-se a Grã-Cruz de Santiago de Espada em 1922⁵, a medalha de prata e ouro de Comportamento Exemplar e ainda o prémio D. Luís.

Visto existir uma grande quantidade de informação sobre Henrique Lopes de Mendonça tornar-se-ia bastante difícil a abrangência de toda a sua obra nesta dissertação, pelo que se procedeu à criação de um subtítulo mais específico que seria o tema fulcral. Inicialmente ponderou-se atribuir maior ênfase ao período passado em Angola, período este do qual ainda não foi realizado um estudo mais aprofundado. Contudo, veio a concluir-se que tal estudo seria inviável devido ao facto de não se conseguir encontrar informação suficiente para a realização de um estudo aprofundado. Existiram tentativas de contacto com a Biblioteca e Arquivo Histórico Nacional de Luanda tanto por meio de um intermediário como por email, mas até ao momento não foi facultada qualquer informação sobre o biografado. Como consequência, procedeu-se à realização de um estudo e análise da polémica relativa às comemorações do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia, tema este que suscitou alguma intriga e sobre o qual se tentou aprofundar sabendo que Henrique Lopes de Mendonça teve um papel ativo tanto nas comemorações como na polémica.

A presente dissertação de mestrado inicia-se com o Capítulo I – Vida de Henrique Lopes de Mendonça, que se subdivide em 5 subcapítulos, começando pelas origens do biografado, de onde veio e quem eram os seus familiares. De seguida, é abordado o seu percurso pelas forças armadas, mais especificamente pela Marinha, dando um especial foco ao período que passou em Angola, promoções, comissões, licenças e condecorações, bem como à sua vida familiar, sua esposa e filhos. Posteriormente, efetua-se uma breve referência à sua passagem pela maçonaria e ao seu percurso literário. Para a realização deste capítulo utilizou-se o espólio de Henrique Lopes de Mendonça presente na Biblioteca Nacional de Portugal, os documentos presentes na Biblioteca Central de Marinha – Arquivo Histórico (BCM-AH), Biblioteca Central de Marinha (BCM), o espólio de Henrique Lopes de Mendonça presente no Centro de Documentação do Museu de Marinha (CDMM), e ainda alguns documentos e trabalhos realizados sobre Henrique Lopes de Mendonça.

⁵ BCM-AH, Livro mestre E fl. 107; BCM-AH Caixa 756-6-5, 142;



No Capítulo II – Obras de Henrique Lopes de Mendonça, procurou-se fazer uma lista das suas obras e trabalhos que realizou ao longo de sua vida, dando especial atenção ao seu percurso como escritor dramático, à arqueologia naval, ao teatro e ópera, pretendendo-se que a lista de obras apresentada fosse o mais completa possível. Neste capítulo utilizou-se como referência trabalhos que continham listagens das obras que Lopes de Mendonça teria realizado, bem como o espólio de Henrique Lopes de Mendonça presente no Centro de Documentação do Museu de Marinha que continha informação nova e relevante sobre este tema, e ainda variados microfimes da Biblioteca Nacional de Portugal.

O Capítulo III – Comemorações do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia e sua Controvérsia, pretende inicialmente fazer um enquadramento do evento. Passando-se de seguida à sua explicação, em que consistiu, como foi realizado e qual a importância que Lopes de Mendonça teve neste evento. Por fim pretende-se fazer uma análise das obras que o biografado publicou relativamente a estas comemorações bem como da controvérsia e polémica que existiu em torno deste evento. Para tal foram utilizados vários documentos relativos ao evento em questão, como por exemplo, a Dissertação de Doutoramento em História e Teoria das Ideias, especialidade de História e Teoria dos Paradigmas, realizada pela Doutora Elsa Henrique Rita dos Santos em fevereiro de 2010, bem como as obras publicadas pelo biografado neste âmbito, como *Affonso D'Albuquerque, Da Unidade do Pensamento ao Ciclo das Descobertas, Bartolomeu Dias e a Rota Da Índia, Vasco da Gama e Vasco da Gama na História Universal*.

Posteriormente, na conclusão, falar-se-á do que foi conseguido apurar sobre a polémica que ocorreu relativamente às Comemorações do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia, qual o papel e opiniões de Lopes de Mendonça, bem como as dificuldades e sugestões relativamente a futuras pesquisas.

Deve-se também aqui realçar que este trabalho, face à riqueza do assunto proposto tratar, excede o limite de páginas recomendado pelas normas da Escola Naval.

Postas todas as opções, motivações e decisões metodológicas, é de seguida apresentado o produto da investigação, principiando pelo apontamento biográfico de Henrique Lopes de Mendonça.



Capítulo I – Vida de Henrique Lopes de Mendonça

Neste capítulo vai ser realizada uma biografia de Henrique Lopes de Mendonça falando da sua vida, origens, da sua carreira e percurso na Marinha, do seu percurso na maçonaria e da sua vasta obra literária.

1.1 Origens

Primeiramente, tratando das origens de ilustre figura, Henrique Lopes de Mendonça nasce a 12 de fevereiro de 1856 na Rua dos Calafates, nº 93, 2º andar, (atual Rua do Diário de Notícias), Bairro Alto, em Lisboa. Era filho de António Raulino Lopes de Mendonça e D. Honorata Lopes de Mendonça.⁶

De todos os documentos e cartas consultados, muitas vezes é falado de seu pai, tanto em documentos como em cartas, mas de sua mãe pouco se fala. Apenas se conseguiu perceber, pelas cartas que seu pai lhe escrevia e que faziam referência a sua mãe, que seria uma senhora simples, muito preocupada com o seu bem-estar e que o adorava bastante.⁷

Seu pai foi funcionário da Câmara de Deputados e o responsável por Henrique ter estado desde muito novo ligado à literatura, levando-o a visitar regularmente o seu tio, irmão de sua mãe, António Pedro Lopes de Mendonça, ilustre escritor de quem Henrique guardava uma forte impressão, tendo seguido também, por breves momentos, uma carreira na Armada Portuguesa como oficial.⁸ Talvez se deva ao facto desta influência que Henrique Lopes de Mendonça tenha desde muito cedo demonstrado um grande talento para a literatura sendo que com apenas 9 anos escreve uma pequena peça teatral,

⁶ A.R. Cartaxo, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça», p. 17.

⁷ BNP, Espólio da família Lopes de Mendonça, N53/967-1031;

⁸ Jorge Maia Ramos Pereira, *Henrique Lopes de Mendonça - Investigador e historiógrafo de alto nível intelectual que muito honrou o País e dignificou a Armada*, Lisboa, 1973, pp. 2–3.



“O Homem de Letras e o Capitão Francês”.⁹ Seu tio viria a enlouquecer em 1860, alterando as visitas regulares que Lopes de Mendonça fazia a seu tio com seu pai para Rilhafoles, local onde seu tio iria acabar por falecer 5 anos mais tarde em 1865¹⁰.

⁹*Ibid.*, p. 2.;

¹⁰Alexandre Ribeiro Cartaxo, *Projeto de Biografia de Henrique Lopes de Mendonça*, Lisboa, 1998, p. 5.;



1.2 O militar, marido e pai

Foi também com influência de seu tio que mais tarde, com 15 anos de idade, ingressou na Armada Portuguesa a 27 de outubro de 1871¹¹ como Aspirante, na qual viajou por Europa e África.

A 29 de julho de 1872 completou o curso preparatório de marinha na Escola Politécnica, entrou para os quadros da Marinha a 5 de agosto de 1872, e completou o curso da Escola Naval a 11 de junho de 1874, tendo embarcado a 13 de junho de 1874, pela primeira vez, na fragata *D. Fernando II e Glória* que seria na altura o local da Escola Prática de Artilharia, onde realizaria várias comissões e seria mais tarde professor. Podemos ver no anexo 11 a sua primeira guia de embarque.

A 13 de novembro de 1874 foi promovido a Guarda-marinha e a 5 de dezembro de 1874¹² embarca na corveta *Bartolomeu Dias* enquanto o navio esteve localizado no Tejo e onde viria a realizar os seus 2 exames de Guarda-marinha. O primeiro na comissão de 19 de janeiro de 1875 a 1 de fevereiro de 1875 e o segundo na comissão de 27 de julho de 1875 a 16 de setembro de 1875.

A 15 de outubro de 1885 foi nomeado para fazer parte do júri de exames na Escola de Alunos Marinheiros de Lisboa e a 16 de novembro do mesmo ano foi nomeado como presidente da Escola de Alunos Marinheiros do Porto de onde se retirou a 28 de novembro tendo recebido guia para a fragata *D. Fernando II e Glória* de onde mais tarde foi exonerado a 6 de maio de 1886.

Durante o seu percurso na Marinha embarcou em diversos navios da esquadra, fazendo parte destes a fragata *D. Fernando II e Glória*; as corvetas *Bartolomeu Dias*, *Rainha de Portugal*, *Sá da Bandeira*, *Estefânia* e *Duque da Terceira*; e as canhoneiras *Quanza*, *Tâmega* e *Sado*¹³. Foi oficial embarcado entre 13 de julho de 1874 e 2 de novembro de 1886. Entre 1874 e 1886 fez várias comissões, de entre elas destaco aquelas na fragata *D. Fernando II e Glória* (Escola Prática de Artilharia), nas corvetas *Bartolomeu*

¹¹ BCM-AH, Livro mestre B, fl. 97.

¹² BCM-AH, Livro mestre B, fl. 97.

¹³ BCM-AH, Livro mestre B, fl. 97.



Dias (Tejo), *Rainha de Portugal* (Tejo) e *Sá da Bandeira* (Estação Naval de Angola), nos transportes *Índia* e *África* e na canhoneira *Quanza*.

Foi a bordo da corveta *Bartolomeu Dias* (comissão de 2 abril 1879 a 31 maio de 1879) que realizou o seu exame de 2TEN, tendo sido promovido a 19 de maio de 1879. E foi a 9 de julho de 1879 que redigiu uma carta a solicitar que fosse agregado à Comissão Geológica do Reino, pedido este que lhe foi recusado no dia 11 de julho de 1879 pelo Diretor Geral da Marinha.¹⁴ Nos anexos 9 e 10 podemos ver um excerto da carta do seu pedido e da carta da rejeição do seu pedido.

A bordo da fragata *D. Fernando II e Glória* foi promovido a 1TEN a 6 de agosto de 1885. Como 1TEN, e professor da Escola Prática de Artilharia, foi dirigida uma carta ao Diretor Geral da Marinha a 26 de abril de 1886 onde consta que não estaria em condições de lecionar as aulas devido a doença, dirigindo-se à Junta de Saúde Naval para obter licença¹⁵. Esta doença revelar-se-ia de difícil tratamento, prolongando-se e não tendo outra alternativa se não abandonar o cargo de professor¹⁶. Mais tarde, a 2 de junho de 1891 foi promovido a Capitão-tenente¹⁷, a 22 de novembro de 1901 a Capitão-de-fragata, e a Capitão-de-mar-e-guerra a 11 de janeiro de 1910¹⁸ tendo-se reformado no posto de Capitão-de-mar-e-guerra a 25 de maio de 1912¹⁹.

Durante todo o seu período de serviço foi sempre alvo de avaliações periódicas que davam conta da sua excelência no cumprimento das suas funções. Consegui recolher algumas das suas avaliações que deixo em anexos.

Na tabela em baixo apresentada podemos ver sintetizados os postos e datas de promoção de Henrique Lopes de Mendonça:

¹⁴ BCM-AH, Caixa 756-6-5.

¹⁵ BCM-AH, Caixa 756-6-5, 50.

¹⁶ BCM-AH, Caixa 756-6-5, 40/86.

¹⁷ BCM-AH, Livro mestre B, fl. 97.

¹⁸ BCM-AH, Livro mestre E, fl. 107.

¹⁹ BCM-AH, Livro mestre E, fl. 107; BCM-AH, Livro mestre de oficiais reformados nº2, fl. 53.

Postos e datas de promoção

POSTO	DATA DE PROMOÇÃO
Aspirante	27 de outubro de 1871
Guarda-marinha	13 de novembro de 1874
Segundo-tenente	29 de maio 1879
Primeiro-tenente	6 de agosto de 1885
Capitão-tenente	2 de junho de 1891
Capitão-de-fragata	22 de novembro de 1901
Capitão-de-mar-e-guerra	11 de janeiro de 1910 (Reformado a 25 de maio de 1912)

Tabela 1 - Postos e datas de promoção (BCM-AH²⁰)



Figura 1 - CMG Henrique Lopes de Mendonça (BCM-AH²¹)

²⁰ BCM-AH, Livro Mestre B fl. 97; BCM-AH, Livro Mestre E fl. 107 e BCM-AH, Livro Mestre de Oficiais Reformados n.º2, fl. 53.

²¹ BCM-AH, Marinha Portuguesa, «4699 CMG Henrique Lopes de Mendonça» in *Album de Oficiais*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1903, vol.16, p. 6.



Na tabela em baixo apresentada podemos ver sintetizadas as comissões que realizou Henrique Lopes de Mendonça:

Comissões²²

Data de início	Em terra	No mar Navio	Comissão	Data de fim
13 de julho de 1874		Fragata <i>D. Fernando II e Glória</i>	Escola Prática de Artilharia	4 de dezembro de 1874
5 de dezembro de 1874		Corveta <i>Bartolomeu Dias</i>	Tejo	16 de janeiro de 1875
17 de janeiro de 1875		Fragata <i>D. Fernando II e Glória</i>	Escola Prática de Artilharia	18 de janeiro de 1875
19 de janeiro de 1875		Corveta <i>Bartolomeu Dias</i>	Exame de GMAR	1 de fevereiro de 1875
2 de fevereiro de 1875		Fragata <i>D. Fernando II e Glória</i>	Escola Prática de Artilharia	3 de fevereiro de 1875
4 de fevereiro de 1875		Corveta <i>Bartolomeu Dias</i>	Tejo	27 de abril de 1875
28 de abril de 1875		Fragata <i>D. Fernando II e Glória</i>	Escola Prática de Artilharia	28 de abril de 1875
29 de abril de 1875		Transporte <i>Índia</i>	Reparações em Glasgow	26 de julho de 1875
27 de julho de 1875		Corveta <i>Bartolomeu Dias</i>	Exame de GMAR	16 de setembro de 1875
17 de setembro de 1875		Transporte <i>África</i>	Transporte nos Açores	11 de março de 1876
12 de março de 1876		Transporte <i>Índia</i>	Tejo	20 de março de 1876

²² Comando Geral da Marinha, *Ordens da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1883, 1–50 p ; Comando Geral da Marinha, *Ordens da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1884, 1–50 p. Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1879 ; Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1878 ; Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1880 ; Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881 ; Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1882 ; Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1883 ; Comando Geral da Marinha, *Ordens da Armada*. Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1884.



21 de março de 1876		Barca <i>Martim de Melo</i>	Transportar especiarias (não consegui determinar quais) para Luanda e trazer madeiras de Cabo Verde	10 de janeiro de 1877
11 de janeiro de 1877		Fragata <i>D. Fernando II e Glória</i>	Escola Prática de Artilharia	11 de janeiro de 1877
12 de janeiro de 1877		Corveta <i>Rainha de Portugal</i>	Tejo	30 de janeiro de 1877
31 de janeiro de 1877		Fragata <i>D. Fernando II e Glória</i>	Escola Prática de Artilharia	1 de fevereiro de 1877
5 de fevereiro de 1877		Vapor <i>Zaire</i> (com guia da fragata <i>D. Fernando II e Glória</i>)	Viagem para Luanda	8 de março de 1877
9 de março de 1877		Corveta <i>Sá da Bandeira</i>	Estação Naval de Angola	5 de outubro de 1878
6 de outubro de 1878		Canhoneira <i>Quanza</i>	Estação Naval de Angola	26 de novembro 1878
27 de novembro 1878	Depósito		Estação Naval de Angola	22 de dezembro de 1878
24 de janeiro de 1879		Fragata <i>D. Fernando II e Glória</i>	Escola Prática de Artilharia	1 de abril de 1879
2 de abril de 1879		Corveta <i>Bartolomeu Dias</i>	Comboio Guiné-Madeira e exame de 2TEN	31 de maio de 1879
19 de agosto de 1879		Fragata <i>D. Fernando II e Glória</i>	Escola Prática de Artilharia	1 de outubro de 1879
1 de novembro de 1879		Canhoneira <i>Tâmega</i>	Costa do Algarve	13 de março de 1880
3 de outubro de 1880		Corveta <i>Duque da Terceira</i>	Estação Naval de Angola	4 de março de 1882
5 de março de 1882		Canhoneira <i>Sado</i>	Regresso a Lisboa	27 de julho de 1882
1 de outubro de 1882	Vogal do Conselho de Guerra			31 de dezembro de 1882
17 de janeiro de 1883	Promotor do sobredito conselho			28 de fevereiro de 1883
1 de março de 1883		Fragata <i>D. Fernando II e Glória</i>	Escola Prática de Artilharia	9 de maio de 1883
10 de maio de 1883		Transporte <i>Índia</i>		15 de fevereiro de 1884



16 de fevereiro de 1884	Promotor do sobredito conselho			27 de maio de 1884
28 de maio de 1884		Canhoneira <i>Quanza</i>		17 de junho de 1884
18 de junho de 1884		Fragata <i>D. Fernando II e Glória</i>	Escola Prática de Artilharia	6 de maio de 1886
6 de julho de 1886		Corveta <i>Estefânia</i>		8 de julho de 1886
9 de julho de 1886		Corveta <i>Albuquerque</i>	Viagem de El-Rei	2 de novembro de 1886

Tabela 2 - Comissões de Lopes de Mendonça (BCM-AH²³)

E ainda na tabela em baixo apresentada podemos ver sintetizadas licenças que lhe foram concedidas:

Licenças

Motivo	Data início	Data de fim
Licença registada	14 de março 1880	12 de abril de 1880
Licença da junta de saúde naval	6 de maio de 1886	6 de julho de 1886
Licença da junta de saúde naval	12 de novembro de 1886	12 de janeiro de 1887
Licença geral da Marinha	14 de fevereiro de 1887	Não definida
Licença de 30 dias	3 de setembro de 1889	3 de outubro de 1889

Tabela 3 - Registo de licenças (BCM-AH²⁴)

²³ BCM-AH, Livro Mestre B fl. 97.

²⁴ *Ibid.*



Era comum no final destas avaliações o Comandante do Navio fazer um juízo de valor do oficial avaliado, respondendo a essencialmente 3 questões:

- Sobre se é hábil comandante de quarto;
- Sobre se está apto para comandar um navio;
- Opinião geral;

Do que foi conseguido apurar das suas avaliações, no início da sua carreira houve um certo ressentimento para com ele por este se dedicar demasiado à Literatura, acabando assim por descuidar o seu serviço a bordo das unidades em que esteve embarcado. Entre 1879 e 1899 foi quando foi mais notório este ressentimento nas avaliações, sendo que as avaliações referentes a este período dizem respeito a comissões realizadas em unidades navais. Dou o exemplo de uma avaliação realizada a 31 de dezembro de 1884, durante a sua comissão na fragata *D. Fernando II e Glória*, onde foi dito no terceiro ponto do juízo de valor feito pelo Comandante, que:

“Este oficial é muito dedicado à Literatura o que prejudica de certo modo a sua vocação para a carreira que escolheu...” (avaliação presente no anexo 5.5).

A partir de 1899 as avaliações a que tenho acesso já dizem respeito a cargos desempenhados por Lopes de Mendonça em terra, como Bibliotecário da Escola Naval e Professor da 11^a cadeira da Escola das Belas Artes. Onde os juízos de valor feitos foram excepcionais, mostrando que estaria especialmente apto para a realização destes cargos.

Na figura em baixo podemos ver uma das avaliações de Henrique Lopes de Mendonça de 31 de dezembro de 1881 a bordo da corveta *Duque da Terceira*:



Avaliação

Nome do navio Corveta "Duque da Terceira"
 Nome do commandante Cap. Ten. M.º Correia de Chaves
 Informação annual referida a 31 de dezembro de 1881

Quesitos a que o informado tem de responder

Posto	Nome	Naturalidade	Idade	Estado	Assentamento de praça	Condecorações
Segundo Tenente	Henrique Lopes de Mendonça	Lisboa	25	Casado	Outubro de 1871	//

Quesitos a que responde o informador

isto de elle mesmo

Aplicação		Comportamento	
Aos estudos da arma	Ao serviço	Civil	Militar
Aplicação	Tempo como Tenente, 1.º Tenente, 2.º Tenente, 3.º Tenente, 4.º Tenente, 5.º Tenente, 6.º Tenente, 7.º Tenente, 8.º Tenente, 9.º Tenente, 10.º Tenente, 11.º Tenente, 12.º Tenente, 13.º Tenente, 14.º Tenente, 15.º Tenente, 16.º Tenente, 17.º Tenente, 18.º Tenente, 19.º Tenente, 20.º Tenente, 21.º Tenente, 22.º Tenente, 23.º Tenente, 24.º Tenente, 25.º Tenente, 26.º Tenente, 27.º Tenente, 28.º Tenente, 29.º Tenente, 30.º Tenente, 31.º Tenente, 32.º Tenente, 33.º Tenente, 34.º Tenente, 35.º Tenente, 36.º Tenente, 37.º Tenente, 38.º Tenente, 39.º Tenente, 40.º Tenente, 41.º Tenente, 42.º Tenente, 43.º Tenente, 44.º Tenente, 45.º Tenente, 46.º Tenente, 47.º Tenente, 48.º Tenente, 49.º Tenente, 50.º Tenente, 51.º Tenente, 52.º Tenente, 53.º Tenente, 54.º Tenente, 55.º Tenente, 56.º Tenente, 57.º Tenente, 58.º Tenente, 59.º Tenente, 60.º Tenente, 61.º Tenente, 62.º Tenente, 63.º Tenente, 64.º Tenente, 65.º Tenente, 66.º Tenente, 67.º Tenente, 68.º Tenente, 69.º Tenente, 70.º Tenente, 71.º Tenente, 72.º Tenente, 73.º Tenente, 74.º Tenente, 75.º Tenente, 76.º Tenente, 77.º Tenente, 78.º Tenente, 79.º Tenente, 80.º Tenente, 81.º Tenente, 82.º Tenente, 83.º Tenente, 84.º Tenente, 85.º Tenente, 86.º Tenente, 87.º Tenente, 88.º Tenente, 89.º Tenente, 90.º Tenente, 91.º Tenente, 92.º Tenente, 93.º Tenente, 94.º Tenente, 95.º Tenente, 96.º Tenente, 97.º Tenente, 98.º Tenente, 99.º Tenente, 100.º Tenente	Excellente	Excellente
Disposição physica	Louvores que mereceu	Castigos que lhe foram applicados	
Perseverança	Nenhum	Nenhum	

Circumstancias a observar

Data do embarque, local e procedencia	Commissões feitas pelo navio desde o embarque do official
3 de Outubro de 1880, em Lisboa, vindo no paquete "Lisboa" com guisa de Comandante Geral.	

Juizo que faz d'elle o commandante

- 1.º Sobre se é habil commandante de quarto. *Não sei, porque desde que entrei no Mar não vi o Sr. Mendonça*
- 2.º Sobre se estará apto para commandar um navio. *Não sei.*

Figura 2 - Avaliação a bordo da Corveta Duque da Terceira (BCM-AH²⁵)

²⁵ BCM-AH, Caixa 1416-2-3.

Nas suas primeiras viagens de jovem oficial embarcado visitou vários portos europeus que vieram a fazer desenvolver a sua veia de artista. Portos do Atlântico, Mediterrâneo, Itália, Gibraltar, Marrocos, Holanda, Inglaterra. Deliciado com a arte destes países resolve retratar, escrevendo à sua família os locais por onde passava e as sensações e emoções que vivera.²⁶

Com 15 anos, aquando o seu ingresso na Armada²⁷, conheceu aquela que viria a ser a sua futura esposa, tendo a 6 de março de 1880 pedido licença para casar, durante a sua estadia em África, com Amélia Bordalo Pinheiro com quem teve 3 filhos de seus nomes Virgínia Lopes de Mendonça, Alda Lopes de Mendonça e Vasco Lopes de Mendonça²⁸. Podemos ver na figura em baixo o seu pedido de licença para casar:

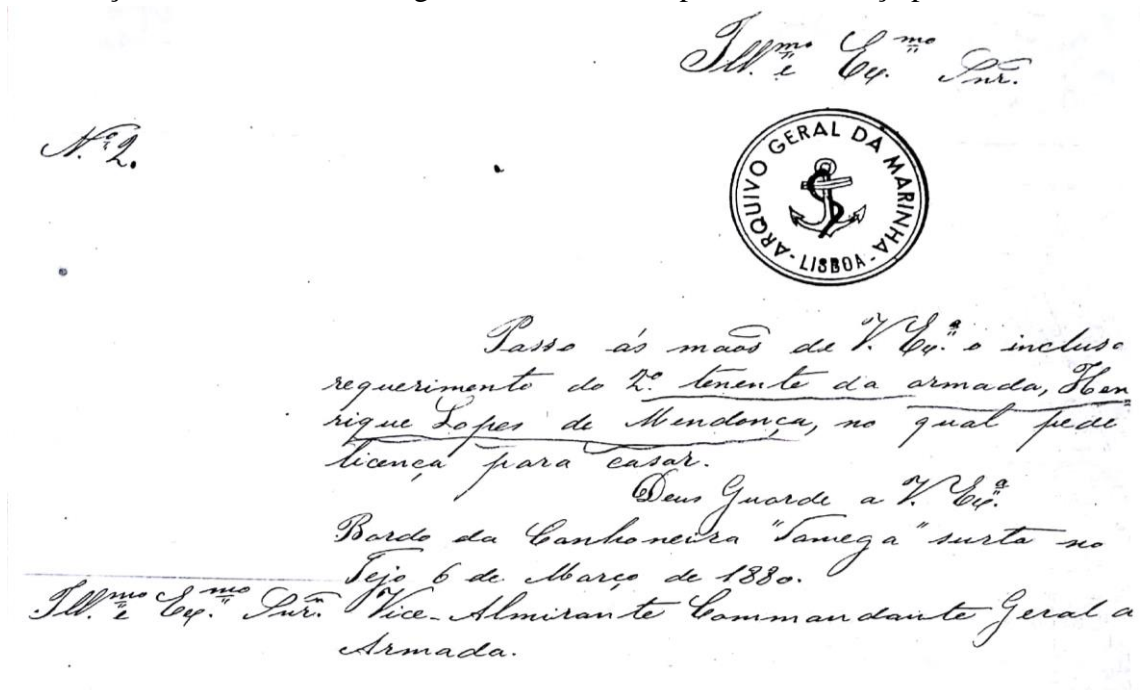


Figura 3 - Pedido de licença para casar (BCM-AH²⁹)

²⁶ J.M.R. Pereira, *Henrique Lopes de Mendonça - Investigador e historiógrafo de alto nível intelectual que muito honrou o País e dignificou a Armada*, p. 4.

²⁷ A.R. Cartaxo, *Projeto de Biografia de Henrique Lopes de Mendonça*, p. 6–7.

²⁸ BCM-AH, Caixa 756-6-5, 2; A.R. Cartaxo, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça», p. 17–18.

²⁹ BCM-AH, Caixa 756-6-5, 2.



A 31 de outubro de 1889³⁰ Lopes de Mendonça, ainda ITEN, foi encarregue por parte do Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e do Ultramar, Frederico Ressano Garcia, de elaborar uma obra onde segundo o publicado em portaria:

“(..) onde se historiem metodicamente os feitos da nossa Marinha de Guerra, ilustrada em todas as partes do mundo, desde o começo da monarquia, por grande número de conquistas e descobertas e por ousados navegadores de fama universal; (...)”³¹.

Lopes de Mendonça foi ainda autorizado a registrar, diretamente de todas as Estações Navais, o necessário e a utilizar ainda os meios necessários à realização da obra³². Obra esta que iria conferir a Lopes de Mendonça no dia 14 de julho de 1904, o título de oficial em “comissão especial”³³, prejudicando, contudo, a evolução da sua carreira, não sendo promovido aquando a sua reforma³⁴. Mas, infelizmente, esta obra nunca chegou a ser finalizada. Como podemos ver na carta de resposta à solicitação, escrita ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e do Ultramar a 1 de novembro de 1911, na qual nos damos conta do motivo pelo qual tal obra nunca chegou a ser concluída:

“Apenas iniciei o seu desempenho, tratei de recopilar na Biblioteca Nacional e nos arquivos públicos todos os subsídios utilizáveis. A poucos passos dados, reconheci com mágoa que mal me chegaria a vida, apenas com o meu trabalho individual, isento de auxiliares, para a elaboração de uma obra sintética e completa, sobre assumpto vastíssimo, que se prendia com os problemas mais complexos da história portuguesa. Deliberei, pois, vir aproveitando os subsídios já coligidos na elaboração de obras parcelares, e vali-me da publicidade que me proporcionava a Academia das Ciências, a qual incluiu esses trabalhos nas suas

³⁰ BCM-AH, Livro mestre B, fl. 97; BCM-AH, Caixa 756-6-5.

³¹ A.R. Cartaxo, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça», p. 19.

³² BCM-AH, Livro mestre B, fl. 97.

³³ BCM-AH, Livro mestre E, fl. 107.

³⁴ BCM-AH, Caixa 1416-2-3, 63.

coleções. Consinta V.Ex.^a que cite, entre eles, os “Estudos sobre os navios portugueses nos seculos XV e XVI”, que mereceram da autorizada pena de Oliveira Martins a qualificação de obra exaustiva, e “O Padre Fernando Oliveira e a sua obra náutica”, em que tive a honra de dar a público, além da biografia extensa do ilustre nautógrafo quinhentista, a primeira obra que sobre a construção naval se escreveu em língua portuguesa. Por outras coleções e periódicos ou em vários opúsculos³⁵ que me abstenho de relacionar, dispersei os resultados que ia alcançando das minhas pesquisas, todas elas realizadas com o esforço que podem analisar os que se dedicam em Portugal a trabalhos similares. Efetivamente, a falta quase absoluta de obras subsidiárias, gravada no meu caso com a carência de auxiliares técnicos, obriga o pesquisador a exercitar-se a pratica de paleografia, e ler e resumir documentos imensos, a multiplicar extraordinariamente o seu cabedal de apontamentos, notas e verbetes, a gastar finalmente em árduas tarefas de cabouqueiro o tempo que lhe falece para a construção de um sólido edificio.”³⁶.

Podemos ver na figura em baixo a carta que pôs término a esta comissão especial:

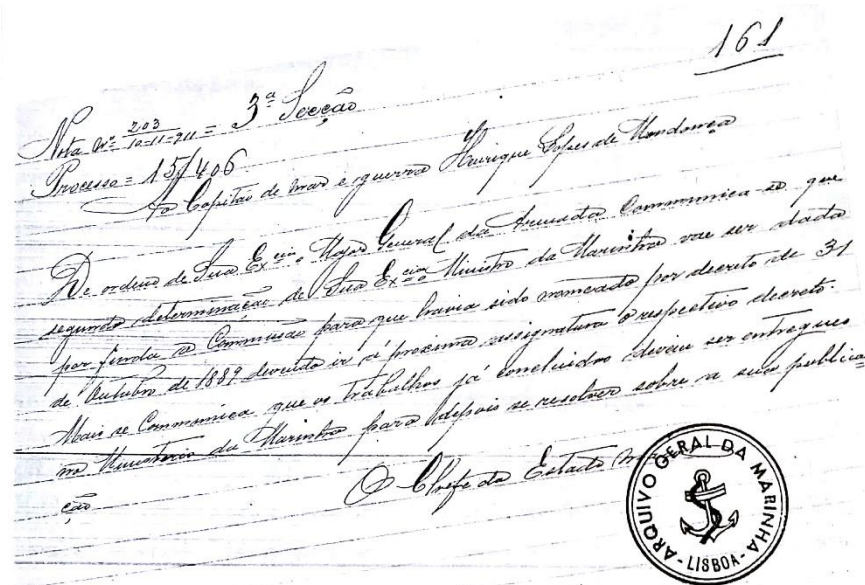


Figura 4 - Fim da comissão especial para realização do livro (BCM-AH³⁷)

³⁵ Livro pequeno sobre arte, ciência, etc.

³⁶ BCM-AH, Caixa 1416-2-3, 161, 2º parágrafo.

³⁷ BCM-AH, Caixa 756-6-5, 161.



1.3 Angola

Henrique Lopes de Mendonça viajou pelo continente africano entre 21 de março de 1876 (primeira viagem a África na Barca *Martim de Melo*) e 5 de março de 1882, quando iniciou a sua viagem de retorno a Lisboa com a canhoneira *Sado*. Esta fase foi interrompida entre 24 de janeiro de 1879 data na qual apresentou-se regressado da Estação Naval de Angola, tendo sido nomeado novamente para a mesma a 18 de agosto de 1880 e seguido viagem a 5 do mês seguinte no vapor *China* para Angola.³⁸

Entre 1876 e 1882 passou por Cabo Verde, S. Tomé, Guiné e Angola, mas foi a esta última colónia mencionada que se sentiu mais ligado.

Angola, local onde se situava a Estação Naval em que serviu durante cerca de 3 anos e meio, de 9 de março de 1877 a 22 de dezembro de 1878 e de 3 de outubro de 1880 a 5 de março de 1882. Foi aqui, em Luanda, que desenvolveu a sua “alma de artista”³⁹, para ele Angola era monótona e bastante quente, como podemos ver neste excerto:

“A dureza do clima, as precárias condições de vida a bordo, o manifesto imobilismo verificado no progresso ultramarino, a monotonia rotineira do dia a dia, a modéstia do nível intelectual e cultural de Luanda, aliadas a morosidade do serviço postal e as fundas saudades da família, chegaram a desenvolver em Lopes de Mendonça certo grau de frustração e de descrença na profissão que abraçara e a manifestar o desejo de mudar de rumo e sua vida abraçando a carreira das letras.”⁴⁰

³⁸ BCM-AH, Livro mestre B, fl. 97; BCM-AH, livro mestre E fl. 107.

³⁹ A.R. Cartaxo, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça», p. 17.

⁴⁰J.M.R. Pereira, *Henrique Lopes de Mendonça - Investigador e historiógrafo de alto nível intelectual que muito honrou o País e dignificou a Armada*, p. 4.



1.3.1 Estado de espírito

Visto não se ter conseguido encontrar o paradeiro das cartas que Lopes de Mendonça escrevera a seu pai, foi direcionado o foco para aquelas que Lopes de Mendonça escrevera à sua mulher e aquelas que recebia de seu pai. Pode então averiguar-se o seu estado de espírito durante a sua primeira estadia na Estação Naval de Luanda, no trabalho de Jorge Maia Ramos Pereira, onde nos dá a conhecer algumas das cartas que escrevera a seu pai, descrevendo o que sentia, como estava e o que achava desta cidade e pessoas⁴¹.

Nas cartas que recebera de seu pai, este encoraja-o e lembra-o da carreira que segue e a grandeza da mesma, encorajando-o a seguir também a carreira de letras (mas não unicamente), alertando-o para as dificuldades que poderia ter para conciliar ambos os ofícios, como podemos ver na carta que lhe escreve a 4 de novembro de 1878:

“(…) Repito, compensa-nos a lembrança de que tens uma carreira que te proporciona decentemente o pão quotidiano certo (...). Em geral o oficial da marinha dedica-se unicamente ao exercício da sua profissão, poderá ser um grande perito da navegação, mas nunca descobrirá a dimensão dos fotões, nem moverá navios pela pressão do ar. Contudo, a tua profissão não impede absolutamente que estudes mais alguma coisa (ainda bem que o desejas) e que te ponhas ao abrigo das correrias marítimas. Se assim o desejas, não está tudo na tua mão, mas está muito para te poderes habilitar a pretender alguma outra coisa que não seja restritamente o serviço da navegação. (...) Pela tua carta parece que eu reprovava a tua queda para a literatura. Tu não te lembras bem. O que sempre to disse foi que essa tendência era boa e para ser boa bastava obrigares-te a estudar, procurando e consultando este e aquele outro livro, mas o que te dizia ao mesmo tempo era “não é para isso que tens que fazer exame” e tem paciência que te diga mais uma vez que “podias ter a tua esquerda todo o grupo do teu tempo”. Consulta a tua consciência e vê se, isto é, ou não verdade. Sempre te percebi o desejo do curso superior de letras. Bem estudavas o curso superior, farias uma figura bonita, etc. e depois? Depois não tinhas nem um vintém para

⁴¹*Ibid.*, p. 4–6.



cigarros; e se tivesses n`alguma ocasião meia dúzia de libras por alguma produção, estarias semanas e meses sem nada, como acontecia a teu tio António e acontece a todos. “⁴².

1.3.2 O vencer da monotonia

Henrique Lopes de Mendonça não se encontrando agradado com esta situação, e para tentar vencer a “monotonia rotineira do dia a dia”⁴³, escrevia à sua amada Amélia⁴⁴ poemas, ocupava-se com leituras, leituras estas de livros nunca antes regateados como:

“uma História de Portugal em cinco volumes, obras de Eça de Queirós, de Victor Hugo de Shakespeare, de Cervantes (D. Quixote), de Guerra Junqueiro, as Farpas, do Ramalho Ortigão, jornais, revistas, etc.”⁴⁵,

e, na aprendizagem de um instrumento musical, o baixo. Fazia assim parte de uma fanfarra como baixista, como disse numa carta que escreveu a Columbano. Promoveu ainda e participou, nas suas horas vagas de serviço e das leituras e com a ajuda de camaradas que estavam consigo embarcados, um sarau teatral⁴⁶ para a beneficência da cidade, onde interpretou um monólogo do 3º ato da tragédia *Hamlet* de Shakespeare⁴⁷.

Publicou e colaborou também em diversos artigos de revistas e jornais de Angola, gerando polémica com um deles que desfez sérias críticas ao seu trabalho sobre tema ultramarino⁴⁸. Esta polémica deu-se numa publicação feita por Lopes de Mendonça no

⁴² BNP, Espólio da família Lopes de Mendonça, N53/615.

⁴³ J.M.R. Pereira, *Henrique Lopes de Mendonça - Investigador e historiógrafo de alto nível intelectual que muito honrou o País e dignificou a Armada*, p. 4.

⁴⁴ BNP, Espólio da família Lopes de Mendonça, N53/967-1031.

⁴⁵ J.M.R. Pereira, *Henrique Lopes de Mendonça - Investigador e historiógrafo de alto nível intelectual que muito honrou o País e dignificou a Armada*, p. 5.

⁴⁶ A.R. Cartaxo, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça», p. 18.

⁴⁷ BNP, Espólio da família Lopes de Mendonça, N53/1047.

⁴⁸ J.M.R. Pereira, *Henrique Lopes de Mendonça - Investigador e historiógrafo de alto nível intelectual que muito honrou o País e dignificou a Armada*, p. 6.



Jornal de Luanda a 3 de maio (não tendo sido possível determinar ano) sobre as missões religiosas na costa Oriental de África, tendo sido posteriormente combatida no *Jornal do Comércio* a 5 de maio do mesmo ano. Esta discórdia levou Lopes de Mendonça a escrever uma carta ao Exmo. Redator do *Jornal do Comércio* onde explica melhor o seu ponto de vista.

Mais tarde foi convidado a fazer parte da Sociedade de Geografia de Luanda realizando para ela alguns trabalhos de grande relevância. E, no dia antes do seu tão desejado retorno a Lisboa, resolve então, talvez como forma de manifestar a sua profunda veia republicana, apresentar a sua candidatura a Deputado por Luanda, feito este não alcançado.

Foi também em Luanda que desenvolveu a sua “veia” de professor, tendo sido também um dos responsáveis, juntamente com o imediato CTEN Miguel Maximiano da Cunha, pela criação de uma Escola de Primeiras Letras⁴⁹ a bordo da corveta *Sá da Bandeira*. Esta escola foi iniciada a 29 de janeiro de 1878 e teria como professor o na altura GMAR Henrique Lopes de Mendonça. Esta escola foi dada a conhecer por um ofício do Comandante da corveta *Sá da Bandeira*, CFR Francisco Teixeira da Silva, escrito a 4 de março de 1878, onde explicita o tempo que a escola já tem, o professor e o número de alunos, que no momento seriam 17 e que estariam todos a ter um “mais ou menos” aproveitamento. Na figura em baixo podemos ver o ofício escrito pelo Comandante:

⁴⁹ BCM-AH, Caixa 587-1, 448, ofício nº 49 do CO.




10 de Março de 1878

M.º Cu.º nº 49

4-3-1878

448

N.º 49



Deus Guarde a V.ª Ca.ª que deu a iniciativa de meu imediato, o Capitão tenente Miguel Maximiano da Cunha, se estabeleceu na esta Corveta uma escola de primeiras letras, leccionada pelo Guarda-Marinha Henrique Lopes de Mendonça, o qual se prestou a este serviço, sendo unicamente dispensado dos exercícios parciais.

Esta escola, que tem 35 dias de existência, conta 17.ºs espontâneos alumnos todos com mais ou menos aproveitamento.

Deus Guarde a V.ª Ca.ª

Bordo da Corveta S.ª da Bandeira, no porto de Lourenço, 4 de março de 1878

M.º Cu.º Sr. Director Geral da Marinha.

Francisco Teixeira da Silva

Ar. 1878

Figura 5 – Ofício 49 escrito a 4 de março de 1878 pelo comandante da Corveta Sá da Bandeira, CFR Francisco Teixeira da Silva (BCM-AH⁵⁰).

⁵⁰ BCM-AH, Caixa 587-1, 448.



1.3.3 A situação em Angola

Nesta altura a Armada realizava em Angola presença naval, fiscalização e policiamento, atuando mais incisivamente no tráfico negreiro. Esta presença naval era realizada através da Estação Naval, estação esta que era composta por diversos navios de diferentes tipos que permaneciam na região e, dos quais, se alteravam as guarnições. Um sistema de rotatividade de cerca de 2 anos no qual se fazia a ligação à metrópole através de paquete, fazendo com que as guarnições rendessem no local. Nesta altura, apenas conseguiam ter notícias de casa cerca de uma vez por mês e foi nesta altura que Henrique Lopes de Mendonça recebeu também notícias muito agradáveis como o nascimento de sua filha Virgínia, mas também desagradáveis como o falecimento de sua mãe⁵¹. Sentia-se desolado e impotente por ir sabendo das notícias de sua mãe cada vez mais doente, e, diziam-lhe que a presença dele atenuaria a sua dor, mas Lopes de Mendonça estava em Luanda e nada podia fazer para melhorar a situação.

1.3.4 Comissões

Durante o seu período em África (de 1878 a 1882) realizou variadas comissões em diferentes tipos de navios. De entre eles, e como já evidenciei no quadro do capítulo anterior, destacam-se: a canhoneira *Quanza*, a corveta *Sá da Bandeira*, a corveta *Bartolomeu Dias*, a canhoneira *Tâmega* e a corveta *Duque da Terceira*. No quadro em baixo representado pretendo dar a conhecer a guarnição dos navios que, juntamente com Henrique Lopes de Mendonça, fizeram comissão em África nesta época:

⁵¹ BNP, Espólio da família Lopes de Mendonça, N53/967-1031.

**Guarnição (Oficiais)**

Data	Navio	Guarnição
1878	Canhoneira <i>Quanza</i>	<ul style="list-style-type: none">- (CO) CTEN António Joaquim de Mattos- (XO) 1TEN Ernesto Augusto do Vale- 2TEN Joaquim Alves Pimenta de Avelar Machado- 2TEN António Júlio de Oliveira Andreas
	Corveta <i>Sá da Bandeira</i> (Escola de Primeiras Letras)	<ul style="list-style-type: none">- (CO) CFR Francisco Teixeira da Silva- (XO) CTEN Miguel Maximiano da Cunha- 2TEN João Augusto Schultz Correia- 2TEN João Abel Antunes de Mesquita Guimarães
1879	Fragata <i>D. Fernando</i> (Escola Prática de Artilharia, situada em Lisboa)	<ul style="list-style-type: none">- (CO) CFR José Alemão de Mendonça Cisneros e Faria Júnior- (Instrutor) 1TEN Augusto Ivo de Campos Ferreira- (Instrutor) 1TEN Torquato Ezequiel dos Prazeres Machado- (Instrutor) 1TEN Carlos Augusto Schultz Xavier
	Corveta <i>Bartolomeu Dias</i>	<ul style="list-style-type: none">- (CO) CFR Manuel Joaquim Ferreira Marques- (XO) CTEN Henrique Correia de Araujo- 1TEN Silvestre Augusto Pereira de Miranda- 1TEN Manuel Luiz Mendes Leite- 1TEN João Maria da Costa- 2TEN Caetano Rodrigues Caminha- 2TEN José Maria da Silva



1880	Canhoneira Tâmega	- (CO) CTEN Pedro Ignacio do Rio de Carvalho - (XO) 1TEN Cypriano Lopes de Andrade - 2TEN Francisco Thomás de Brito Soares - 2TEN Amaro Justiniano de Azevedo Gomes
	Corveta Duque da Terceira	- (CO) CFR Francisco Teixeira da Silva - (XO) CTEN João Carlos Adrião - 1TEN Julio Cesar Monteiro Cabral - 2TEN Guilherme Augusto de Cunha e Silva - 2TEN João Manuel Guerreiro de Amorim
1881	Corveta Duque da Terceira	- (CO interino) CTEN Henrique Correia de Araujo - 2TEN Manuel Medeiros e Albuquerque - 2TEN Luís Bernardo Leitão Xavier
1882	Corveta Duque da Terceira	- (CO) CTEN António Joaquim de Mattos - 2TEN José Aleixo Ribeiro

Tabela 4 - Guarnição dos Navios em Angola (BCM-AH ⁵²)

⁵² Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada* ; Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada* ; Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada* ; Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada* ; Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada* .



1.4 A Maçonaria

Henrique Lopes de Mendonça foi também iniciado na maçonaria em data que não consegui ainda determinar, porém, muito possivelmente, terá ocorrido depois da sua vinda de África. Após procurar nas Listas da Armada relativas a este período (de 1878 a 1882) e fazendo o cruzamento de dados dos oficiais embarcados com Lopes de Mendonça e os oficiais que fizeram parte da maçonaria, não encontrei registos de nenhum oficial da maçonaria que tivesse estado embarcado com Lopes de Mendonça durante a sua comissão em África⁵³ (descritos na tabela 4). E, tendo em conta que em 1895 teria o 7º grau⁵⁴ (visto existirem 33 graus), julga-se ser mais provável que a sua iniciação se tenha dado depois do retorno da comissão em África em 1882.

Foi iniciado com o nome simbólico “Tyrteu”, e regularizado a 9 de maio de 1894 na loja Ourique nº190 de Lisboa. Do seu percurso na maçonaria, António Ventura escreveu o seguinte:

“Tinha o grau 7º em 31-5-1895. Regularizado pelo Grão-Mestre Magalhães Lima em 21-12-1910, foi filiado da loja Pureza nº2, de Lisboa. Saiu do Grande Oriente Lusitano Unido com a loja em 31-10-1914, segundo a cisão do supremo concelho. Esta oficina só regressou ao GOLU⁵⁵ em 1935, pelo que não se sabe até quando Lopes de Mendonça ali se manteve em atividade.”⁵⁶.

Em Portugal era mais usual nesta altura a prática do Rito Escocês Antigo e Aceite, que se decompunha em 33 graus:

⁵³ Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada* ; Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada* ; Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada* ; Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada* ; Direcção Geral da Marinha, *Lista da Armada*.

⁵⁴ António Ventura, *A Marinha de Guerra Portuguesa e a Maçonaria*, 1ª., Lisboa, Nova Vega, 2013, p. 135.

⁵⁵ Grande Oriente Lusitano Unido.

⁵⁶ A. Ventura, *A Marinha de Guerra Portuguesa e a Maçonaria*, p. 135.



Graus simbólicos, tradicionais Lojas Simbólicas⁵⁷:

1 – Aprendiz

2 – Companheiro

3 – Mestre

Altos Graus, Lojas de Perfeição:

4 – Mestre Secreto

5 – Mestre Perfeito

6 – Secretário Íntimo ou Mestre por Curiosidade

7 – Preboste e juiz ou Mestre Irlandês

8 – Intendente dos Edifícios ou Mestre em Israel

9 – Mestre Eleito dos Nove

10 – Ilustre Eleito dos Quinze

11 – Sublime Cavaleiro Eleito

12 – Grão-Mestre Arquiteto

13 – Cavaleiro do Real Arco (de Enoch)

14 – Grande Eleito da Abóboda Sagrada de Jaime VI ou Grande Escocês da Perfeição ou Grande Eleito ou Antigo Mestre Perfeito ou Sublime Maçon

Capítulos:

15 – Cavaleiro do Oriente ou da Espada

16 – Príncipe de Jerusalém

17 – Cavaleiro de Oriente e Ocidente

18 – Cavaleiro ou Soberano Príncipe Rosa Cruz

⁵⁷ António Arnaut, *Introdução à Maçonaria*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2017, pp. 35–



Areópagos:

- 19 – Grande Pontífice ou Sublime Escocês da Jerusalém Celeste
- 20 – Venerável Grão-Mestre de todas as lojas ou Soberano Príncipe da Maçonaria ou Mestre ad Vitam
- 21 – Noaquita ou Cavaleiro Prussiano
- 22 – Cavaleiro do Real Machado ou Príncipe do Líbano
- 23 – Chefe do Tabernáculo
- 24 – Príncipe do Tabernáculo
- 25 – Cavaleiro da Serpente de Bronze
- 26 – Escocês Trinitário ou Príncipe da Mercê
- 27 – Grande Comendador do Templo ou Soberano Comendador do Templo de Salomão
- 28 – Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto
- 29 – Grande Escocês de Santo André da Escócia ou Patriarca dos Cruzados ou Grão-Mestre da Luz
- 30 – Grande Eleito Cavaleiro Kadosch ou Cavaleiro da Águia Branca e Negra

Graus Administrativos:

- 31 – Grande Inspetor Inquisidor Comendador
- 32 – Sublime Príncipe do Real Segredo
- 33 – Soberano Inspetor Geralin



1.5 O culto homem de letras

Lopes de Mendonça foi sócio do Clube Militar Naval (CMN) desde 1876⁵⁸, membro honorário do P.E.N.⁵⁹ Club, em Londres, sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa a partir de 1890⁶⁰ e sócio honorário da Academia de Estudos Livres⁶¹. Foi nomeado bibliotecário da Escola Naval a 21 de janeiro de 1897, tendo recebido guia e se apresentado a 27 de janeiro de 1897, e tendo-se retirado do cargo a 22 de novembro de 1901⁶².

Foi eleito sócio efetivo da Academia Real das Ciências de Lisboa a 14 de julho de 1900, tendo-se tornado presidente da mesma em 1915, após término da sua carreira na Armada. Podemos ver a carta da sua eleição a sócio efetivo no anexo 12.

Sócio também do Instituto de Coimbra e da Academia Brasileira de Letras desde 1923, foi ainda nomeado professor efetivo da 11^a cadeira da Escola de Belas Artes de Lisboa a 14 de novembro de 1901⁶³ e tendo sido professor de geografia, história e literatura na Escola de Belas Artes de Lisboa até 1929⁶⁴. Podemos ver nos anexos 7 dois documentos intitulados “Pontos 11^a Cadeira” retirados do Espólio de Henrique Lopes de Mendonça do Centro de Documentação do Museu de Marinha, que muito possivelmente seriam as matérias a lecionar nesta cadeira, e, como nos dois documentos as matérias não coincidem, possivelmente seriam referentes a anos diferentes.

⁵⁸ A.R. Cartaxo, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça», p. 18.

⁵⁹ Poets, Essayists and Novelists.

⁶⁰ BCM-AH, Livro mestre E, fl. 107; BCM-AH, Livro mestre B, fl. 97.

⁶¹ Henrique Lopes de Mendonça, «4^o Centenário do Descobrimento do caminho marítimo para a Índia - Da Unidade do Pensamento no Ciclo das Descobertas» in *Anais da Academia de Estudos Livres*, Lisboa, 1898, p. 1.

⁶² BCM-AH, Livro mestre E, fl. 107; BCM-AH, Livro mestre B, fl. 97.

⁶³ BCM-AH, Livro mestre E, fl. 107.

⁶⁴ A.R. Cartaxo, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça», p. 20.



Foi ainda o fundador da Sociedade Portuguesa de Autores em 1925, tendo sido o seu primeiro presidente⁶⁵. Vogal do Conselho de Arte Dramática e membro das comissões oficiais dos centenários de Vasco da Gama e Colombo.⁶⁶ Em 1911 formou a Associação de Classe dos Autores Dramáticos Portugueses e fez parte também da Repartição de Turismo criada no mesmo ano, e ainda fundador da Arqueologia Naval Portuguesa com as obras *Estudos sobre Navios Portugueses dos séculos XV e XVI* (1892) e *O Padre Fernando de Oliveira e a sua obra náutica* (1898)⁶⁷.

Recebeu vários prémios e condecorações, em 1887 ganhou o prémio D. Luís, da Academia Real de Ciências, com a obra *O Duque de Viseu*⁶⁸, em 1888 obteve o prémio D. Luís novamente agora com o drama *A Morta*⁶⁹, Grã-Cruz de Santiago de Espada em 1922⁷⁰, comendador da Real Ordem Militar de S. Bento de Avis, comendador da justiça, nobilíssima e reclamada Ordem de S. Tiago, de mérito científico, literário e artístico da Armada e medalha de prata e ouro de Comportamento Exemplar. Podemos ver no quadro em baixo uma síntese das mesmas:

⁶⁵ Eugénio Lisboa, «Henrique Lopes de Mendonça» in Francisco Lyon de Castro (ed.), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, 10266/5054., Lisboa, Publicações Europa América, 1990, vol.II, pp. 390–391.

⁶⁶ Henrique Lopes de Mendonça, *Os Contemporaneos : Henrique Lopes de Mendonça : A sua vida e a sua obra*, Lisboa, Diário de Notícias, 1926, p. 3.

⁶⁷ A. Ventura, *A Marinha de Guerra Portuguesa e a Maçonaria*, p. 135.

⁶⁸ Peça de Drama histórico em verso de 5 atos estreada em 19 de março de 1886; J.M.R. Pereira, *Henrique Lopes de Mendonça - Investigador e historiógrafo de alto nível intelectual que muito honrou o País e dignificou a Armada*, p. 7–10 ; A.R. Cartaxo, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça», p. 18–19.

⁶⁹ Peça de Drama histórico em verso, H.L. de Mendonça, *Os Contemporaneos : Henrique Lopes de Mendonça : A sua vida e a sua obra*, p. 3.

⁷⁰ BCM-AH, Livro mestre E fl. 107; BCM-AH, Caixa 756-6-5, 142.



Condecorações e Prémios

Condecoração / Prémio	Data
Prémio D. Luís ⁷¹	1887 e 1888
Louvor pelo desempenho dos seus deveres a bordo da Corveta Affonso D’Albuquerque	11 de outubro de 1886
Comendador da real ordem militar de S. Bento de Avis	1895
Medalha de prata de Comportamento Exemplar	1903
Comendador da justiça, nobilíssima e reclamada ordem de S.Tiago, de mérito científico, literário e artístico da armada	1907
Medalha de ouro de Comportamento Exemplar	1918
Grã-Cruz de Santiago de Espada	1922
Louvor pelo esforço e interesse na execução das festas de Vasco da Gama que se realizaram de 25 a 30 de janeiro de 1925	21 de maio de 1925

Tabela 5 - Condecorações (BCM-AH ⁷²)

Foi um ilustre oficial da Armada Portuguesa, escritor, poeta, dramaturgo, historiador, cronista, arqueólogo naval e romancista, com várias obras publicadas e peças ensaiadas, que Hernâni Cidade descreve como:

“Um perfeito tipo de marinheiro-letrado, dando à designação o sentido de personalidade que se realizou em plenitude, a um tempo interessado pela técnica da sua profissão de marinheiro (...) e pela missão a que a consciência de português, de homem e de artista o obrigava, uma obra de exaltação pelo livro e pela conferência, das qualidades mais nobres de Portugal”⁷³.

⁷¹ Prémio atribuído ao melhor romance determinado por concurso promovido e atribuído pela Academia Real das Ciências.

⁷² BCM-AH, Livro Mestre E fl. 107; BCM-AH, Caixa 756-6-5, 142; BCM-AH, Livro Mestre de Oficiais Reformados n°2 fl. 53.

⁷³Hernâni Cidade, «Uma exposição de livros de homens do mar», *Anais do Clube Militar Naval*, 1966, pp. 84–85.

Tendo falecido a 24 de agosto de 1931, com 75 anos, em Lisboa⁷⁴, e foi a 21 de janeiro de 1933, na Academia das Ciências de Lisboa, que se realizou a sua consagração académica, onde, Júlio Dantas no seu discurso descreve Henrique Lopes de Mendonça como:

“Mestre incontestado, amigo inolvidável, nome aclamado pelos velhos de hoje, murmurado de-certo, com gratidão e respeito, pelas crianças de amanhã! Que exemplo da sua vida sem mácula; que lição da sua bondade, da sua lealdade, do seu espírito de tolerância, do seu amor pelo povo e pela terra que nos foi berço; que os puros ideais nacionais, que palpitam na sua obra deslumbrante, possam inspirar todos os portugueses, uni-los num movimento fraterno, erguê-los na aspiração duma pátria ainda maior!”⁷⁵.



Figura 6 - Henrique Lopes de Mendonça ⁷⁶

⁷⁴ BCM-AH, Livro mestre E, fl. 107.

⁷⁵ Julio Dantas, Eugénio de Castro e Joaquim Leitão, *Consagração Académica de Henrique Lopes de Mendonça*, Coimbra, Imprensa da Univercidade, 1933, pp. 12–15.

⁷⁶ *Henrique Lopes de Mendonça*, <http://tinyurl.com/yyupbvwf>, (consultado a 27 de Março de 2019).



Capítulo II – Obras de Henrique Lopes de Mendonça

Neste capítulo, como já foram realizados excelentes trabalhos relativos à sua brilhante e extensa obra, vai ser efetuada apenas uma breve introdução e um sumário do que foi o seu percurso literário. Fazendo referências de trabalhos já realizados e tentando referir mais especificamente o seu grande leque de obras publicadas.

2.1 O escritor Dramático

Henrique Lopes de Mendonça destacou-se no mundo da Literatura criando variadas obras de renome tanto nacional como internacional. Destacou-se como um poeta, romancista, novelista, historiador, arqueólogo, dramaturgo e no teatro. Não se destacou muito com as suas obras enquanto vivo, mas foi sim, após a sua morte, que o reconhecimento tão merecido lhe foi dado, como nos diz Júlio Dantas no seu discurso de 1933 na Academia das Ciências: “ Não reconheceu, talvez, as grandes popularidades. Não atingiu, fora da Academia, as grandes situações.”⁷⁷

Como escritor dramático escreveu a obra *A Noiva* que proporcionou também o início da sua carreira no teatro a 9 de fevereiro de 1884, desde então escreveu e realizou várias peças tendo tido estas dos maiores êxitos no nosso País. Seguiram-se a esta *O Duque de Viseu*, *A Morta*, *Paraíso conquistado*, *Sol Novo*, *Affonso D’Albuquerque*, *Salto Mortal*, *O Amor Louco*, *Tiçãõ Negro*, *Nó Cego*, *O Azebre*, *Auto das Tágides* e *A Herança e Saudade*⁷⁸. Sendo que os dramas que mais proporcionaram a fama literária de Lopes de Mendonça foram *O Duque de Viseu*, *Affonso D’Albuquerque* e *A Morta*. A primeira representação da obra *O Duque de Viseu* foi a 19 de março de 1886 e teve um efeito fenomenal, sendo aplaudida efusivamente pelos espetadores e ganhando o prémio D.

⁷⁷ J. Dantas, E. de Castro e J. Leitão, *Consagração Académica de Henrique Lopes de Mendonça*, p. 12–15.

⁷⁸ *Ibid.*



Luís, da Academia Real de Ciências⁷⁹, em 1887. Em 1888, Lopes de Mendonça obteve o prémio D. Luís novamente, agora com o drama *A Morta*⁸⁰.

Era republicano e dava grande importância às figuras populares. A sua grande paixão pela história contemporânea levou-o a reagir bastante violentamente ao ultimato inglês, que fez com que redigisse o poema “A Portuguesa” em 1890, cuja versão final, musicada por Alfredo Keil, mais tarde viria a ser adotada e proclamada como Hino Nacional a 19 de junho de 1911. Desde a implantação da República a 5 de outubro de 1910 que esta é respeitada e homenageada quando tocada, mas apenas a 19 de junho de 1911 foi proclamada oficialmente como Hino Nacional Português.⁸¹

Redigiu também uma proposta para adoção das cores da nossa bandeira nacional em finais de 1910, proposta esta que dita que se deveria dar a possibilidade de escolha à população através de voto nas próximas eleições de delegados à Assembleia Nacional Constituinte, colocando as letras AB (Azul e Branco) e VE (Verde e Encarnado) para o seu voto. Como podemos ver na proposta em questão:

“Ao cabo de quasi dois meses de existência, o Governo Provisório da República ainda não resolveu a questão da bandeira nacional. Poderá o assumpto parecer de somenos importância a espíritos poucos refletidos; mas a verdade é que prende com os mais delicados e profundos sentimentos do coração portuguez. Por isso, apresentados argumentos de toda a ordem para a escolha das cores e do emblema, o conflito parece permanecer irreductivel, sobretudo entre os partidários das antigas cores constitucionais e os das cores revolucionárias. Reconhece-se que o intrincado problema não pode afinal resolver-se pela lógica, apoiada em invocações ou em conveniências políticas. Um sentimento radicado

⁷⁹ Peça de Drama histórico em verso de 5 atos estreada em 19 de março de 1886; A.R. Cartaxo, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça», p. 19–20 ; J.M.R. Pereira, *Henrique Lopes de Mendonça - Investigador e historiógrafo de alto nível intelectual que muito honrou o País e dignificou a Armada*, p. 7–10.

⁸⁰ Peça de Drama histórico em verso; H.L. de Mendonça, *Os Contemporaneos : Henrique Lopes de Mendonça : A sua vida e a sua obra*, p. 3.

⁸¹ M. de Aguiar, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça, No cinquentenário da sua morte».



é, por sua essência, mudo á voz da razão. E o certo é que de ambos os lados dominam sentimentos respeitáveis, que não se deixam aluir nem pela autorizada dialectica de Sr. Theophilo Braga nem pela coruscante prosa do Sr. Guerra Junqueiro. Se algumas centenas de revolucionários veem o vermelho e verde a cor do sangue que derramaram pelo ideal conquistado e da esperança que os animava de uma luta gloriosa, há por outra parte centenas de soldados que veem no antigo pendão a coloração do ceu africano sob o qual combateram intrepidamente pela pátria e do fumo dos canhões que os envolvia n'esses momentos históricos. Como conciliar estes sentimentos adversos?

É escusado volver aos argumentos, já esgotados pelos partidários das duas fórmulas. A demora da resolução denuncia as hesitações produzidas no espírito do Governo pelo embate sucessivo das argumentações opostas. Ora existe um expediente, o mais consentâneo com a índole democracia do actual régimen, para derimir em definitivo a contenda.

E ninguém de boa fé, n'um ou n'outro campo, poderá recusar-se a aceitá-lo. Consiste em confiar á vontade popular a solução reclamada, por meio de um plebiscito.

Como se realizaria esse plebiscito? De uma maneira simplicíssima. Nas listas para as próximas eleições de delegados á Assembleia Nacional Constituinte, seriam os eleitores convidados a manifestar-se com respeito ao debatido assumpto, inscrevendo n'elas, conforme as suas sympathias, as letras AB (Azul e Branco) ou VE (Verde e Encarnado), visto que é com respeito a estes grupos chromáticos que existe a principal divergência. Somados em todas as assembleias eleitorais os votos a favor de ambos os grupos, a maioria absoluta decidiria por uma vez o assumpto que tanto interessa o sentimento nacional. (...)⁸².

⁸² A. Estácio dos Reis, «O Comandante Henrique Lopes de Mendonça», *Revista da Armada*, Junho 1984, n. 153.

Realizou várias publicações em jornais como o *Comércio do Porto* e o *Diário de Notícias* e publicou também variados documentos nos *Anais do Clube Militar Naval*. Publicações estas que, devido a alguma falta de documentação na fonte, se julga não terem sido encontradas na totalidade.



HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

Figura 7 – Henrique Lopes de Mendonça. Imagem publicada no periódico *Ilustração Portuguesa* a 7 de janeiro de 1907 sobre a peça *Affonso de Albuquerque*. (CDMM⁸³)

⁸³ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15663.27/2B.



2.2 Teatro

Como escritor dramático escreveu variadas obras, algumas que também lhe proporcionaram a entrada no mundo do teatro. Foi com a sua obra *A Noiva* que deu início à sua carreira no palco do teatro D. Maria II a 9 de fevereiro de 1884 e, no mesmo teatro, a 19 de março de 1886 a obra *O Duque de Viseu*. Desde então escreveu e realizou várias peças que tiveram grande êxito no nosso País⁸⁴, tais como⁸⁵:

A Noiva, O Duque de Viseu, A Morta, O salto mortal, Paraíso Conquistado, Sol Novo, Amor Louco, Theatro pitoresco, Affonso D'Albuquerque, O Azebre, Auto das Tágides, A Herança, Saudade e O crime de Arronches.

Foram ainda representadas em teatros algumas peças que nunca foram publicadas, como por exemplo:

“A Estátua”, “Batalha Eleitoral”, “Joanna”, “As Cores da Bandeira”, “O Alfenim”, “O Tição Negro” e “O Espadachim do Outeiro”.

Sendo ainda um dos impulsionadores, com alguma destas obras, para a criação de uma Ópera Nacional utilizando obras como a “Serrana” (música de Alfredo Keil), “O Tição Negro” e o “Espadachim”⁸⁶.

⁸⁴ A.R. Cartaxo, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça», p. 18 ; J.M.R. Pereira, *Henrique Lopes de Mendonça - Investigador e historiógrafo de alto nível intelectual que muito honrou o País e dignificou a Armada*, p. 2–6.

⁸⁵ H.L. de Mendonça, *Os Contemporaneos : Henrique Lopes de Mendonça : A sua vida e a sua obra*, p. 7–10.

⁸⁶ E. Lisboa, «Henrique Lopes de Mendonça», p. 390–391.



2.3 Arqueologia Naval

Quanto a termos arqueológicos, Henrique Lopes de Mendonça foi o fundador da Arqueologia Naval Portuguesa, matéria que já desde muito cedo lhe tinha suscitado grande interesse, quando já em 9 de julho de 1879, ainda como 2TEN, teria redigido uma carta a solicitar o seu ingresso na comissão geológica do reino. Pedido este que acabou por lhe ser recusado pelo Diretor Geral da Marinha⁸⁷ que entendeu que Lopes de Mendonça não poderia ter as suas comissões de embarque prejudicadas pela entrada na comissão geológica ainda tão cedo na sua carreira.

Mas não foi com a existência deste percalço que Lopes de Mendonça desistiu, nunca deixando apagar este seu grande interesse pela arqueologia naval e acabando por mais tarde publicar várias obras de grande relevância e importância para a Arqueologia Naval, como as obras *Estudos sobre Navios Portugueses dos séculos XV e XVI* publicada em 1892 e *O Padre Fernando de Oliveira e a sua obra náutica* publicada em 1898.

⁸⁷ BCM-AH, Caixa 756-6-5



2.4 Lista de Obras ⁸⁸

Foi tentado fazer uma relação das obras de Henrique Lopes de Mendonça, relação esta que se tentou que estivesse o mais completa possível devido à vasta abundância de publicações e obras realizadas pelo ilustre escritor, bem como a relativa dificuldade da localização de algumas das suas obras e publicações. Esta listagem de obras, devido a ser bastante extensa, foi colocada em anexo (Anexo 13), devidamente identificada. Espera-se que esta tentativa possa ajudar a futuras investigações e que ajude a melhor compreender a dimensão da obra de Henrique Lopes de Mendonça.

⁸⁸ H.L. de Mendonça, *Os Contemporaneos : Henrique Lopes de Mendonça : A sua vida e a sua obra*, p. 7–10.



Capítulo III – Comemorações do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia e sua Controvérsia

Neste capítulo pretende-se fazer uma referência às publicações feitas por Henrique Lopes de Mendonça no âmbito destas comemorações, bem como fazer uma análise das polémicas que existiram em torno destas comemorações, o que se passou e porque aconteceram.

3.1 Enquadramento

Em 1898 foi comemorado o IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia sendo que, durante o período das celebrações, Lopes de Mendonça publicou um grande número de trabalhos que diziam respeito ao tema dos descobrimentos. Como por exemplo: *Affonso D'Albuquerque; Da unidade do pensamento ao ciclo das descobertas, Bartolomeu Dias e a rota da Índia, Vasco da Gama e Vasco da Gama na história universal*⁸⁹.

No decorrer destas comemorações foi instaurada uma polémica, em que Lopes de Mendonça teve um papel ativo, sobre o Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia. Esta discussão estaria posicionada no tema das comemorações, pelo que o biografado não concordava com o que estaria a ser feito. Ou seja, estar-se-ia a dar um grande destaque à viagem de Vasco da Gama e a descurar os outros descobridores, algo que não iria em conta com o espírito das comemorações. Chega até a fazer referência à viagem de Bartolomeu Dias, que teria sido mais arrojada que a de Vasco da Gama, não descorando a importância e relevância do nosso descobridor e da sua viagem, mas

⁸⁹ Alexandre Manuel Ribeiro Cartaxo e António José Duarte Costa Canas, «O Herói dos Descobrimentos - Vasco da Gama ou Pedro Álvares Cabral?», *Anais do Clube Militar Naval*, 2000, CXXX, pp. 749–754.



realçando que a descoberta da Índia teria sido um culminar de acontecimentos e processos que tinham sido iniciados por outros marinheiros ao longo do tempo⁹⁰.

Nada melhor para resumir esta ideia de Henrique Lopes de Mendonça que esta frase dita pelo mesmo: “Vasco da Gama não caminhou para o desconhecido.”⁹¹.

⁹⁰ *Ibid.*

⁹¹ H.L. de Mendonça, «4º Centenário do Descobrimento do caminho marítimo para a Índia - Da Unidade do Pensamento no Ciclo das Descobertas», p. 36.

3.2 O Evento

O evento das comemorações do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia foi uma celebração oficial aprovada pelo Governo, sendo que as suas principais comemorações decorreram em Lisboa⁹². Estas comemorações surgiram inicialmente como uma proposta a 19 de junho de 1889 para a sua realização levada a cabo pela Sociedade de Geografia de Lisboa, proposta esta que levou o Rei D. Carlos em fevereiro de 1890 a:

“expressar a sua calorosa adesão à ideia, ao receber a mensagem que definia os seus princípios e organização”⁹³.

A sua proposta de realização foi aceite, tendo sido tornada oficial por Decreto Real a 15 de maio de 1894⁹⁴, posteriormente publicado em diploma governativo no *Diário do Governo* a 16 de maio de 1894, onde seriam especificadas várias coisas, como o intuito das celebrações e quem faria parte da comissão para a sua realização⁹⁵. Podemos ver este diploma de seguida:

“Devendo a comemoração do quarto centenário da expedição, que descobriu o caminho marítimo para a Índia, assumir o carácter de uma verdadeira festa nacional, em tudo condigna do glorioso feito que se vai celebrar.

Convido, por isso, preparar com a aludida antecipação todos os elementos e concentrar todos os esforços no intuito patriótico que se tem em vista, interessando no esplendor desta celebração representantes de todas as forças e atividades da sociedade portuguesa.

⁹² Fernando Castelo Branco, «Comemorações do “Centenário da Índia” em Lisboa» in *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, Ramos, Afonço e Moita, LDA, 1977, p. 6.

⁹³ Maria Isabel João e Et.al., *O Centenário da Índia (1898) e a memória da viagem de Vasco da Gama*, Lisboa, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos Portugueses, 1998, p. 7.

⁹⁴ F.C. Branco, «Comemorações do “Centenário da Índia” em Lisboa», p. 3.

⁹⁵ M.I. João e Et.al., *O Centenário da Índia (1898) e a memória da viagem de Vasco da Gama*, p. 26–28 ; A.M.R. Cartaxo e A.J.D.C. Canas, «O Herói dos Descobrimentos - Vasco da Gama ou Pedro Álvares Cabral?», p. 727–735.



Attendendo ao que a este respeito me tem representado em seu nome e por parte de diversas corporações por ela consultadas, a sociedade de geografia de Lisboa.

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1º. Para preparar, organizar e dirigir a celebração nacional do quarto centenário da partida de Lisboa da expedição que descobriu a Índia, é nomeada uma comissão que é presidida pelo conselheiro Manuel Pinheiro Chagas, composta da direção da sociedade de geografia de Lisboa e dos presidentes das suas secções e comissões permanentes, de três membros delegados por cada uma das seguintes corporações : academia real das sciencias, real academia das belas artes, sociedade das sciencias medicas, associação dos engenheiros, associação dos architectos e archeologos portugueses, sociedade farmacêutica lusitana, club militar naval, grémio artístico, real associação naval, real associação da agricultura portuguesa, da comissão executiva da camara municipal de Lisboa e de três delegados eleitos pelos diretores dos periódicos diários de Lisboa.

§ único. O governo poderá, quando julgar conveniente, agregar à comissão quaisquer outros indivíduos ou representantes de corporações do pais.

Art. 2º. A comissão completará por eleição a mesa que deve dirigir os seus trabalhos e uma comissão executiva, que elaborará o programa geral da celebração, o qual, depois de aprovado pela grande comissão, deverá ser submetido à aprovação do governo.

Art. 3º. A correspondência e mais documentos e trabalhos que tenham de ser impressos se-lo-hão na imprensa nacional por proposta da comissão autorizada pelo governo, devendo o produto de todas as publicações feitas pela comissão ser destinado à criação de um fundo para as despesas da celebração coma s mais receitas, que para tal fim hajam de crear-se.

O conselheiro d'estado presidente do conselho de ministros, e os ministros e secretários d'estado de todas as repartições, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 15 de Maio de 1894 = REI. = Ernesto



Rodolpho Hintze Ribeiro = João Fernando Pinto Castelo Branco = António d’Azevedo Castelo Branco = Luiz Augusto Pimentel Pinto = João António de Brissae das Neves Ferreira = Carlos Lobo d’Avila.”⁹⁶.

Seguidamente vou apresentar o plano geral de celebrações aprovado pela sociedade organizadora que dita o seguinte:

“Plano Geral da Celebração

Apresentado em 19 de junho de 1889, ao governo do Estado, e reiterado em 1 de fevereiro de 1890 ao Rei, a idéia e o projeto da Celebração do Quarto Centenário da partida, do Tejo, da expedição, que, sob o comando de Vasco da Gama, descobriu o caminho marítimo para a Índia, a Sociedade de Geografia de Lisboa, dizia o seguinte:

Fé, sciencia audácia portuguesa foram

... por mares nunca d’antes navegados

Rasgando e vencendo as sombras que ferozmente escondiam

A Africa, as duas Americas, a Asia, e passando

... ainda além da Taprobana

Os mares e as terras do grande Pacifico

“No descobrimento do caminho maritimo da Índia como que se engloba a synthesia, na memoria das gerações, toda esta epopeia da individualidade opulenta, evidente, necessária da Nação Portuguesa, do seu logar na civilização moderna, do seu direito ao respeito e à gratidão dos povos.”

Adoptando, calorosamente e imediatamente, a ideia, assembleia dos representantes das associações e da imprensa, reunida em 1 de dezembro de 1892, em Lisboa, proclamou:

“... o caracter definidamente nacional que deve ter a celebração do quarto centenário do descobrimento da Índia, o dever nella tomarem parte todas

⁹⁶ *Diário do Governo*, , n. 109, [s.l.], 1894, p. 1245.



as actividades nacionais, e a conveniência de, desde já, se preparar essa celebração pelo acordo e concentração de todas as dedicações e vontades, sob a exclusiva ideia de honrar e afirmar condignamente a solidariedade da nação portuguesa no culto dos seus serviços à humanidade e à civilização, e na consciência plena da sua individualidade histórica: - independente e soberana.”

Assumindo, como lhe cumpria, e como lhe fôra requerido, a presidência da celebração, o Estado, - depositário da honra e do nome comum, - decretou em 15 de maio do corrente, que devia:

- “... a comemoração do quarto centenário da expedição, que descobriu o caminho marítimo para a Índia, assumir o character de uma verdadeira festa nacional, em tudo condigna do glorioso feito...”

Que convinha, por isso:

“... preparar com a aludida antecipação todos os elementos e concentrar todos os esforços no intuito patriótico que se tem em vista, interessando no esplendor desta celebração representantes de todas as forças e actividades da sociedade portuguesa”

Está, pois, definido e fixado o pensamento da celebração, o seu character positivo, necessário, indeclinável.

Será um acto de jística e reconhecimento da Nação para com a memoria dos que lhe honraram o nome, o valor e o esforço, abrindo a estes os mares e as terras desconhecidas da Asia, Africa, America e Oceania.

Será, conseqüentemente, uma afirmação solene e festiva da consciência e solidária continuidade do povo português no culto, na razão e na vontade da sua gloriosa existência.

A significação do nosso jubileu, perante o mundo e a história, póde exprimir-se e conter-se toda, n’este lema:

Aos navegadores portugueses

A pátria agradecida



Mas os feitos e descobrimentos d'esses navegadores, vinculando o nome da nação à história da civilização moderna, foram a definitiva iniciação d'esta abrindo novos mundos à expansão triunphante da intelligencia e do trabalho, alargando enormemente os âmbitos ao convívio da humanidade.

Por isso, na proposta, inicial de 23 de maio de 1889, apresentada à Sociedade de Geografia de Lisboa, e por ella adoptada, se dizia já o seguinte:

“Fechar o período histórico da idade media e abrir a historia moderna com a descoberta da Índia é a maior gloria de Portugal, o seu quarto centenário em 1897 deve ser por nos condignamente festejado convidando todos os povos civilizados a unirem-se-nos n'esta comemoração que a todos preofundamente interessa”

E na mensagem da mesma Sociedade ao Rei se insistia, assim, n'este justo pensamento:

“... E chamemos os povos, e chamemos a civilização moderna a participar do nosso jubileu, a associar-se à nossa justiça, que por ella e para ella trabalharam, também, aqueles homens – percursosos que foram d'este fraterno convívio da intelligência, da sciencia, do trabalho univernal em que vivemos hoje.”

Ao pensamento, pois da celebração nacional, imediata e positivamente se associa, - integrando-se nelle, - a ideia, a aspiração, o convite leal e franco da mais ampla comunhão internacional, da adesão afectuosa e livre de todos os povos, exclusivamente caracterizada por uma ideia de justiça e de reconhecimento da navegação, do comercio, da industria, em summa, da civilização moderna, para memoria gloriosa dos que lhe descobriram e abriram as terras e os mares da Asia, da Africa, das duas Américas e da Oceânia.”⁹⁷.

⁹⁷ A.M.R. Cartaxo e A.J.D.C. Canas, «O Herói dos Descobrimentos - Vasco da Gama ou Pedro Álvares Cabral?», p. 733–735.



Como podemos ver nos dois documentos, existe uma discrepância no que toca ao “espírito” que se pretendia dar às comemorações. Sendo que na proposta apresentada para a realização do evento está enunciado que as intenções da comemoração “NÃO” seriam o tratamento deste assunto (o descobrimento da Índia) como um ato isolado de apenas uma pessoa, mas sim o culminar de um conjunto de viagens e conquistas levadas a cabo pelos navegadores Portugueses no período dos Descobrimentos. Não tornando esta data numa celebração singular e específica, como sugere o lema proposto para as comemorações: “Aos navegadores Portugueses – A Pátria agradecida”.

Ao invés da proposta, o diploma enunciado pelo Governo tem uma perspetiva diferente para a celebração, promulgando que apenas os que defendessem Vasco da Gama como o “Herói” estariam em sintonia com o espírito oficial das celebrações, tornando este evento num evento isolado e específico da viagem de Vasco da Gama⁹⁸. Assim sendo, foram estas diferentes abordagens sobre o espírito das comemorações que criaram uma polémica junto dos escritores.

A celebração das comemorações teve início a 8 de julho de 1897 com uma sessão solene proferida na Sala Portugal da Sociedade de Geografia, presidida pelo Rei, pela família Real, pelo Governo e altas individualidades. Sessão esta que foi encerrada com um discurso do Rei D. Carlos dizendo o seguinte:

“Para nós, o centenário representa a data mais gloriosa da nossa História. Pela Pátria Portuguesa partiu Vasco da Gama para a descoberta da Índia. Pela Pátria pelejaram os portugueses ainda á pouco em África. Pela Pátria devemos unir-nos todos se quisermos voltar à antiga Grandeza”⁹⁹.

Mas esta acaba por ser adiada quase um ano devido à polémica instaurada, sendo que as principais comemorações foram realizadas em maio de 1898 em Lisboa. Uma das mais grandiosas manifestações foi um cortejo de dois quilómetros de comprimento que desfilou durante cerca de cinco horas por Lisboa, tendo como itinerário a Rua da Prata, Rua da Betesga, Rua Augusta, Rua dos Capelistas, Rua do Ouro, Rossio (lado ocidental),

⁹⁸ *Ibid.*, p. 727–735.

⁹⁹ M.I. João e Et.al., *O Centenário da Índia (1898) e a memória da viagem de Vasco da Gama*, p. 7.

Largo Camões, Avenida (rua central), Rua Alexandre Herculano, Avenida (rua oriental), Largo da Anunciada, Rua das Portas de Santo Antão, Rossio (lado oriental e sul), Rua Nova do Carmo, Rua de Garrett, Praça de Luís de Camões, Rua do Alecrim e Cais do Sodré onde se dissolveu o cortejo¹⁰⁰.

Seria importante também realçar que estas comemorações deram lugar a construções de ordem cultural bastantes relevantes como o Aquário Vasco da Gama¹⁰¹.

Seguidamente vou debruçar-me sobre os trabalhos publicados por Henrique Lopes de Mendonça neste âmbito e demonstrar a sua opinião quanto aos assuntos polémicos identificados.

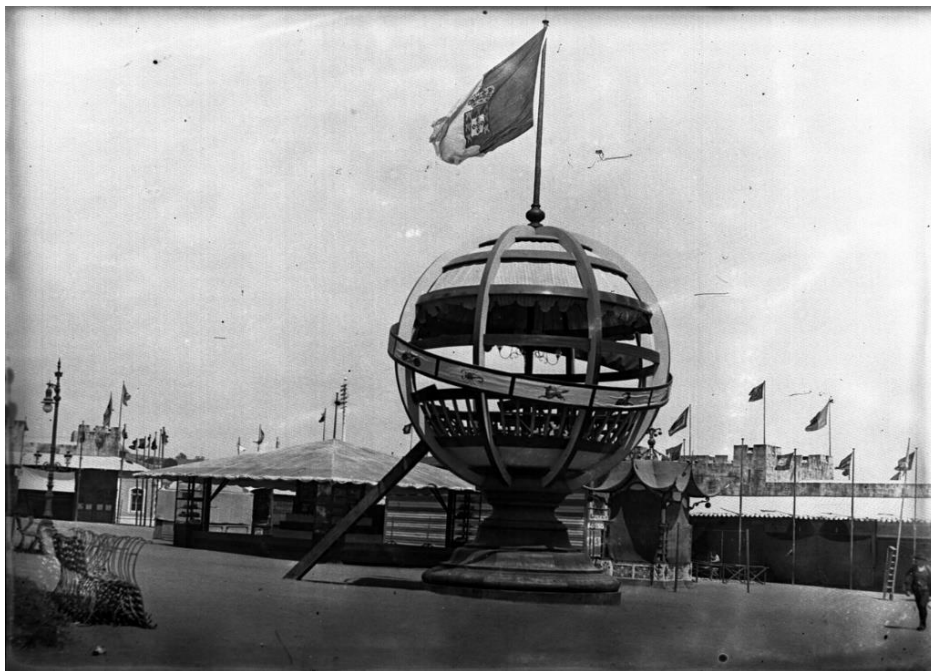


Figura 8 - Comemorações do Centenário da descoberta da Índia, coreto da feira franca em forma de esfera armilar, 1898, foto de José Chaves Cruz¹⁰².

¹⁰⁰ F.C. Branco, «Comemorações do “Centenário da Índia” em Lisboa», p. 8 ; «Comemorações do IV Centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia, 1898», <https://tinyurl.com/y4wbfnyr> , 3 Junho 2017, (consultado a 11 de Janeiro de 2019).

¹⁰¹ F.C. Branco, «Comemorações do “Centenário da Índia” em Lisboa», p. 21.

¹⁰² *Ibid.*, p. 15 ; «Comemorações do IV Centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia, 1898».



3.3 Affonso D'Albuquerque¹⁰³

A 4 de julho de 1896, Lopes de Mendonça foi convidado pela Comissão Executiva do Centenário para proceder à elaboração do drama do centenário sendo que, inicialmente, a possibilidade de realização de concurso é excluída sendo mais tarde a opção a ser tomada.¹⁰⁴ A resposta de Lopes de Mendonça foi pronta e, como seria de esperar, este aceita o convite, mas impõe condições¹⁰⁵. As condições exigidas fizeram com que existisse uma troca de correspondência entre a comissão e o presidente do conselho de ministros, levando a comissão a rejeitar as condições de Lopes de Mendonça. Esta rejeição resultou no aparecimento de um grande problema com a inexistência de um drama para o centenário, que acabaria por fazer com que as comemorações fossem adiadas quase um ano.¹⁰⁶

Assim sendo, para o evento das comemorações do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia foi realizado um Concurso de Drama Histórico cuja abertura do mesmo foi oficializada no Diário de Notícias de 31 de maio de 1897¹⁰⁷.

Neste concurso os candidatos teriam que enviar as obras até ao final do ano e o primeiro classificado receberia a quantia de 1000\$000 réis e veria a sua obra ser apresentada no Teatro Trindade, enquanto o segundo e terceiro classificados teriam as

¹⁰³ Henrique Lopes de Mendonça, *Affonso D'Albuquerque*, Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1898, pp. 1–251.

¹⁰⁴ Elsa Henriques Rita dos Santos, *Representação do Passado e Representação da História - Drama Histórico, Contexto e Tempo de Mediação*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2010, pp. 133–135.

¹⁰⁵ Condições estas que diriam respeito a uma remuneração de 1.500\$000 réis de direitos de autor, uma percentagem sobre os lucros da publicação da obra, que os encargos da comissão sejam considerados como um “serviço oficial”, faz questão de ser ele mesmo a decidir a parte artística do espetáculo e o tema da peça. Sendo que a única coisa com que se comprometeria seria a manter o tema da mesma sobre os Descobrimientos Portugueses nos séculos XV e XVI; *Ibid.*, p. 135.

¹⁰⁶ *Ibid.*

¹⁰⁷ «Abertura do Concurso para um drama histórico», *Diário de Notícias*, 31 Maio 1897, p. 1.



suas obras publicadas pela Comissão. Concurso no qual Henrique Lopes de Mendonça foi excluído com o argumento da sua obra, *Affonso D'Albuquerque*, por não preencher os requisitos necessários para entrar no concurso¹⁰⁸.

Esta obra seria a única excluída e a única das obras das comemorações que iria refletir a presença portuguesa no Oriente, mas por motivos não especificados, a sua obra não foi aceite a concurso. Talvez devido ao facto de a comissão não ter ficado agradada pelas condições impostas por Lopes de Mendonça quando primeiramente questionado, ou terá sido pelo conteúdo das correspondências trocadas? De qualquer dos modos, e como nos fala o autor Jorge Gonçalves da Costa, a obra *Affonso D'Albuquerque* de Henrique Lopes de Mendonça, seria a única das obras das comemorações que iria refletir a presença portuguesa no Oriente:

“No entanto, e aproveitando a querela temática aberta por Fonseca, observar que nenhum dos candidatos optou pela possibilidade de narrar um facto histórico do oriente português, e que a partir da análise das estruturas espaciais de cada obra, apresentada na tese de Elsa Santos¹⁰⁹, se compreende que o espaço indiano apenas aparece em metade das peças como cenário, estando totalmente ausente das duas primeiras classificadas. O único drama do centenário que, de facto, se ocuparia longamente com a presença portuguesa no oriente não foi proposto a concurso. Refiro-me à criação de Henrique Lopes Mendonça, *Affonso D'Albuquerque*: drama em 5 atos em verso.”¹¹⁰.

¹⁰⁸ Jorge Gonçalves da Costa, *O Oriente difuso como instrumento de defesa do imperialismo africano português fin-de-siècle : os concursos de pintura e de drama histórico do Quarto Centenário da Chegada de Vasco da Gama à Índia (1898)*, Lisboa, Sorbonne Université – CRIMIC / Universidade Nova de Lisboa – IHA, pp. 6–7.

¹⁰⁹ E.H.R. dos Santos, *Representação do Passado e Representação da História - Drama Histórico, Contexto e Tempo de Mediação*, p. 133–152.

¹¹⁰ J.G. da Costa, *O Oriente difuso como instrumento de defesa do imperialismo africano português fin-de-siècle : os concursos de pintura e de drama histórico do Quarto Centenário da Chegada de Vasco da Gama à Índia (1898)*, p. 6–7.



Henrique Lopes de Mendonça não tendo ficado satisfeito com esta exclusão, não deixou de fazer referência ao insólito na sua obra, que acabou por publicar no mesmo ano e durante as comemorações:

“Duas Palavras De Prologo

Três motivos obrigaram à representação d’este drama durante o presente período centenário: malquerença evidente da comissão executiva; tibieza nebulosa da empresa do teatro de D. Maria II; indiferença desdenhosa das estações officiaes.

O publico, juiz supremo com quem sempre admiravelmente me tenho entendido, que, ao lel-o, avalie se acaso a razão está do lado das entidades, que por má vontade ou por inercia embargaram a sua representação teatral, se da minha, desejando promovel-a.

E sobretudo como o documento mais importante do litígio que eu apresento agora o meu trabalho no tribunal da publicidade. As restantes peças do processo apparecerão, se preciso for.

Abril, 1898.”¹¹¹.

Neste breve prólogo, Lopes de Mendonça faz menção à “malquerença evidente” da comissão do centenário por o ter excluído do concurso, e apela ao público que seja “juiz” da sua obra para que eles mesmos possam comprovar a injustiça realizada pela comissão.

Mas esta troca efusiva de comentários e críticas não ficou por este prólogo. Lopes de Mendonça diz-nos que “As restantes peças do processo apparecerão, se preciso for.”, e realmente apareceram de seguida obras onde faz referência ao insólito e à injustiça que estaria a ser realiza pela comissão para com este evento comemorativo.

Para além da recusa feita pela comissão do seu drama, as comemorações seguiam um rumo diferente daquele que Lopes de Mendonça teria compreendido. Estaria a ser tratado o assunto do descobrimento da Índia como um ato isolado de Vasco da Gama

¹¹¹ H.L. de Mendonça, *Affonso D’Albuquerque*, p. 1.



quando, na sua opinião, seria um ato coletivo realizado por vários navegadores portugueses ao longo do processo dos descobrimentos.

Então, não deixou passar muito tempo, sendo que a 7 de maio de 1898 volta a falar das comemorações na sua obra *Da Unidade do Pensamento ao Ciclo das Descobertas* da qual se falará de seguida e que dará início a uma série de obras relativas ao tema das comemorações do IV Centenário do Descobrimento da Índia.

3.4 Da Unidade do Pensamento ao Ciclo das Descobertas¹¹²

Lopes de Mendonça, quase que “revoltado” com o rumo que as comemorações estariam a seguir, dando uma especial atenção à viagem de Vasco da Gama quando as comemorações deveriam de ser noutra sentido, resolveu novamente expor o seu ponto de vista com uma conferência pronunciada a 7 de maio de 1898 na Academia de Estudos Livres, intitulada *Da Unidade do Pensamento ao Ciclo das Descobertas*. Nesta, Lopes de Mendonça fala efusivamente sobre as comemorações, demonstrando o seu desagrado sobre o rumo da temática das mesmas, como podemos ver de seguida:

“Assim, meus senhores, o atual período centenário é assinalado por uma injustiça gratuita e deplorável. Falando-se do descobrimento do caminho marítimo para a Índia, ponto a que, pelo Ocidente e pelo Oriente, note-se bem, tenderam durante estes largos períodos os esforços de três ou quatro gerações de navegantes, impulsionados pela genial iniciativa do infante D. Henrique;(…) um único nome acode geralmente a todos os lábios, uma única memória se levanta às nuvens, iluminada pelos clarões triunfais da apoteose. Merece tal consagração essa memória? Por certo merece, mas como um elemento contributivo dessa constelação ingente de mareantes, um elo d’essa cadeia portentosa que, partindo de Sagres, liga o velho mundo por um lado às plagas do Malabar, por outro às costas das Antilhas e do Brasil. Consagrar por exclusivo um nome, em detrimento dos outros, é destruir a unidade harmónica de um período histórico, e romper n’um assombro de injustiça essa cadeia fulgurante.”¹¹³.

Assim sendo, com esta crítica às comemorações, continuou a sua conferência e, como já disse anteriormente, Lopes de Mendonça faz referência à viagem de Bartolomeu Dias e ao seu feito que tanto atormentava os navegadores da altura, mas que este ilustre navegador conseguiu superar... dobrar o Cabo da Boa Esperança. Realça ainda que esta viagem teria superado a viagem de Vasco da Gama em termos de ousadia, mas que,

¹¹² H.L. de Mendonça, «4º Centenário do Descobrimento do caminho marítimo para a Índia - Da Unidade do Pensamento no Ciclo das Descobertas», p. 1-52.

¹¹³ *Ibid.*, p. 9-10.



mesmo assim, teriam afastado Bartolomeu Dias das comemorações do centenário. Como podemos ver:

“Permita-me que me demora um pouco na contemplação d’esse feito máximo, que sempre foi para mim o passo de maior alcance na nossa epopeia marítima. N’este momento, sugere-me ainda o desejo de concentrar as atenções sobre este ponto a injustiça flagrante revelada, consciente ou inconscientemente, pela maior parte dos que por qualquer forma colaboram na próxima celebração centenária. Um nome apenas ocorre a todos os lábios, como a personificação única e exclusiva das nossas glórias de descobridores. Pois bem! Se, contra a intenção claramente manifestada desde o começo pela comissão oficial do centenário, se procura sintetizar n’uma individualidade a coragem e a audácia dos nossos marinheiros, o destemido arrojo que os leva por mares desconhecidos desvendar os grandes enigmas geográficos da Idade Média, a transcendência colossal do problema resolvido, a desproporção enorme entre os mesquinhos elementos de combate e a grandeza do perigo, o nome que me ocorre imediatamente, declaro-o sem sombras de hesitações, não é o nome universalmente consagrado como Vasco da Gama, é o nome meio esquecido e humilde de Bartolomeu Dias. E é por isto, meus senhores, que me permito fazer convergir a sua atenção sobre esse nome de um grande desventurado na vida, de um grande desventurado depois da morte. E uma obra de reivindicação em que me empenho, obra que me é aconselhada pela justiça imanente da História. Por fraca que seja a minha voz entre o concerto de aclamações erguidas em torno de outra figura histórica, iluminada pelos clarões da lenda, confio na força que me dá a convicção íntima, na autoridade fornecida por argumentos que se afiguram irrespondíveis.”¹¹⁴.

Apesar da sua grande e efusiva discórdia com o âmbito das comemorações, Lopes de Mendonça nunca pretendeu retirar ou diminuir o valor da viagem de Vasco da Gama, mas sim, e torno a repetir-me, evidenciar que esta seria bastante importante e com o mérito devido, tendo esta viagem final sido o culminar de um processo de viagens

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 26–27.



realizadas por vários marinheiros ao longo de vários anos, que teriam feito com que Vasco da Gama pudesse realizar a sua viagem, dando assim um passo final nesta epopeia de descobrimentos. Faz assim esta referência do seguinte modo:

“Repilo tenazmente a pecha de antipatrióticas, com que os ferrenhos tradicionalistas tentem apodar as minhas palavras. Portugueses são todos esses heróicos conquistadores de terras, e não é lícito roubar a nenhum d’eles o seu quinhão de raios apoteóticos, para os acumular na fonte de um só, que nem mesmo é – digamo-lo abertamente – aquele que de preferência os merece.

Em absoluto não é meu intento diminuir nem de um jota o valor incontestável da viagem de Vasco da Gama. Nem ponho a mais ligeira dúvida aos méritos da sua vigorosa personalidade. Ninguém lhe pode negar a anergia inquebrantável, nem a decisão rápida, nem a coragem nunca desmentida. Essas qualidades eram em todo o caso moeda corrente nos portugueses de então. O que o distingue sobretudo é a força de vontade que lhe dá o orgulho da sua missão, a sua resistência a todas as sugestões de humanidade para levar a cabo a empresa que o seu rei lhe confiou. Mas essa empresa estava completamente preparada, o caminho estava aplanado para a sua realização, pelos trabalhos feitos pelos mareantes desde o segundo quartel do século XV, e especial pela assombrosa expedição do seu imediato antecessor.

Vasco da Gama não caminhou para o desconhecido. Ia armado e apercebido cientificamente para a viagem pelo roteiro de Bartolomeu Dias e pelo roteiro de Pero da Covilhã. Entre essas duas fontes de informação havia apenas uma lacuna que ele preencheu com relativa facilidade. (...)

É indubitável, repito, o denodo e energia manifestados por Vasco da Gama durante todas as perícias d’essa afamada viagem. Simplesmente, o que essa viagem tem, é pouco de aventureira, se a compararmos sobretudo às feitas anteriormente por portugueses ao longo de costas absolutamente inexploradas, palpando o seu caminho por mares desconhecidos, rasgando um traço de luz através da caligem do mistério.



Porque finalmente, digamo-lo sem reboiço, os descobrimentos e as explorações marítimas são da competência exclusiva dos navegadores, e Vasco da Gama não é navegador, mas um homem de guerra. (...)

A unidade de pensamento ressalta de todos os factos apontados, e se eu me insurjo contra a primazia dada a um nome, se tento arrancar a uma individualidade o quase monopólio de glória que secularmente lhe concederam, é para a distribuir equitativamente por todos os valetes exploradores, dos quais ele foi sem dúvida o mais feliz, mas não o mais arrojado, nem o de mais perspicaz intuição.”¹¹⁵.

Assim sendo, no final desta conferência Lopes de Mendonça volta a realçar novamente o seu ponto de vista, falando da injustiça que seria conservar este privilégio a Vasco da Gama, e deixando uma mensagem para todo o mundo:

“Quanto à primeira corrente, a descoberta de uma rota oriental para a Índia, essa foi realizada pelo esforço pertinaz dos mareantes portugueses, n’uma cadeia ininterrompida de heroísmos, cujos elos mais salientes são a montagem do Cabo Bojador e o descobrimento do Cabo da Boa-Esperança. A viagem de Vasco da Gama, sem desmerecer nas qualidades de arrojo e de energia, representa o complemento necessário e relativamente fácil d’esse labutar de mais de meio século. (...)

Evocar pois, o nome de Vasco da Gama, quando se quer consagrar a parte preponderante que os portugueses tomaram na história da civilização moderna, é uma injustiça que deve ferir todas as consciências imparciais. (...) E diga-se ao mundo inteiro: quem descobriu o caminho marítimo para a Índia foi Portugal. A frase não será cientificamente verdadeira, mas é energicamente simbólica.”¹¹⁶.

Com esta mensagem, Lopes de Mendonça terminou a sua conferência, mas não estariam por aqui concluídas as obras que publicaria ainda nesse ano e no âmbito desta

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 36–39.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 48–49.



controvérsia e comemorações, sendo que 17 dias mais tarde viria a publicar uma obra intitulada: *Bartolomeu Dias e a Rota da Índia* da qual se falará de seguida.



3.5 Bartolomeu Dias e a Rota da Índia¹¹⁷

Esta obra de Lopes de Mendonça foi realizada a 24 de maio de 1898, aquando das comemorações e, mais uma vez, fora recusada a sua publicação pela *Revista Portuguesa Colonial e Marítima*. Lopes de Mendonça, sentindo-se um pouco frustrado, resolve então fazer a publicação por iniciativa própria, como nos explica preliminarmente nesta obra:

“O pequeno estudo histórico que se segue era destinado ao número da *Revista Portuguesa Colonial e Marítima*, comemorativo do centenário, e para o qual me pedira um artigo o diretor d’essa publicação. Entregue com larga antecedência, revistas as primeiras, segundas e terceiras provas, o artigo foi retirado sem notificação prévia nas vésperas da impressão.

Não faço comentários ao insólito do facto, partindo de uma revista de carácter científico, com respeito a um trabalho que não dizia d’esse carácter. Mas, como o meu desejo era que ele por essa ocasião se editasse, para complemento e documentação de afirmações que eu arriscara n’uma conferência proferida na Academia de Estudos Livres, lanço mão d’esse meio para o levar ao conhecimento público. Frusto assim um pouco, não de todo, os interesses de quem parecia empenhado em tapar-me a boca.

24 de maio de 1898”¹¹⁸.

No final desta explicação vemos Lopes de Mendonça a fazer uma crítica a “quem parecia empenhado em tapar-me a boca”, mas quem poderiam ser esta ou estas pessoas? Existe a possibilidade do autor vencedor do Concurso de Drama Histórico, Sousa Monteiro, ter tido alguma influência nesta decisão visto Lopes de Mendonça falar nele e deferir uma crítica à sua obra “O Auto dos Esquecidos”, obra que teria sido vencedora do concurso, como sendo uma “deficiente interpretação do facto comemorativo”:

“No momento em que o estridor das aclamações saúda o nome imortal de Vasco da Gama, em que os esplendores da apoteose lhe cercam a figura

¹¹⁷ Henrique Lopes de Mendonça, *Bartholomeu Dias e a Rota da Índia*, Lisboa, Typografia Matos Moreira e Pinheiro, 1898, pp. 1–24.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 3.



lendária e colossal, impõe-se uma obra de reivindicação à justiça imanente da história. O atual período centenário era destinado, segundo a letra do programa, à consagração de todas as glórias nacionais do ciclo épico dos descobrimentos. Urge não o esquecer, urge arrancar da sombra, onde uma deficiente interpretação do facto comemorativo, ou antes uma errada exegese histórica, os tem colocado, os nomes dos percussores, dos colaboradores e dos seguidores do audaz capitão, que completou a rota marítima da Índia. Os “*esquecidos*” não são apenas os obscuros cooperadores, a que julgo referir-se o meu ilustre confrade Sousa Monteiro no título do drama premiado pela Comissão do Centenário. São também muitos d’aqueles que, pela iniciativa e pela direção de altas empresas, merecem a fama imorredoura, d’aqueles

De quem feitos ilustres se souberam,

De quem ficaram memórias soberanas¹¹⁹.”¹²⁰.

De seguida, Lopes de Mendonça faz referência aos feitos de Gil Eanes e Bartolomeu Dias, dizendo que estes teriam sido “um exemplo frisante da ingratidão da história”:

“Para um deles reclamo agora atenção dos meus contemporâneos, um grande desventurado que, após as injustiças sofridas em vida, ainda deixou a memória ofuscada pelo nome de mais afortunados émulos.

Se se admitisse o nome de Vasco da Gama como síntese do acontecimento de uma gigantesca empresa, ainda se compreende que esse nome, assumindo uma impersonalidade simbólica, seja o centro único da comemoração apoteótica. Se se individualiza o herói, se o destacam nitidamente da tela confusa da história para objeto de apologéticas biografias, n’esse caso cumpre ao historiador imparcial não denegar a outros o avultado quinhão que lhes cabe na colossal tarefa do descobrimento do globo, embora espíritos mais apaixonados julguem apoucada por essa obra de equidade a estrutura tradicional do herói. A

¹¹⁹ Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, Lisboa, 1573, canto VI, est. LXXVIII.

¹²⁰ H.L. de Mendonça, *Bartholomeu Dias e a Rota da Índia*, p. 5.



justiça póstuma é tão sagrada como a justiça em vida, conquanto os seus efeitos só possam aproveitar ao vitimado, aceitando a pia hipótese de eternidade. Façam-se elas pois, mesmo arrostando com a intolerância das opiniões consagradas pela rotina, com a tirania às vezes feroz dos preconceitos seculares.

Dois são os marcos miliários do ciclo dos descobrimentos portugueses; duas são as balizas especialmente gloriosas que se erguem nitidamente na rota das Índias: o Cabo Bojador e o Cabo da Boa-Esperança. A força de ânimo, a coragem necessária para vencer esses dois tremendos pontos de interrogação, propostos pela esfinge da natureza aos nossos antepassados, excedem tudo quanto permitia a força humana. Nenhuma empresa marítima, nem mesmo a audaciosa expedição de Colombo, se avantajava em temeridade e em pertinácia aquelas cujo heróis foram Gil Eanes e Bartolomeu Dias. Dobrar o Cabo Bojador significava decifrar o enigma terrível do Mar Tenebroso e dar à humanidade o Atlântico por campo de conquista. Dobrar o Cabo da Boa Esperança o mesmo era que determinar claramente a forma geográfica de África e abrir as portas da Índia a mais felizes navegadores.”¹²¹.

E de seguida frisa que a “glória” atribuída a Vasco da Gama pertence a Bartolomeu Dias, sendo este um “exemplo frisante da ingratidão da história”:

“Ora não é raro, em escritores estrangeiros, e até em alguns nacionais, desvirtuar a história, atribuindo a Vasco da Gama o feito cuja glória pertence a Bartolomeu Dias, qual o de haver pela vez primeira montado o promontório austral no continente africano, levando às águas do Índico o primeiro lenho europeu. Cumpre destruir desta vez este erro, não só por amor da verdade, mas por honra do País inteiro. O transcendente facto, cujo centenário celebra, foi realizado pelo esforço pertinaz de umas três gerações de mareantes, e d’esse esforço deriva a humanidade o conhecimento íntegro do planeta. Nas explorações que tiveram por genial inspirador o infante D. Henrique, se filiam todas, absolutamente todas, as empresas marítimas de descobrimento, que tiveram por heróis nacionais ou estrangeiros. Cada uma d’elas forma um elo de

¹²¹ *Ibid.*, p. 5–6.



uma gloriosa cadeia, e não é lícito isolá-la sem desmanchar a integridade de um conjunto harmónico. Estudem-se embora esses elementos em monografias especiais, dê-se a cada um d'elles o valor relativo que lhe assinala a importância da descoberta ou a audácia do descobridor, mas não se tente diluir na apoteose de um só o esplendor com que tantos deles nos deslumbraram.

Bartolomeu Dias é um exemplo frisante da ingratidão da história. Ainda não se deu à sua gigantesca empresa o relevo que merece. Dela nos trazem as crónicas, ecos apagados, e quase que nem memórias nos legam os arquivos. Se não fora a obra monumental de Barros, e o livro precioso de um seu ilustre companheiro de trabalhos, Duarte Pacheco, quase de todo cairia sobre o seu nome esquecimento, acaso propositadamente reclamado por ambições ou inveja dos coevos.”¹²².

E assim, com mais este texto, Lopes de Mendonça deu o seu contributo para a grande polémica que se instalou nestas comemorações. Mas, esta sua opinião não ficaria por aqui, sendo que volta a transparecê-la nas comemorações do IV Centenário da Morte de Vasco da Gama, para as quais publicou dois textos intitulados *Vasco da Gama* em 1924 e *Vasco da Gama na História Universal* em 1925, dos quais se falarão seguidamente.

¹²² *Ibid.*, p. 7.



3.6 Vasco da Gama¹²³

Durante as comemorações do IV Centenário da Morte de Vasco da Gama, Lopes de Mendonça foi agregado a uma comissão que teria como função o estudo e organização do programa destas celebrações. Podemos ver de seguida o documento oficial que ditou o referido:

“Ministério do Interior

Secretaria Geral

Sendo um imperioso dever nacional honrar a memória daqueles que por nobres feitos deram lustres e glória à Pátria Portuguesa, tornando ao mesmo tempo os seus nomes dignos de admiração da posteridade;

Considerando que nenhum houve entre tantos ilustres varões cuja memória mais se recomende a gratidão do Povo Português do que o do intemerato descobridor da derrota das Índias Orientais, D. Vasco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira;

Considerando que por esse arrojado e heróico feito uma nova era nos fastos da humanidade se abriu, alcançando o grande almirante do Mar das Índias uma glória imorredoura para o seu nome e para a Nação Portuguesa um dos mais distintos lugares entre as nações marítimas e comerciais;

Considerando que no dia 25 de dezembro do corrente ano passa o quarto centenário da morte de tam ilustre e grande português;

Considerando que é um dever nacional interpretar o sentir do Povo Português por uma forma alta e inequívoca, celebrando a data do passamento de tam insigne navegador com a consagração adequada à grandeza dos nobres feitos que tanto ilustram e deram glória à Pátria.

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Presidente do Ministério e Ministro do Interior, nomear uma comissão composta dos cidadãos Francisco de Sales Ramos da Costa, Senador da Republica; Vicente Maria de

¹²³ Henrique Lopes de Mendonça, *Vasco da Gama*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1924, pp. 1–15.



Moura Coutinho de Almeida de Eça, de Sociedade de Geografia de Lisboa; Henrique Lopes de Mendonça, da Academia de Ciências de Lisboa; D. José Teles da Gama, como representante da família do navegador; Alberto Bessa, como representante da Imprensa; e Afonso de Dornelas, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, servindo de presidente o primeiro e o último de secretário, comissão que estudará a organização do programa dessa celebração, com plenos poderes de agregar a si todas as individualidades que julgar necessárias.

Paços do Governo da República, 9 de outubro de 1924. – O Presidente do Ministério e Ministro do Interior, Alfredo Rodrigues Gaspar.”¹²⁴.

Assim sendo, Lopes de Mendonça acaba por realizar uma curta obra de homenagem a Vasco da Gama que foi publicada no âmbito das comemorações. Nesta obra, e como já seria de esperar, Lopes de Mendonça não se foca apenas em Vasco da Gama, conferindo a importância do descobrimento do caminho marítimo para a Índia a vários navegadores. Como já tinha expresso anteriormente, na sua opinião, a mais arrojada das navegações teria sido a de Bartolomeu Dias, como podemos ver no excerto:

“Os reis de Portugal honraram a herança formidável do grande Infante D. João II, ao mesmo passo que ordenava a expedição marítima de Bartolomeu Dias, porventura desta longa epopeia a façanha mais admirável pela desproporção entre a pequenez dos meios e a grandeza dos fins, enviava à Etiópia Pêro da Covilhã, para estudar como os pilotos árabes da Costa Oriental a navegação do Índico.

Ambas as expedições surtiram o êxito desejado. Bartolomeu Dias dobrou o Cabo da Boa Esperança, rasgando pela primeira vez com quilha da Europa as ondas do Mar das Índias; Pêro da Covilhã visitou as costas aneladas do Indostão. (...)”¹²⁵.

¹²⁴ *Ibid.*, p. 2.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 9.



Lopes de Mendonça não diminui nunca a importância da viagem de Vasco da Gama no seu texto, mas também não atribuiu apenas a ele os louvores da descoberta. Dá um grande mérito ao navegador e à sua viagem, mas nunca deixa cair por terra as suas convicções e ideias anteriormente evidenciadas aquando das comemorações do IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, tecendo ainda algumas referências ao insólito:

“O nome de Vasco da Gama retumba pelo Globo inteiro, desde que ressoou nas estrofes bronzeadas de Luís de Camões. Assim como este último, rival de Homero, sintetiza o génio da raça, o Gama é ainda, para os historiadores e poetas de todas as nações, o representante supremo de uma dinastia épica, que, desde o Infante D. Henrique até Fernão de Magalhães, cingiu a terra num abraço de luz.

Por todos estes motivos, julga o Governo da República Portuguesa que todos os países civilizados o acompanharão gratamente na homenagem prestada ao grande Almirante, por ocasião do IV Centenário de sua morte. Não se traduzirá esta homenagem por fúnebres exéquias. Deverá ser antes, porventura, uma solene apoteose, semelhante aquelas que na velha Roma glorificavam os Manes dos heróis. E assim se contemplará a obra do reconhecimento universal, iniciada há vinte e seis anos, com o concurso das nações amigas, pelas comemorações do IV Centenário da primeira viagem marítima ao Oriente, rendendo-se o merecido preito ao nome do seu excelso Capitão.”¹²⁶.

Lopes de Mendonça volta, passados cerca de três meses, a fazer novamente referência ao mesmo assunto, com um discurso intitulado *Vasco da Gama na História Universal*, que será falado de seguida.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 14–15.

3.7 Vasco da Gama na História Universal¹²⁷

Esta obra recai sobre um discurso proferido por Henrique Lopes de Mendonça a 25 de janeiro de 1925 durante a sessão solene da Sociedade Geográfica de Lisboa que celebrava o IV Centenário da Morte de Vasco da Gama. Nele faz referência ao centenário da descoberta da Índia e realça novamente a sua posição sobre o tão discutido assunto:

“(…) E foi após três quartos de século de incessantes trabalhos, em que, vencendo os terrores do Mistério, derramando o melhor do seu sangue, assinalando com o seu cunho indelével todo o litoral africano, se empenharam as energias da raça, que Vasco da Gama, o capitão afortunado, marcou o ponto de chegada.

Afortunado lhe chamo, menos pelas auras que o bafejassem durante a sua existência terrena do que pelo quinhão de glória póstuma que lhe coube em partilha. Não é este o momento de insistir sobre as relativas iniquidades dessa distribuição, assunto esse já por mim ventilado na conjuntura própria, por ocasião do 4º Centenário da sua famosa viagem de descoberta. No dia de hoje é o seu nome que está justamente em foco. E, quaisquer que sejam as reservas feitas ao exclusivismo da glória, impõe-nos o patriotismo que entibie as reivindicações da documentação histórica o esplendor da auréola com que lhe nimbaram a nobre efigie.

O nome de Vasco da Gama representa, sobretudo para os estrangeiros, a síntese da epopeia marítima de Portugal. Foi ele o primeiro europeu que, por mares nunca antes navegados, aportou na Índia. Mas, assim como o seu nome, a Índia é neste caso um símbolo. As consequências da sua expedição apresentam-se-nos muito mais transcendentais do que o simples traçado de uma nova rota pelo Atlântico e pelo Índico. É uma revolução completa no viver da Humanidade. É a abertura dos mares ao comércio universal. É a comunicação mútua de raças, que mal se conheciam de longe. É o início de uma fase da História, o derramamento da Civilização Ocidental pelo globo inteiro, a sua

¹²⁷ Henrique Lopes de Mendonça, *Vasco da Gama na História Universal*, Lisboa, Portugal-Brasil sociedade editora, 1925, pp. 1–30.



penetração pelos ricos elementos das civilizações do Oriente, que vem engrandece-la. É, numa escala colossalmente mais ampla, o epílogo da obra iniciada por Alexandre Magno e pelos conquistadores árabes. É a ciência da Terra que se revela aos homens. (...) Tudo isto simboliza a Índia, país de maravilhas, que atingiram os nautas portugueses. Essas maravilhas, com mão profusa as espalhou Portugal pela Humanidade. E, como a tradição simplista concentra numa personalidade o reconhecimento dos benefícios coletivos, foi Vasco da Gama o eleito para a consagração universal das energias da raça.”¹²⁸.

Nesta obra Lopes de Mendonça volta a fazer referência ao insólito, embora pareça um pouco mais “desgastado” com o assunto. Parece estar exausto de tentar explicar o seu ponto de vista, fazendo apenas referência ao mesmo e não despendendo de muito tempo para o explicar, referindo que já o teria feito anteriormente noutros trabalhos.

Desfere ainda uma crítica à sociedade, dizendo que esta procura sempre uma maneira de simplificar a história, sintetizando-a e assim cometendo a “injúria” de atribuição a uma única personagem (que na sua opinião neste caso teria sido a que menos arrojo tivera) de um feito concretizado com o esforço imensurável, a coragem e a ajuda de muitas outras personagens muito importantes e que teriam quase que sido esquecidas da história, dando a primazia e os louros de todo um trabalho coletivo a uma personagem individual.

Realça também que esta consagração de Vasco da Gama se tornou mundial pelas estrofes de Luís de Camões, apelando aos portugueses a não fazer com que este feito seja relatado como síntese de eventos que couberam nas mãos de Vasco da Gama, mas sim que façam realçar esta ideia de coletividade em vez de individualidade, relatando este nome como uma individualidade num feito coletivo de Portugal e de inúmeros navegadores portugueses, como podemos ver na seguinte frase:

¹²⁸ *Ibid.*, p. 12–15.



“Hoje, porém, meus senhores, não é como síntese abstracta, mas antes como individualidade concreta que a nós, portugueses, cumpre evocar a memória de Vasco da Gama.”¹²⁹.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 15.



Conclusões

Nesta dissertação de mestrado foi tido como objetivo o estudo da vida e obra de Henrique Lopes de Mendonça, tendo sido dado especial ênfase às comemorações do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia e o papel que o biografado teve na controvérsia que existiu durante as mesmas.

Começou-se por tentar procurar e estudar a bibliografia já existente sobre Lopes de Mendonça, sendo que se conseguiu encontrar bastante material para o estudo. Foram então os trabalhos bibliográficos realizados pelo mesmo e por outrem que deram início a esta dissertação.

Foi com a referência de trabalhos realizados sobre o biografado que foi iniciado o primeiro capítulo, sendo que de seguida foi utilizado material proveniente da BCM-AH, da BCM, e da BNP que continha um espólio com informação bastante relevante e que possibilitou o aprofundamento do mesmo.

Como já foi explicado anteriormente, o tema fulcral desta dissertação foi alterado. Inicialmente, a intenção seria aprofundar o período que Lopes de Mendonça teria passado no continente africano. Infelizmente, não foi concretizado tal estudo devido à inexistência de material suficiente deste período para o fazer, optando-se por fazer uma referência ao mesmo no primeiro capítulo onde foi tratada a vida do biografado. Do capítulo dedicado à vida de Lopes de Mendonça, a principal limitação encontrada prendeu-se com a grande quantidade de material existente sobre o biografado, sendo que foi exigido um esforço de síntese acrescido. Como existia bastante material diverso, muitas vezes foram encontrados conflitos de informação, ou seja, informações contraditórias, que levaram a que existisse o esforço de verificação e confirmação. Neste capítulo foi feita uma passagem sobre a vida do biografado, falando das suas origens, do seu serviço militar, da sua passagem pela maçonaria e do seu trabalho literário, de onde se pode retirar algumas conclusões. Apesar das suas humildes origens, Lopes de Mendonça foi um homem que se dedicou muito ao serviço do seu país, contribuindo tanto com o seu serviço militar, como com a adição de cultura, que permitiu a evolução do país tanto cívica como culturalmente. Destes contributos destacam-se o seu serviço militar, viajando e servindo Portugal pelos cantos do planeta que proporcionou a Lopes de Mendonça conhecer várias realidades, alargando os seus horizontes e proporcionando o seu desenvolvimento



artístico, a criação do hino nacional e respetiva proposta para a bandeira nacional que marcou a mudança de uma era. Foi também efetuada uma breve referência à sua passagem na maçonaria e à tentativa de encontrar a data na qual se teria iniciado na mesma. Apenas se conseguiu restringir o período provável da sua adesão, tendo em conta que em 1895 Lopes de Mendonça detinha o 7º grau, e visto existirem 33 graus, é mais provável que a sua iniciação se tenha dado depois do retorno da comissão em África, ou seja, depois de 1882.

Para a realização da relação de obras do biografado, recorreu-se a alguns trabalhos que continham listagens de algumas das obras de Lopes de Mendonça e foram procuradas as restantes na BNP e BCM. É de realçar o espólio de Henrique Lopes de Mendonça presente na CDMM, que continha informação bastante relevante sobre o assunto. A principal limitação aqui encontrada prendeu-se com a abrangência e grandeza da sua obra. A relação realizada é o mais completa possível, sendo que existe ainda uma lacuna quanto às obras que Lopes de Mendonça publicou em Angola, sobre as quais não foi encontrada qualquer informação.

Com a alteração do tema central da dissertação, passou-se então à análise do papel que Lopes de Mendonça teve na controvérsia que ocorreu durante as comemorações do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia, sendo que a principal dificuldade foi a análise das obras e determinação da posição do biografado para com as comemorações. Começou-se pela explicação e enquadramento das comemorações e do episódio insólito das mesmas, onde o biografado manteve uma posição forte desde o início e de onde podemos retirar as principais conclusões.

Existiram discrepâncias de opiniões entre os autores que fizeram parte das comemorações, discrepâncias perfeitamente compreensíveis visto terem sido apresentadas duas ideias distintas do que deveria de ser o sentido das comemorações. Foi apresentada uma ideia de singularidade e uma de coletividade que dividiram por completo os intervenientes nas comemorações, sendo que Lopes de Mendonça defendeu a ideia de coletividade, conferindo ao tema destas comemorações (o descobrimento da Índia) um sentido de coletividade, não apenas como um ato isolado de uma pessoa, como sugeria a ideia de singularidade presente nas comemorações atribuindo este feito apenas a Vasco



da Gama, mas sim como o culminar de um conjunto de viagens e conquistas levadas a cabo por vários audaciosos navegadores Portugueses no período dos Descobrimentos.

Expostas as principais conclusões da dissertação, passa-se para a identificação do que poderia ainda ser estudado sobre o biografado, sendo que se deve salientar que este trabalho não foi pioneiro no estudo da vida e obra de Lopes de Mendonça, nem se pretende que seja o último a evocar a vida e obra do biografado. Ficaram ainda muitas portas abertas para a continuação deste estudo, sendo que, com a vasta obra existente de Lopes de Mendonça, torna-se difícil a abordagem da mesma no seu todo. Uma das questões que fica em aberto para futuras investigações é a determinação da data em que Lopes de Mendonça ingressou na maçonaria, visto não se ter conseguido determinar a data exata, apenas que teria sido após 1882.

De toda a abordagem que foi feita ao seu percurso, vida e obras, a que suscitou maior curiosidade foi o seu percurso pelo continente africano, não tivesse sido inicialmente este o tema escolhido para o foco desta dissertação. Ficam então as dúvidas sobre os documentos publicados pelo biografado, sendo que seriam de grande relevância para adicionar à sua lista de obras, e alguma réstia de curiosidade nesta parte da sua vida. Ainda no âmbito da Marinha, algo que foi pouco referido nesta dissertação e que poderia ainda ser mais aprofundado, seria o estudo da obra e das motivações do biografado no âmbito da arqueologia naval e os seus contributos para a mesma. Este foi um tema no qual Lopes de Mendonça demonstrou um grande interesse e motivação durante o seu período na Marinha, com uma tentativa falhada de ingresso na comissão geológica do Reino, e com ainda algumas publicações neste âmbito como as *obras Estudos sobre Navios Portugueses dos séculos XV e XVI* publicada em 1892 e *O Padre Fernando de Oliveira e a sua obra náutica* publicada em 1898.

Contudo, não podemos descurar a sua vida pessoal que ficou um pouco difusa, sendo que existem algumas dúvidas sobre qual seria efetivamente a sua relação com os filhos e esposa, e ainda alguns pontos da sua própria personalidade.

Foi conseguido apurar através da análise da sua vida e obra que Henrique Lopes de Mendonça foi uma pessoa que contribuiu bastante para o desenvolvimento e crescimento de Portugal, tanto política como culturalmente, deixando-nos um legado vasto e valioso.



Fontes e Bibliografia

I. Fontes

COMANDO GERAL DA MARINHA, *Ordens da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1884, 1–50 p.

COMANDO GERAL DA MARINHA, *Ordens da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1883, 1–50 p.

DIRECÇÃO GERAL DA MARINHA, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1884.

DIRECÇÃO GERAL DA MARINHA, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1883.

DIRECÇÃO GERAL DA MARINHA, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1882.

DIRECÇÃO GERAL DA MARINHA, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881.

DIRECÇÃO GERAL DA MARINHA, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1880.

DIRECÇÃO GERAL DA MARINHA, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1879.

DIRECÇÃO GERAL DA MARINHA, *Lista da Armada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1878.

MARINHA PORTUGUESA, , «4699 CMG Henrique Lopes de Mendonça», *Album de Officiais*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1903, vol.16, p. 6.

MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Os Contemporaneos: Henrique Lopes de Mendonça: A sua vida e a sua obra*, Lisboa, Diario de Noticias, 1926.

MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Vasco da Gama na História Universal*, Lisboa, Portugal-Brasil sociedade editora, 1925.

MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Vasco da Gama*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.



MENDONÇA, Henrique Lopes de, «Águas Passadas...António Pedro Lopes de Mendonça», *Diário de Notícias - Edição da noite*, 16 Janeiro 1921, p. 1.

MENDONÇA, Henrique Lopes de, «Memórias de infância», *Diário de Notícias - Edição da noite*, 9 Janeiro 1921.

MENDONÇA, Henrique Lopes de, «Memórias de infância», *Diário de Notícias - Edição da noite*, 2 Janeiro 1921.

MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Bartholomeu Dias e a Rota da Índia*, Lisboa, Typografia Matos Moreira e Pinheiro, 1898.

MENDONÇA, Henrique Lopes de, «4º Centenário do Descobrimento do caminho marítimo para a Índia - Da Unidade do Pensamento no Ciclo das Descobertas», *Anais da Academia de Estudos Livres*, Lisboa, 1898.

MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Affonso D'Albuquerque*, Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1898.

«Abertura do Concurso para um drama histórico», *Diário de Notícias*, 31 Maio 1897, p. 1.

Diário do Governo, n. 109, [s.l.], 1894.

Biblioteca Nacional de Portugal:

Espólio Família Lopes de Mendonça - N53/13-23 [Correspondência de Columbano à família Lopes de Mendonça]

_____ - N53/576 [Correspondência entre Henrique Lopes de Mendonça e sua filha Alda Lopes de Mendonça]

_____ - N53/577-621 [Correspondência entre Henrique Lopes de Mendonça e seu pai António Raulino Lopes de Mendonça]

_____ - N53/622 [Correspondência entre Henrique Lopes de Mendonça e sua esposa Amélia Bordalo Pinheiro]

_____ - N53/623-654 [Correspondência entre Henrique Lopes de Mendonça e seu filho Vasco Lopes de Mendonça]



_____ - N53/655 [Correspondência entre Henrique Lopes de Mendonça e sua filha Virginia Lopes de Mendonça]

_____ - N53/967-1031 [Conjunto de cartas da estadia de Henrique Lopes de Mendonça em Luanda]

_____ - N53/1046 [Participação de casamento com Amélia Bordalo Pinheiro]

_____ - N53/1047 [Folheto do teatro da Associação Trinta e Um de Outubro; recita oferecida pelos Guardas-Marinhas da Estação Naval de Angola]

Centro de Documentação do Museu de Marinha (CDMM):

Espólio Henrique Lopes de Mendonça -15657/27-2B, [Peças de teatro]

_____ -15659.27/2B, [Publicações do diário de Notícias]

_____ - 15660.27/2B, [Peças de teatro]

_____ - 15661.27/2B, [Algumas obras desenvolvidas]

_____ - 15663.27/2B, [Peças de teatro e traduções]

_____ - 15668.27/2B, [Peças publicadas no Comercio do Porto e alguns documentos publicados em data incerta]

_____ - 15669.27/2B, [Alguns documentos publicados em data incerta]

_____ - 15670.27/2B, [Apontamentos sobre Portugal na 1ª Grande Guerra]

_____ -15655.27/2B, [Poema “*Uma Armada Portuguesa*” escrito em data incerta]

_____ - 15676.27/3B, [Pontos da 11ª Cadeira da Escola de Belas Artes de Lisboa]

_____ - 15679.27/3B, [Bilhetes de Identidade de Henrique Lopes de Mendonça]



II. Bibliografia

AGUIAR, Mário de, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça, No cinquentenário da sua morte», *Anais do Clube Militar Naval*, 1981, CXI, pp. 219–222.

ARNAUT, António, *Introdução à Maçonaria*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2017.

BRANCO, Fernando Castelo, «Comemorações do “Centenário da Índia” em Lisboa» in *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, Ramos, Afonso e Moita, LDA, 1977.

CAMÕES, Luís Vaz de, *Os Lusíadas*, Lisboa, 1573.

CARTAXO, Alexandre Manuel Ribeiro e CANAS, António José Duarte Costa, «O Herói dos Descobrimentos - Vasco da Gama ou Pedro Álvares Cabral?», *Anais do Clube Militar Naval*, 2000, CXXX, pp. 727–759.

CARTAXO, Alexandre Ribeiro, «Comandante Henrique Lopes de Mendonça», *Revista da Armada*, Março 2011, n. 450, pp. 17–20.

CARTAXO, Alexandre Ribeiro, *Projeto de Biografia de Henrique Lopes de Mendonça*, Lisboa, 1998, 1–23 p. [Texto não publicado cedido pelo autor]

CIDADE, Hernâni, «Uma exposição de livros de homens do mar», *Anais do Clube Militar Naval*, 1966, pp. 84–85.

CLUBE MILITAR NAVAL, , *Índice dos Anais do Clube Militar Naval 1870 - 1970*, Lisboa, 1979, vol.CIX.

Comemorações do IV Centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia, 1898, <https://tinyurl.com/y4wbfnyr> , 3 Junho 2017, consultado a 11 de Janeiro de 2019.

COSTA, Jorge Gonçalves da, *O Oriente difuso como instrumento de defesa do imperialismo africano português fin-de-siècle: os concursos de pintura e de drama histórico do Quarto Centenário da Chegada de Vasco da Gama à Índia (1898)*, Lisboa, Sorbonne Université – CRIMIC / Universidade Nova de Lisboa – IHA, 1–12 p.

DANTAS, Julio, CASTRO, Eugénio de e LEITÃO, Joaquim, *Consagração Académica*



de *Henrique Lopes de Mendonça*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

JOÃO, Maria Isabel e ET.AL., *O Centenário da Índia (1898) e a memória da viagem de Vasco da Gama*, Lisboa, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos Portugueses, 1998.

LISBOA, Eugénio, «Henrique Lopes de Mendonça» in Francisco Lyon de Castro (ed.), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, 10266/5054., Lisboa, Publicações Europa América, 1990, vol.II.

PEREIRA, Jorge Maia Ramos, *Henrique Lopes de Mendonça - Investigador e historiógrafo de alto nível intelectual que muito honrou o País e dignificou a Armada*, Lisboa, 1973.

REBELLO, Luiz Francisco, «Evocação de Henrique Lopes de Mendonça no cinquentenário da sua morte» in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, 1981.

REIS, A. Estácio dos, «O Comandante Henrique Lopes de Mendonça», *Revista da Armada*, Junho 1984, n. 153.

SANTOS, Elsa Henriques Rita dos, *Representação do Passado e Representação da História - Drama Histórico, Contexto e Tempo de Mediação*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2010.

VENTURA, António, *A Marinha de Guerra Portuguesa e a Maçonaria*, 1ª., Lisboa, Nova Vega, 2013.

Henrique Lopes de Mendonça, <http://tinyurl.com/yyupbvwf>, consultado a 27 de Março de 2019.

História de Portugal - Cronologia da História de Portugal, <https://tinyurl.com/y5hbmqbl>.



Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico (BCM-AH):

Livro mestre de oficias reformados nº2, fl. 53

Caixa 756-6-5 [Mendonça, Henrique Lopes de]

Caixa 1416-2-3 [Mendonça, Henrique Lopes de]

Caixa 587-1 [Corveta Mista *Sá da Bandeira*]

Livro mestre B, fl. 97

Livro mestre E, fl. 107


Anexos

Anexo 1 – Formulário de aprovação



ESCOLA NAVAL
DIRECÇÃO DE ENSINO

VISTO



CIC
(coordenador do ciclo de estudos)

Unidade curricular de Metodologias da Investigação
Ano lectivo de 2017 / 2018

FORMULÁRIO DE APROVAÇÃO DO PLANO DE DISSERTAÇÃO

(Uma cópia deste documento acompanha, obrigatoriamente, o plano da dissertação, quando este for entregue para avaliação na disciplina)

Título da dissertação

Biografia de Henrique Lopes de Mendonça

Nome do aluno: Bruno Miguel Dos Santos Monteiro

Número do aluno: 416

Nome do orientador: António José Duarte Costa Canas

Nome do co-orientador: Alexandre Manuel Ribeiro Cartaxo

O plano proposto pelo aluno, com o título acima referenciado, tem as condições necessárias para que possa resultar numa dissertação de Mestrado, cuja elaboração aceito orientar e que considero ter condições para que seja elaborada no prazo previsto pelas Normas Regulamentares do Mestrado Integrado da Escola Naval.

Escola Naval, 25 de Maio de 2018

Aprovado pelo Orientador



(assinatura) CIC

Figura 9 – Formulário de aprovação

Anexo 2 – *Sangue Português*, contos de outro tempo

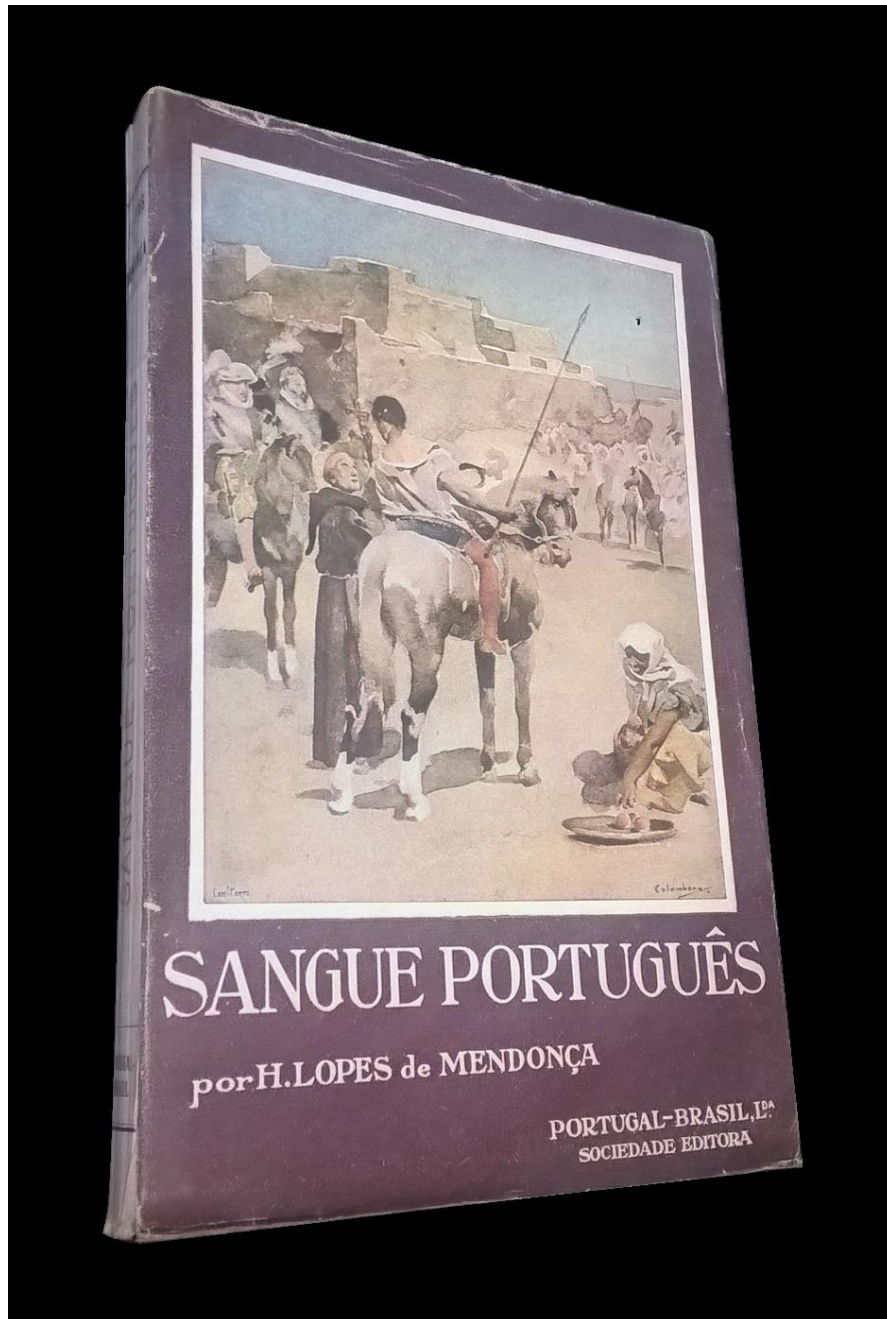


Figura 10 – Livro *Sangue Português*, por Henrique Lopes de Mendonça



Anexo 3 – Fumos da Índia

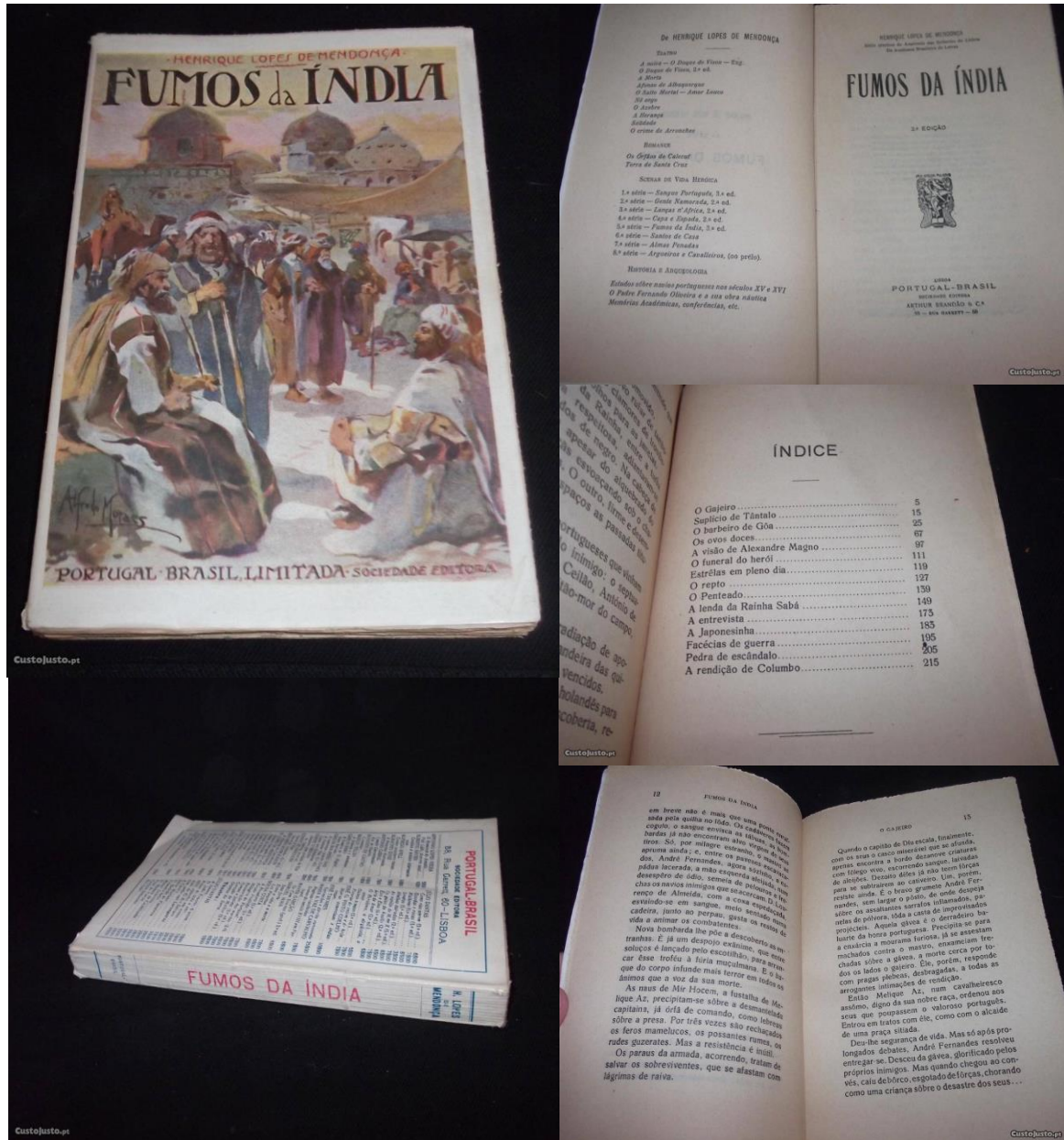
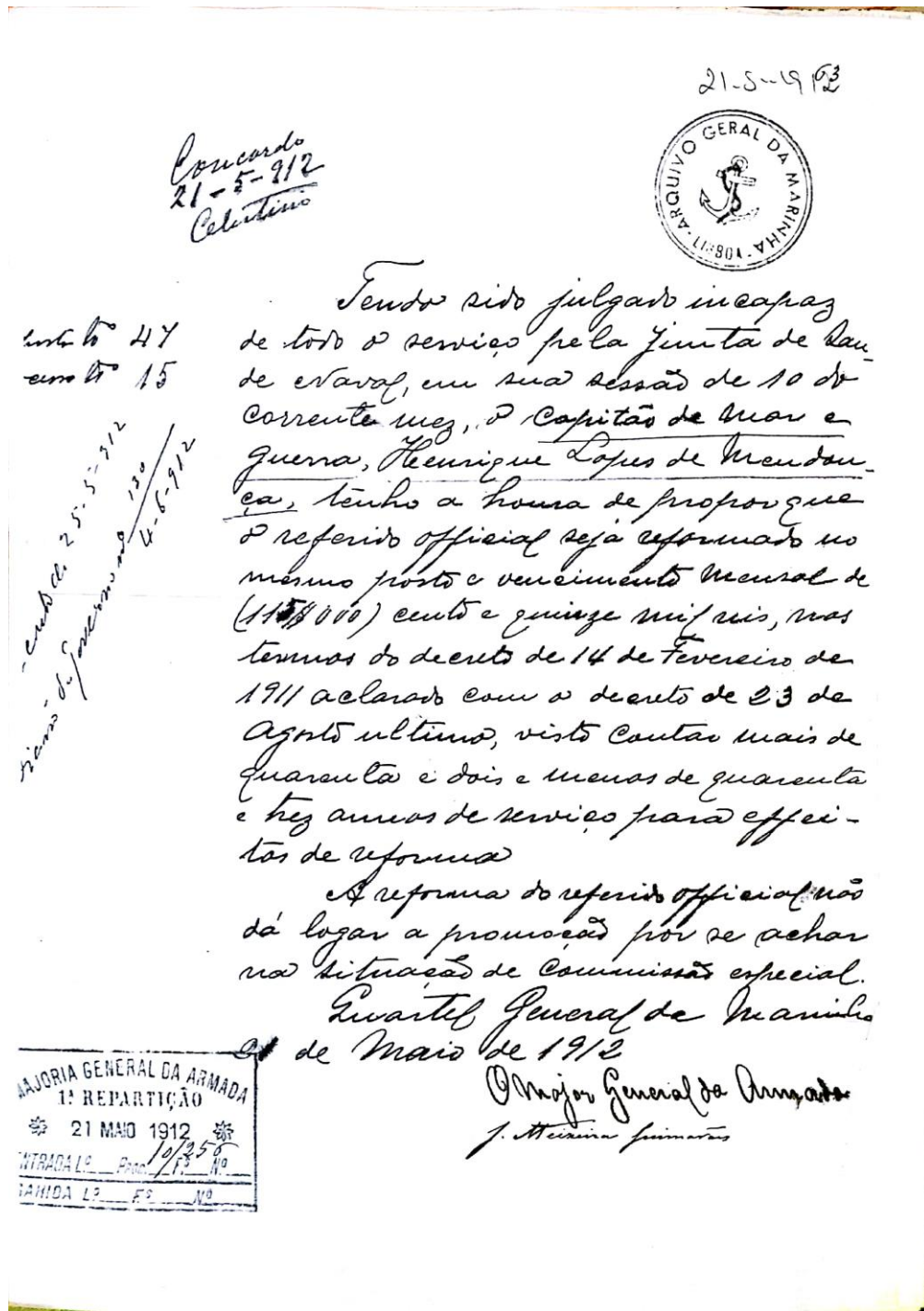


Figura 11 – Livro *Fumos da Índia*, por Henrique Lopes de Mendonça

Anexo 4 – Processo de reforma e de não progressão de carreira

Figura 12 - Processo de reforma e não progressão de carreira (BCM-AH¹³⁰)¹³⁰ BCM-AH, Caixa 756-6-5, 63.



Anexo 5 – Avaliações¹³¹

5.1 – Avaliação 1879

2111011879

Nome do navio Canhoneira "Tâmega"

Nome do commandante Antonio Elgares da Silva

Informação annual referida a 31 de dezembro de 1879

Quesitos a que o informado tem de responder

Posto	Nome	Naturalidade	Idade	Estado	Assentamento de praça	Condecorações
Segundo Tenente	Henrique Lopes de Mendonça	Lisboa	23	Militar	Outubro de 1871	

Quesitos a que responde o informador

Aplicação		Comportamento	
Aos estabos da arma	Ao serviço	Civil	Militar
		Bom	Bom

Disposição physica	Louvores que mereceu	Castigos que lhe foram applicados

Circumstancias a observar

Data do embarque, local e procedencia	Commissões feitas pelo navio desde o embarque do official
Novembro de 1879 Lisboa - Com nome de do Comand. Genl. de Almeida	Fizem ao Algaes de 5 de Novembro a 18 de Dezembro de 1879

Juizo que faz d'elle o commandante

- Sobre se é habil commandante de quarto. Comum a este posto e habilitado
- Sobre se estará apto para commandar um navio. Bom e habilitado
- Opinião geral. Bom

O commandante.

Aprender de Mendonça

Figura 13 – Avaliação a bordo do Canhoneira Tâmega

¹³¹ BCM-AH, Caixa 1416-2-3.



5.2 – Avaliação 1880

Nome do navio *Corveta Duque da Terceira* 3172/1880
 Nome do commandante *Cap. de Fragata Thom. Leop. de S.*
 Informação annual referida a 31 de dezembro de 1880

Quesitos a que o informado tem de responder

Posto	Nome	Naturalidade	Idade	Estado	Assentamento de praça	Condecorações
<i>Segund. Tenente</i>	<i>Henrique Lopes de Mendonça</i>	<i>Lisboa</i>	<i>24</i>	<i>Estado</i>	<i>27 de Outubro de 1871</i>	

Quesitos a que responde o informador

Aplicação		Comportamento	
Aos estudos da arma	Ao serviço	Civil	Militar
<i>Aprec.</i>	<i>Aprec.</i>	<i>Bu</i>	<i>Bu</i>
Disposição physica	Louvores que mereceu	Castigos que lhe foram applicados	
<i>Bu</i>	<i>—</i>	<i>—</i>	

Circunstancias a observar

Data do embarque, local e procedencia	Commissões feitas pelo navio desde o embarque do official
<i>3 de Outubro, em Leandros, vindo de Lisboa no paquete com guia de Comand. Geral</i>	<i>Nenhuma</i>

Juizo que faz d'elle o commandante

- Sobre se é habil commandante de quarto. *—*
- Sobre se estará apto para commandar um navio. *—*
- Opinião geral. *Bu*

Figura 14 – Avaliação a bordo da Corveta Duque da Terceira



5.3 – Avaliação 1881

(Para official de marinha general embarcado)

221721881

Nome do navio Corveta "Duque da Terceira"

Nome do commandante Cap. Ten. M.º Correia de Chaves

Informação annual referida a 31 de dezembro de 1881

Quesitos a que o informado tem de responder

Posto	Nome	Naturalidade	Idade	Estado	Assentamento de praça	Condecorações
Segundo Tenente	Henrique Lopes de Mendonça	Lisboa	25	Grande	Outubro de 1871	#

Quesitos a que responde o informador

isto vale para o embarco

Aplicação		Comportamento	
Aos estados da arma	Ao serviço	Civil	Militar
Aplicação	Compre como <i>serviço de 1.ª marinha</i>	Excelente	Excelente
Disposição physica	Louvores que mereceu	Castigos que lhe foram applicados	
Boa	Nenhum	Nenhum	

Circumstancias a observar

Data do embarque, local e procedencia	Commissões feitas pelo navio desde o embarque do official
3 de Outubro de 1880, em Lisboa, vindo no paquete "Colina" com guisa de Comandante Geral.	

Juizo que faz d'elle o commandante

- 1.º Sobre se é habil commandante de quarto. *Na. sim, porque d'ado que a terra de 1.ª marinha em 1.ª marinha*
- 2.º Sobre se estará apto para commandar um navio. *Na. sim.*
- 3.º Opinião geral. *Boa*

Figura 15 – Avaliação a bordo da Corveta Duque da Terceira



5.4 – Avaliação 1883

(Para oficial de marinha quando embarcado)

31/12/1883

Nome do navio *Transporte Índia*

Nome do commandante *Augusto Marques da Silva*

Informação annual referida a 31 de dezembro de 1883

Quesitos a que o informado tem de responder

Posto	Nome	Naturalidade	Idade	Estado	Assentamento de praça	Condecorações
<i>Segundo tenente</i>	<i>Henrique Lopes de Mendonça</i>	<i>Lisboa</i>	<i>27</i>	<i>Casado</i>	<i>27 de outubro de 1871</i>	

Special Agent

Quesitos a que responde o informador

Aplicação		Comportamento	
Aos estudos da arma	Ao serviço	Civil	Militar
<i>Julgo ser</i>	<i>5' bo'.</i>	<i>M. bo</i>	<i>M. bo</i>
Disposição physica	Louvores que merecen	Castigos que lhe foram applicados	
<i>Julgo ser bo</i>	<i>3</i>	<i>3</i>	



Circumstancias a observar

Data do embarque, local e procedencia	Commissões feitas pelo navio desde o embarque do official
<i>Em 9 de maio de 1883, em Lisboa da fragata D. Fernando.</i>	

Juizo que faz d'elle o commandante

- Sobre se é habil commandante de quarto. *Julgo ser*
- Sobre se estará apto para commandar um navio. *Ignoro, por este official estar tempo muito pouco a bordo do navio.*
- Opinião geral. *Faz m. bo' opinião d'este official*

Figura 16 – Avaliação a bordo do Transporte Índia



5.5 – Avaliação 1884

(Para oficial de marinha quando embarcado)

3170/1884

Nome do navio Fragata D. Fernando

Nome do commandante Senhor Antonio de Almeida e Silva

Informação annual referida a 31 de dezembro de 1884

Quesitos a que o informado tem de responder

Posto	Nome	Naturalidade	Idade	Estado	Assentamento de praça	Condecorações
Segundo Tenente	Henrique Lopes de Mendonça	Lisboa	28	Casado	Outubro de 1871	

Quesitos a que responde o informador

Aplicação		Comportamento	
Aos estudos da arma	Ao serviço	Civil	Militar
juízo que se applica	applicar regularmente		
Disposição physica	Louvores que mereceu	Castigos que lhe foram applicados	
Permanecer	—	—	

Circunstancias a observar

Data do embarque, local e procedencia	Commissões feitas pelo navio desde o embarque do official
Santho Antonio da Moura em 14 de Junho de 1884.	Acumulado em que actualmente se acha

Juizo que faz d'elle o commandante

- Sobre se é habil commandante de quarto.
 - Sobre se estará apto para commandar um navio.
 - Opinião geral.
- Não tendo se visto com elle
 em a este commandante não
 posso dizer se tem respeito
 Este official é muito dedicado a litteratura
 e que prejudica de certo modo a sua vocação para a
 carreira de marinha sendo seu unico qual a de commandante

Figura 17 – Avaliação a bordo da Fragata D. Fernando II e Glória



5.6 – Avaliação 1885

(Para official de marinha quando embarcado)

31/12/1885

Nome do navio Fragata "D. Fernando"

Nome do commandante José Colmeiro de Mendonça, Cavalleiro e Fidalgo

Informação annual referida a 31 de dezembro de 1885

a quem se refere a avaliação
J. Colmeiro de Mendonça

Quesitos a que o informado tem de responder

Posto	Nome	Naturalidade	Idade	Estado	Assentamento de praça	Condecorações
Primeiro Tenente	Henrique Lopes de Colmeiro	Lisboa	29	Quinto	Setembro de 1871	Merito

Quesitos a que responde o informador

Aplicação		Comportamento	
Aos estudos da arma	Ao serviço	Civil	Militar
<u>Bastante applicada</u>	<u>Applicada</u>	<u>Alto em credito e sem qualquer defeito</u>	<u>Bem</u>
Disposição physica	Louvores que mereceu	Castigos que lhe foram applicados	
<u>Muito boa</u>	<u>—</u>	<u>—</u>	

Circumstancias a observar

Data do embarque, local e procedencia	Commissões feitas pelo navio desde o embarque do official
<u>Em 17 de junho de 1884, em Lisboa, da cauchouseira "Guruxa".</u>	<u>Alta de Comandante em que se cobra Merito</u>

Juizo que faz d'elle o commandante

- 1.º Sobre se é habil commandante de quarto.
 - 2.º Sobre se está apto para commandar um navio.
 - 3.º Opinião geral.
- Alto tanto em credito sob as sciencias e ordens servidas neste Comandante e sem qualquer defeito*
- Faz bem em credito este official.*

Figura 18 – Avaliação a bordo da Fragata D. Fernando II e Glória



5.7 – Avaliação 1899

(Informação para oficial em serviço em 1899)

7/1/1899

Comissão em que o official está empregado *Bibliotecário da Escola Naval*

Nome e cargo do informador *Capitão de mar e guerra Director, 3.ª Officia Telexim primario*

Informação annual referida a 1 de janeiro de 1899

Quesitos a que o informado tem de responder

Posto	Nome	Naturalidade	Idade	Estado	Assentamento de praça	Condecorações
<i>Capitão-tenente</i>	<i>Henrique Lopes de Azevedo</i>	<i>Lisboa</i>	<i>42</i>	<i>Casado</i>	<i>Outubro de 1871</i>	<i>Official de 1.ª Classe Cavalleiro de Santiago de Compostela</i>

Quesitos a que responde o informador

Aplicação ao serviço	Comportamento	
	Civil	Militar
<i>Muito applicado</i>	<i>Optimo</i>	<i>Optimo</i>

Disposição physica	Louvores que mereceu	Castigos que lhe foram applicados
<i>Muito bom</i>	—	—

Circumstancias a observar

Data da nomeação para o logar que está exercendo ; licenças que gosou desde a ultima informação	Serviços extraordinarios desempenhados desde a ultima informação

Juizo que faz d'elle o informador

1.º Sobre a aptidão para o serviço que desempenha. — *É superiormente apto*

2.º Opinião geral. — *É melhor a todas as respeito*

Henrique Lopes de Mendonça

Figura 19 – Avaliação no posto de Bibliotecário da Escola Naval



5.8 – Avaliação 1900

Informação para oficial em serviço em 1900

1/1/1900

Comissão em que o official está empregado Bibliotecario da Escola Naval
Nome e cargo do informador José Affonso Falcão Pinheiro, Capitão de
mar, former Director da Escola Naval

Informação annual referida a 1 de janeiro de 1900

Quesitos a que o informado tem de responder

Posto	Nome	Naturalidade	Idade	Estado	Assentamento de praça	Condecorações
Capitão tenente	Henrique Lopes de Mendonça	Lisboa	44	Casado	27-10-71	Official de cav. - Cavalleiro de S. Thome

Quesitos a que responde o informador

Assinatura do informador

Applicação ao serviço	Comportamento	
	Civil	Militar
Muito applaudido	Exemplar	Exemplar

Disposição physica	Louvores que mereceu	Castigos que lhe foram applicados
Bom	—	—

Circumstancias a observar

Data da nomeação para o logar que está exercendo; licenças que gosou desde a ultima informação	Serviços extraordinarios desempenhados desde a ultima informação
—	—

Juizo que faz d'elle o informador

- Sobre a aptidão para a serviço que desempenha. *Muito apto*
- Opinião geral. - *é official competens litterario que possui este official tanto habilitação como bibliotecario. e todas as respostas são o melhor interesse deste official*

Figura 20 – Avaliação no cargo de Bibliotecário da Escola Naval



5.9 – Avaliação 1908

1111908

Comissão em que o official está empregado Professor da 11.ª cadeira da Escola de Belas Artes
 Nome e cargo do informador Direcção da Escola de Belas Artes
Lisboa
 Informação semestral referida a 1 de Januário de 1908

Quesitos a que o informado tem de responder

Posto	Nome	Naturalidade	Idade	Estado	Assentamento de praça	Condecorações
Capitão de fronte	Henrique Lopes de Mendonça	Lisboa	51	Viúvo	Outubro de 1877	Comenda de S. Thizy Official de Arto Socio effectivo da Academia Real das Sciencias e de Ac. de Bellas Artes

(Assinatura do Informado) e de Ac. de Bellas Artes

Henrique Lopes de Mendonça

Quesitos a que responde o informador

E. n.º 1:130 — Novembro de 1907 — 1000 ex.

Applicação ao serviço	Comportamento	
	Civil	Militar
Boa	Bom	

Disposição physica	Louvores que mereceu	Castigos que lhe foram applicados
Boa	—	—

Circunstancias a observar

Data da nomeação para o logar que está exercendo; licenças que gozou desde a ultima informação	Serviços extraordinarios desempenhados desde a ultima informação
Decreto de 14 de Novembro de 1901 Não teve nenhuma licença	Nenhum

Juizo que faz d'elle o informador

1.º Sobre a aptidão para o serviço que desempenha. Boa

2.º Opinião geral. Boa

Direcção (Assinatura do informador)

Figura 21 – Avaliação no cargo de professor da 11ª cadeira da Escola das Belas Artes



5.10 – Avaliação 1909

Comissão em que o official está empregado Professor da 11.ª Cadeira 11/1/1909
Nome e cargo do informador Director da Escola de Belas Artes

Informação semestral referida a 1 de Janeiro de 1909

Quesitos a que o informado tem de responder

Posto	Nome	Naturalidade	Idade	Estado	Assentamento de praça	Condecorações
<u>Ex-jante de 1.ª classe</u>	<u>Henrique Lopes de Mendonça</u>	<u>Lisboa</u>	<u>52</u>	<u>Viuvo</u>	<u>Portugal 1871</u>	<u>Comendador de S. Thome Officiante de Cruz</u>

(Assinatura do informado)

Henrique Lopes de Mendonça

Quesitos a que responde o informador

E. n.º 1:565 — Junho de 1908 — 2.000 ex.

Applicação ao serviço	Comportamento	
	Civil	Militar
<u>Bom</u>		

Disposição physica	Louvores que mereceu	Castigos que lhe foram applicados

Circunstancias a observar

Data da nomeação para o logar que está exercendo; licenças que gozou desde a ultima informação	Serviços extraordinarios desempenhados desde a ultima informação
<u>Decreto 14 de Novembro 1901.</u>	

Juizo que faz d'elle o informador

- 1.º Sobre a aptidão para o serviço que desempenha. Bom.
- 2.º Opinião geral. Bom.

(Assinatura do Informador)

Figura 22 – Avaliação no cargo de professor da 11ª cadeira da Escola das Belas Artes



5.11 – Avaliação 1911

7/1/1911
Comissão em que o official está empregado *Encargado de escrever a História da Marinha*

Nome e cargo do informador *Cyriaco de Almeida Gomes Guedes Costa*
Director geral do drama

Informação semestral referida a *1* de *Januário* de 1911

Quesitos a que o informado tem de responder

Posto	Nome	Naturalidade	Idade	Estado	Assentamento de praça	Condecorações
<i>Comandante</i>	<i>Henrique Lopes de Mendonça</i>	<i>Lisboa</i>	<i>55</i>	<i>Vivo</i>	<i>Outubro de 1871</i>	<i>Comandante de Souto Off. de Avis</i>

(Assinatura do informado)

Henrique Lopes de Mendonça

Quesitos a que responde o informador

Aplicação ao serviço		Comportamento	
		Civil	Militar
<i>Affaireiro do serviço de munitoes</i>		<i>Bom</i>	
Disposição physica	Louvores que mereceu	Castigos que lhe foram applicados	
<i>Bom</i>			

Circunstancias a observar

Data da nomeação para o logar que está exercendo; licenças que gozou desde a ultima informação	Serviços extraordinarios desempenhados desde a ultima informação

Juizo que faz d'elle o informador

- Sobre a aptidão para o serviço que desempenha. *Creio que e tem como litterato distincto*
- Opinião geral. *Tem se dedicado exclusivamente a litteratura*

(Assinatura do informador)

Figura 23 – Avaliação durante o empenhamento de escritura da História da Marinha

Anexo 6 – “Uma Armada Portuguesa”

UMA ARMADA PORTUGUESA

Se, como suponho, o quadro hoje aparecido é elemento de uma série, porventura de um tríptico, é lástima que se não encontrem os restantes. Sobretudo o último, representando a chegada a Vila Franca de Nisa ou a recepção da Infanta, daria ao pincel do artista para se espraiar em magnificências, dignas de competir com as dos mestres da Escola Veneziana, com foros de autenticidade histórica de que não pode jactar-se o pintor Henrique Gamba, autor de um quadro oitocentista sobre esse ~~assunto~~, da Galeria da Ajuda.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

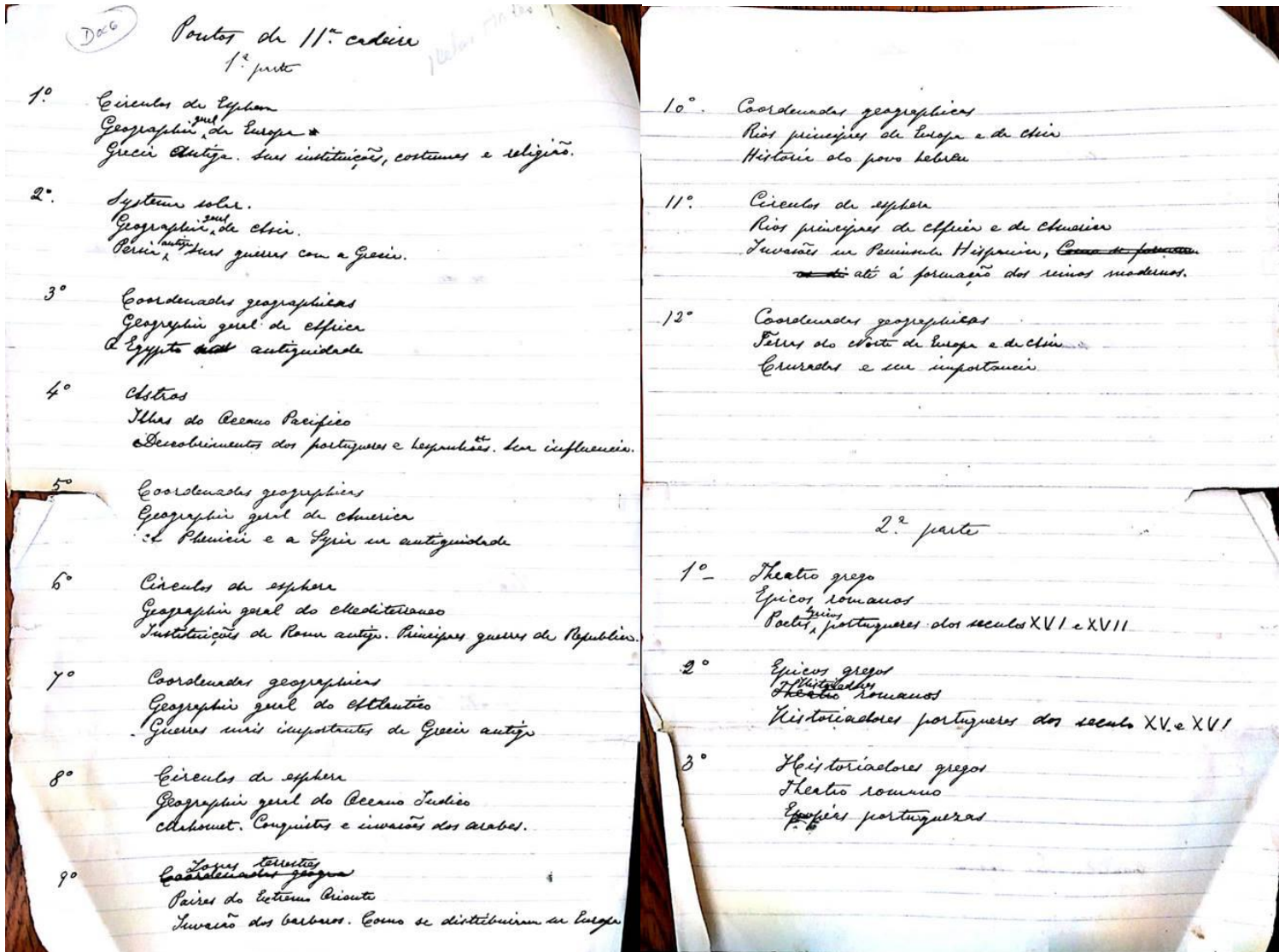


Figura 24 – Poema “Uma Armada Portuguesa” escrito em data incerta¹³².

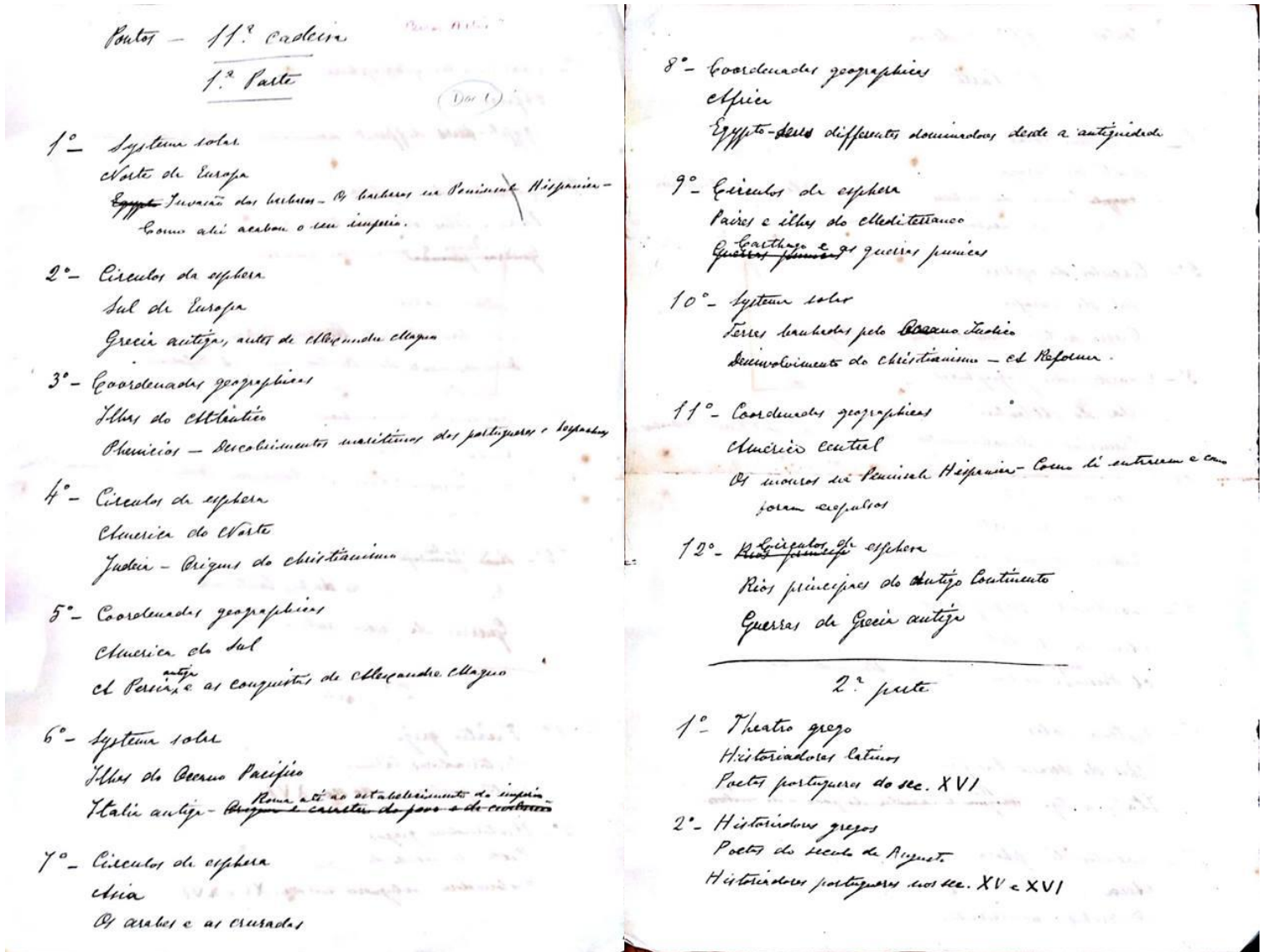
¹³² CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15655.27/2B.

Anexo 7 – Pontos 11^a Cadeira

7.1 – Primeiro Documento

Figura 25 – Pontos da 11^a Cadeira da Escola de Belas Artes de Lisboa ¹³³.¹³³ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15676.27/3B.

7.2 – Segundo Documento


 Figura 26 – Pontos da 11.^a Cadeira da Escola de Belas Artes de Lisboa ¹³⁴.

¹³⁴ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15676.27/3B.



Anexo 8 – Documentos de Identidade

8.1 – Documento de 26 de novembro de 1926



Bilhete DE Identidade



REPÚBLICA PORTUGUESA
(République Portugaise — The Portuguese Republic)

ARQUIVO DE IDENTIFICAÇÃO
(Bureau d'Identification — Identification Office)

BILHETE DE IDENTIDADE
(Carte d'Identité — Identity Card)

N.º 24403

Nome (Nom — Name) Henrique Lopes de Mendonça

Filho de (Fils de — Son of) Antonio Paulino Lopes de Mendonça e de Ana Honorata Lopes de Mendonça

Este bilhete leva o selo branco do Arquivo e a rúbrica do director e é válido por cinco anos. — Cette carte est valable pour cinq ans, et port le timbre sec du Bureau d'Identification et le paraphe du directeur. — The seal of this Office was affixed hereto, and the card is available for five years; it bears the signature of the director.

— 1 —

Natural de (Né à — Born at) Lisboa
Lisbonne Lisbon

Data do nascimento (Né le — Date of birth) 12 fevereiro (12 février) 1856 (e cinquenta e seis)

Profissão (Profession) Professor de la Sala de Belas Artes de Lisboa

Altura (Taille — Height) 1,67

Olhos (Yeux — Eyes) azuis blue blue

Cicatrizes (Cicatrices — Scars) 3

Lisboa, 26 de novembro de 1926 (26/11/26)

Rúbrica do Director do Arquivo.

Valente

— 2 —



Impressão do indicador direito

Empreinte de l'indicateur droit

Print of the right forefinger que



Assinatura do Portador (Signature of the Owner — Owner's Signature)

Henrique Lopes de Mendonça

— 3 —

Figura 27 – Bilhete de Identidade ¹³⁵.

¹³⁵ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15679.27/3B.

8.2 – Documento de 23 de outubro de 1890

Figura 28 – Bilhete de Identidade Militar, posto de 1TEN¹³⁶.

¹³⁶ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15679.27/3B.

8.3 – Documento de 15 de julho de 1913

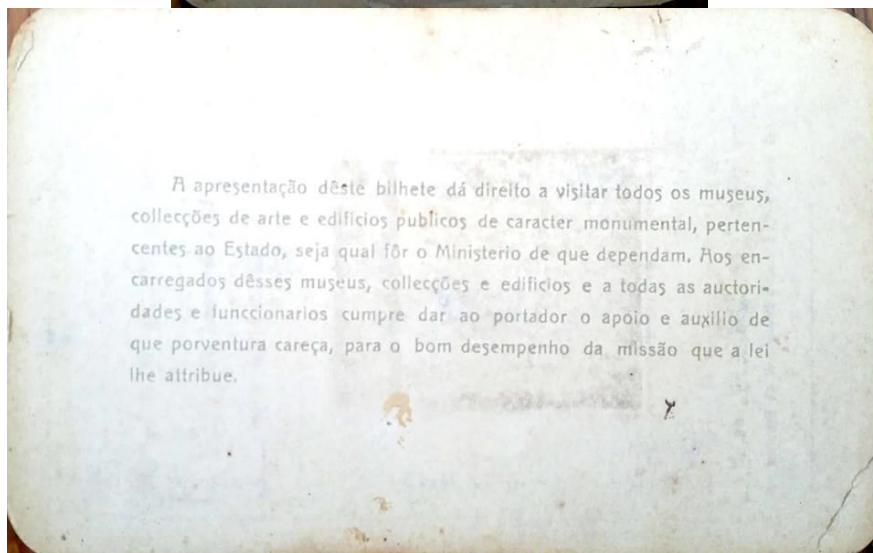
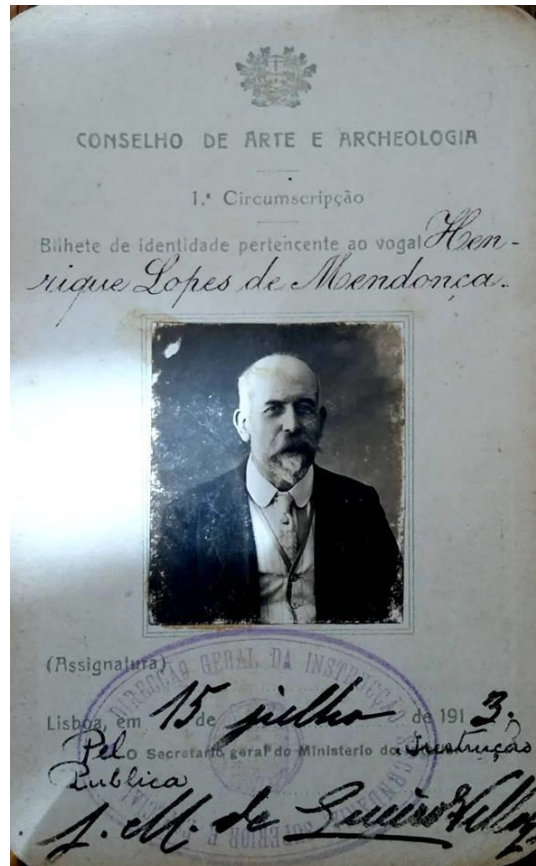


Figura 29 – Bilhete de Identidade do Conselho de Arte e Arqueologia ¹³⁷.

¹³⁷ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15679.27/3B.

8.4 – Documento de 14 de junho de 1904

Figura 30 – Bilhete de Identidade Militar, posto de Capitão de Fragata ¹³⁸.

¹³⁸ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15679.27/3B.



8.5 – Documento de 17 de junho de 1929



Figura 31 – Bilhete de Identidade Militar, posto de Capitão de Mar e Guerra Reformado

¹³⁹ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15679.27/3B.



**Anexo 9 – Excerto da carta do seu pedido para ser agregado à
Comissão Geológica do Reino**

Henrique Lopes de Mendonça, segundo Tenente de Armada, desejando applicar-se activamente ao estudo das sciencias geologicas e não podendo fazel-o na vida maritima pela difficuldade de attim satisfazer ás obrigações de seu cargo, dirige-se respectivamente a Vossa Magestade afim de ser agregado á Commissão Geologica do pais. O Supp.^{to} não se atreve, por ocio a justificar a sua pretensão na conveniencia que porventura haveria no aproveitamento dos estudos peculiares da arma

nte a' elle o Governo de Vossa Magestade.
P. M.

P. a Vossa Magestade haja por bem ordenar que o Supp.^{to} seja agregado á Commissão Geologica do pais para os estudos especies a que acima se refere.

Lisboa, 9 de Julho de 1879.
Henrique Lopes de Mendonça

E. R. M.^{to}

Figura 32 - Excerto do pedido para fazer parte da Comissão Geológica do Reino. (BCM-AH¹⁴⁰)

¹⁴⁰ BCM-AH, Caixa 756-6-5.



Anexo 13 – Lista de Obras de Henrique Lopes de Mendonça¹⁴⁴

13.1 Romance, novelas, dramas, óperas, versos e Sonetos

- *Delenda Albion*, Lisboa, Empresa Bordalo Pinheiro, 1883. [Versos publicado com o pseudónimo Lusos em 1883]
- *Os Piratas do Norte*, Tavares Ca., Lisboa, 1890.
- *Manhã Negra*, Lisboa, 1897.
- MENDONÇA, Henrique Lopes de e ET.AL., *Luz Perpétua*, Lisboa, 1908.[Elogio à memória de D. João de Câmara]
- *Os Órfãos de Calecute*, Lisboa, 1894.[Romance Histórico Marítimo apresentado em conferência no Clube Militar Naval a 28 de fevereiro]
- *Paraíso Conquistado*, Lisboa, 1895.
- *Terra de Santa Cruz*, Lisboa, 1899.
- *Affonso D'Albuquerque*, Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1898.[Representado pela primeira vez no teatro D. Maria II em 1907]
- *Serrana*, Lisboa, 1899. [Drama em 3 atos]
- *A Portuguesa*, Lisboa, 1890. [Adotada como Hino Nacional a 19 de junho de 1911]
- *Gente Namorada*, Lisboa, 1921.
- *Lanças n'África*, Lisboa, 1921.
- *Alma que volta*, Lisboa, 1922.
- *Capa e espada*, Lisboa, 1922.
- *Trovas de Portugal Descobridor*, Lisboa, 1923.
- *Santos da Casa*, Lisboa, 1923.

¹⁴⁴ Uma vez que se procurou fazer uma listagem tão completa quanto possível das obras de Henrique Lopes de Mendonça.



- *Almas penadas*, Lisboa, 1924.
- *Argueiros e Cavaleiros*, Lisboa, 1925.
- *Sangue Português, contos de outro tempo*, Lisboa. [Como não consegui descobrir a data de realização deixo imagens da obra em anexo]
- *Fumos da Índia, contos de outro tempo*, Lisboa. [Como não se conseguiu descobrir a data de realização foi deixada imagens da obra em anexo]
- *Uma Armada Portuguesa, contos de outro tempo*, Lisboa. [Como não se conseguiu descobrir a data de realização foi deixada imagens da obra em anexo]

Alguns Versos Incompletos ¹⁴⁵:

- Marido e Mulher;
- Estranho que a Minha Amada...;
- Transubstanciação;
- Como em Nuvens de Cor Viva...;
- Foi à Força...;
- Nesses Tempos de Horror...;
- Em seu Tempo...;
- Como um Lobo...;
- Água Corrente...;
- Nesta Assombrada Pálida de Outono...;
- O Boi;
- Cleopatra...;
- ... A Cachopa...;
- Espetáculos Públicos...;

¹⁴⁵ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15661.27/2B.



- Nobreza da Selva;
- Pela Beira das Estradas...;
- Os Venenos mais enérgicos...;
- Numa Ermita em Ruínas;
- Água Corrente que não descansas;
- Cais das Nuvens;
- Repicam os Sinos Chamando à Festa...;
- Senhor Acácio de Paiva;
- Não Desdenhes qualquer Seita...;
- Depois que Mão Adestrada...;
- A Vida da Gente Pobre...;
- Levanta-te Amanhã Ceddo...;
- Entre Confuso Folheto...;
- Nas Ondas Mansas do Tejo...;
- No Cariz de Ontem...

13.2 Teatro ¹⁴⁶

- *A Noiva*, Lisboa, 1884. [Representada pela primeira vez no teatro D. Maria II a 9 de fevereiro de 1884]
- *O Duque de Viseu*, Lisboa, 1886. [Drama em 5 atos representado pela primeira vez no teatro D. Maria II a 19 de março de 1886]
- *A Morta*, Lisboa, 1890. [Drama em 5 atos representado pela primeira vez no teatro D. Maria II a 30 de dezembro de 1890]
- *O salto mortal*, Lisboa, 1890. [Comédia em 1 atos representado pela primeira vez no teatro D. Maria II a 27 de janeiro 1894, em 1896 no teatro D. Maria e em 1899 no teatro D. Amélia]
- *Paraíso Conquistado*, Lisboa, 1895. [Fantasia dramática representada pela primeira vez no teatro da Rua dos Condes a 16 de fevereiro de 1895]
- *Sol Novo*, Lisboa, 1896. [Representado pela primeira vez no teatro de Lisboa em 1896]
- *Um Milagre de Stº António*, Lisboa, 1896. [Comédia em 3 atos publicada em 1896]
- *Amor Louco*, Lisboa, 1899. [Drama em 4 atos representado pela primeira vez no teatro D. Amélia a 18 de dezembro de 1899]
- *Teatro pitoresco*, Lisboa, 1900. [Representado pela primeira vez no teatro D. Maria II em 1900]
- *Nó cego*, Lisboa, 1905. [Peça em 3 atos publicada em 1905]
- *Afonso D'Albuquerque*, Lisboa, 1898. [Drama em 5 atos publicado em abril de 1898 e representado pela primeira vez no teatro D. Maria II em 1907]
- *Terra de amargura*, Lisboa, 1909. [Soneto representado no Sarau de caridade a favor dos sobreviventes da Catástrofe de Messina e Reggio promovido pela Sociedade de Geografia a 15 de janeiro de 1909]

¹⁴⁶ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15657/27-2B; CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15660.27/2B; CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15661.27/2B, CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15663.27/2B.



- *O Azebre*, Lisboa, 1909. [Peça em 3 atos representada pela primeira vez no teatro do Príncipe Real a 26 de janeiro de 1909]
- *Auto das Tágides*, Lisboa, 1911. [Alegoria comemorativa do primeiro aniversário da República Portuguesa representada em 1911]
- *A Herança*, Lisboa, 1913. [Episódio Dramático em verso representado pela primeira vez no teatro nacional Almeida Garrett a 3 de abril de 1913]
- *Saudade*, Lisboa, 1916. [Representada pela primeira vez no teatro da República a 4 de maio de 1916]
- *O crime de Arronches*, Lisboa, 1924. [Peça em 4 atos representada pela primeira vez no teatro Nacional a 19 de abril de 1924]

Foram ainda representadas em teatros algumas peças que não chegaram a ser publicadas, tais como:

- *A Estátua* – Drama em 5 atos em verso representado pela primeira vez no teatro D. Maria II;
- *Batalha Eleitoral* – Comédia em 1 ato representada pela primeira vez no teatro do Gynnasio;
- *Joanna* – Drama em 4 atos representado pela primeira vez no teatro do Príncipe Real;
- *As Cores da Bandeira* – Representado pela primeira vez no teatro da Rua dos Condes em 1891;
- *O Alfenim* – Representado pela primeira vez no teatro do Príncipe Real a 9 de janeiro de 1902;
- *O Tição Negro* – Representado pela primeira vez nos teatros Avenida a 18 de janeiro de 1902 e D. Amélia;
- *O Espadachim do Outeiro* – Representado pela primeira vez no teatro da Trindade em 1909;
- *O Rastilho* – Escrita em janeiro de 1927 (Não tendo sido encontrada qualquer referência de que tenha alguma vez sido representada);



- Leonato, o tributo – Peça em 1 ato (Não tendo sido encontrada qualquer referência de que tenha alguma vez sido representada);
- Uma Carta de Recomendação – Comédia em 1 ato (Não tendo sido encontrada qualquer referência de que tenha alguma vez sido representada);
- Expição – Peça publicada em data incerta (Não tendo sido encontrada qualquer referência de que tenha alguma vez sido representada);
- Um Empréstimo – Comédia em 1 ato (Não tendo sido encontrada qualquer referência de que tenha alguma vez sido representada).



13.3 Arqueologia, História, Conferências e Discursos

- *Estudos sobre os navios portugueses nos seculos XV e XVI*, Lisboa, 1892.
- *Carácter e influência da obra do Infante*, Lisboa, 1894. [Conferência publicada e realizada na CMN em fevereiro de 1894]
- «4º Centenário do Descobrimento do caminho marítimo para a Índia - Da Unidade do Pensamento no Ciclo das Descobertas» in *Anais da Academia de Estudos Livres*, Lisboa, 1898.[Conferência publicada e realizada na Academia de Estudos Livres a 7 de maio de 1898]
- *Apointamentos sobre o piloto Pêro D'Alenquer*, Lisboa, 1898.
- *Bartholomeu Dias e a Rota da Índia*, Lisboa, Typografia Matos Moreira e Pinheiro, 1898.
- *O Padre Fernando Oliveira e a sua obra náutica: memoria compreendendo um estudo biográfico sobre o afamado gramático e nautógrafo*, Lisboa, 1898. [Conferência publicada e realizada em 1898 na Academia Real das Ciências]
- *A crise do teatro português*, Lisboa, 1901. [Conferência publicada e realizada na Associação dos Jornalistas a 28 de janeiro de 1901]
- *História de Portugal contada aos pequenos portugueses*, Lisboa, 1902. [Elaborado conforme o programa de ensino primário a 18 de outubro de 1902]
- *Elogio histórico de Manuel Pinheiro Chagas*, Lisboa, 1904. [Lido na sessão presidida pelo Rei D. Carlos na Academia Real das Ciências a 8 de maio de 1904]
- *Duas palavras sobre a evolução e a influência da novela Espanhola*, Lisboa, 1905. [Discurso proferido na sessão da Academia Real das Ciências comemorativa do tricentenário da 1ª edição do D. Quixote a 9 de maio de 1905]
- *João Penha*, Lisboa, 1909. [Parecer apresentado à 2ª classe da Academia Real das Ciências de Lisboa sobre a sua candidatura, aprovado por unanimidade na sessão de 15 de abril de 1909]
- *Da utilidade da tradição*, Lisboa, 1912. [Conferência publicada e realizada na Academia Real das Ciências a 25 de abril de 1912]



- *A poesia pastoril da antiguidade*, Lisboa, 1913. [Conferência realizada no teatro nacional a 4 de maio de 1913]
- *Um tio de Affonso D'Albuquerque*, Lisboa, 1915. [Separata do boletim da 2ª classe da Academia Real das Ciências publicada e realizada em 1915]
- *As duas políticas*, Lisboa, 1915.
- *Tradição marítima de Portugal*, Lisboa, 1915. [Conferência realizada a bordo do Cruzador Adamastor em 1915]
- *Aspetos morais da guerra europeia*, Lisboa, 1917. [Conferência publicada e realizada na Academia de Estudos Livres a 13 de maio de 1917]
- *De Ceuta ao Cabo da Boa Esperança*, Lisboa, 1917. [Publicado em 1917¹⁴⁷ e que teve como editor Pedro Bordalo Pinheiro]
- *Portugal contra a Alemanha*, Lisboa, 1917. [Portugal na história, publicado em 1917 e editado por Pedro Bordalo Pinheiro]
- *Subsídios para a biografia da Infanta Santa Joana*, Lisboa, 1919. [Separata do boletim da 2ª classe da Academia Real das Ciências publicado em 1919]
- *A inspiração de Fernão de Magalhães*, Lisboa, 1921. [Alocação na sala dos Capelos da Universidade de Coimbra a 27 de abril de 1921]
- *Epopéias de hoje*, Lisboa, 1922. [Alocação pronunciada na sessão pública da Academia Real das Ciências em 1922, onde foram recebidos os novos académicos Almirante Gago Coutinho e Comandante Sacadura Cabral]
- *Júlio Dantas*, Lisboa, 1923. [Um esboço de perfil literário publicado em 1923]
- *Vasco da Gama*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1924. [Publicado a 19 de outubro de 1924 aquando da Comissão Oficial do Centenário de Vasco da Gama]
- *Vasco da Gama na História Universal*, Lisboa, Portugal-Brasil sociedade editora, 1925. [Discurso pronunciado na Sociedade de Geografia de Lisboa a 25 de janeiro de 1925]
- *Navegações dos portugueses*, Lisboa, 1929.

¹⁴⁷ *História de Portugal - Cronologia da História de Portugal*, <https://tinyurl.com/y5hbmqbl>.



- *A Alma do Trinca-Fortes*, Lisboa, 1933.

Documentos manuscritos realizados em data incerta¹⁴⁸:

- Notícia sobre um conto de Irving – Relativo á lenda das sete cidades, publicada e realizada na Academia Real das Ciências;
- Do Restelo a Vera Cruz;
- Um Combate Naval da Edade-Média;
- A decadência do Poder Português em Marrocos;
- Ninguém Sabia ao Certo;
- Aspetos e Episódios;
- Uma manhã destas...;
- Também não estou satisfeito;
- A Evolução Moderna da Música;
- A Propósito de Monumentos Comemorativos;
- Estátuas Antigas em Trajes Modernos;
- Mudança de Rótulo;
- Mercearias do Amor na Língua Portuguesa;
- O Senhor Desembargador...;
- Celebram Muito Patrioticamente...;
- Logo na Primeira Excursão;
- Riqueza da Mente e Inópia de Bolsa;
- O Perigo das Celebidades Vizinhas;
- Notas ás Lições de Castilho;

¹⁴⁸ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15668.27/2B; CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15669.27/2B.



- Traje do Espírito;
- Quando se acabou de marcar a sinete...;
- Sophia encostou-se pensativa...;
- Feiasinha;
- A Ilha do Rei Ordonho;
- As Cientistas Ocultas do Séc. XIX;
- Estava uma noite esplendida...;
- A Escudela;
- A Tentação de António;
- A Capa de José;
- Em Hesíodo...;
- Conta-se que em frente da estátua de Camões...;
- Formosa e Graça;
- A Caravana da Índia;
- Sinal de Terra;
- Dois Idyllios de Theócritos;
- Sacrifício de Amizade;
- A Rosa Branca de Inglaterra;
- Um Episódio de Vida de António Ribeiro Saraiva;
- O Último Rei de Avis;
- Viagem de um Ramo de Pinho à Roda do Mundo;
- Nicolau de Faria;
- Da Próspera e Adversa Fortuna de el Rei D. Manuel;
- Documento sobre Gil Vicente intitulado “A Chama do Génio e a Borboleta” – Escrito a 20 de julho de ano incerto;



- Notas Sobre Toponímias Arcaicas Manuel;

Apontamentos sobre Portugal na 1ª Grande Guerra¹⁴⁹:

- Portugal na Guerra Europeia;
- Sobre a Grande Guerra;
- Sente-se o Mundo Inteiro Envergonhado...;
- Confederação Luso-Brasileira;
- Há cerca de um século...;
- Há um século que demolidores implacáveis...;
- Uma dupla enfermidade...;

¹⁴⁹ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15670.27/2B.



13.4 Prefácios

- PEREIRA, Maria Cândida e MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Versos*, 2.^a ed., Lisboa, 1909.
- DANTAS, Julio e MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Nada*, 2.^a ed., Lisboa, 1912.
- PEIXOTO, Maria do Carmo e MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Folhas ao vento*, Lisboa, 1922.
- BRASÃO, Eduardo e MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Memórias de Eduardo Brasão*, 2.^a ed., Lisboa, 1925.
- FONSECA, Quirino da e MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Os Portugueses no Mar*, Lisboa, 1926.

13.5 Traduções ¹⁵⁰

- Molière e MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Sganarello*, Lisboa, 1887.
- Dickens, Charles e MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Aventuras do Dr. Pickcoick*, Lisboa, 1896
- VERNE, Júlio e MENDONÇA, Henrique Lopes de, *A ilha de hélice*, Lisboa, 1898.
- DOYLE, A. Conan e MENDONÇA, Henrique Lopes de, *A Aliança de Casamento*, Lisboa, 1907.
- VERNE, Júlio e MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Os naufragos do Jonathan*, Lisboa, 1911.
- MENDONÇA, Henrique Lopes de, *Parece Mal*, Lisboa, 1913. [Adaptação do livro inglês “Do’nt”]
- MENDONÇA, Henrique Lopes de, *O Almirante Pantaleão*, Lisboa, 1920. [Ópera em 3 atos, letra de J. Mendel e música de W. Mae-bley]

¹⁵⁰ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15661.27/2B.



Algumas Traduções Incompletas¹⁵¹:

- *O Rei se Diverte* – Em verso do francês de M. de Saint_Vallier;
- *O Príncipe Afortunado e outros contos* – De Oscar Wilde;
- *A Tempestade* – De William Shakespeare;
- *Romeu e Julieta* – De William Shakespeare;
- *Macbeth* – De William Shakespeare;
- *António e Cleópatra* – De William Shakespeare (Apenas o ato V, cena 2^a);
- *Júlio César* – De William Shakespeare (Apenas o ato I);
- *Othelo* – De William Shakespeare (Apenas o ato V, cena 2^a);
- *Hamlet, o príncipe da Dinamarca* – De William Shakespeare (Apenas o ato I);

¹⁵¹ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15663.27/2B.



13.6 Anais do Clube Militar Naval ¹⁵²

- «O Cofre do Corpo de Marinheiros», *Anais do Clube Militar Naval*, 1883.
- «Estudos sobre caravelas», *Anais do Clube Militar Naval*, 1890.
- «Uma questão de arqueologia», *Anais do Clube Militar Naval*, 1893.
- «Carácter e influência da obra do Infante», *Anais do Clube Militar Naval*, 28 de fevereiro de 1894.
- «Uma viagem á Índia em 1579», *Anais do Clube Militar Naval*, 1894.
- «Apontamentos sobre o piloto Pêro d'Alenquer», *Anais do Clube Militar Naval*, 1896.
- «Bartolomeu Dias e a Rota da Índia», *Anais do Clube Militar Naval*, 1898.
- «O brigue “Coimbra” em Angola, parte I», *Anais do Clube Militar Naval*, 1 de março de 1902. [Artigo sobre Batista de Andrade]
- «Espetáculo tranquilizador», *Anais do Clube Militar Naval*, 1 de março 1902.
- «Tréguas de insultos á mulher perdida», *Anais do Clube Militar Naval*, 1 de março 1902.
- «O brigue “Coimbra” em Angola, parte II», *Anais do Clube Militar Naval*, 16 de março 1902. [Artigo sobre Batista de Andrade]
- «Pinheiro Chagas na imprensa periódica e no teatro», *Anais do Clube Militar Naval*, 16 de maio 1904
- «O combate do "Augusto de Castilho"», *Anais do Clube Militar Naval*, 1918.

¹⁵² CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15668.27/2B; CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15661.27/2B; A.R. Cartaxo, *Projeto de Biografia de Henrique Lopes de Mendonça*, p. 15–16 ; Clube Militar Naval, *Índice dos Anais do Clube Militar Naval 1870 - 1970*, Lisboa, 1979, vol.CIX, p. 847.



13.7 Comércio do Porto ¹⁵³

1914:

- «A truta», *Comércio do Porto*, 1 janeiro 1914.
- «O Penteado», *Comércio do Porto*, 15 de janeiro 1914.
- «A Entrada da Rainha», *Comércio do Porto*, 29 de janeiro 1914.
- «Facecias de Guerra», *Comércio do Porto*, 12 de fevereiro 1914.
- «Nascimento», *Comércio do Porto*, 5 de março 1914.
- «... E Mortalha», *Comércio do Porto*, 12 de março 1914.
- «A Denuncia», *Comércio do Porto*, 26 de março 1914.
- «A Patrulha do Senhor D. Miguel», *Comércio do Porto*, 10 de abril 1914.
- «O Seu a Seu Dono», *Comércio do Porto*, 23 de abril 1914.
- «Joquete Régio», *Comércio do Porto*, 7 de maio 1914.
- «O Aléo», *Comércio do Porto*, 21 de maio 1914.
- «O Presente da Beltraneja», *Comércio do Porto*, 4 de junho 1914.
- «A Vida pelo rei», *Comércio do Porto*, 18 de junho 1914.
- «Supplicio de Tantaló», *Comércio do Porto*, 2 de julho 1914.
- «Saudade», *Comércio do Porto*, 16 de julho 1914.
- «Sova Real», *Comércio do Porto*, 30 de julho 1914.
- «A Lenda da Rainha Sabá», *Comércio do Porto*, 13 de agosto 1914.
- «Gracia de Moraes», *Comércio do Porto*, 27 de agosto 1914.
- «O Enigma», *Comércio do Porto*, 10 de setembro 1914.
- «O Arquiteto de Belém», *Comércio do Porto*, 24 de setembro 1914.

¹⁵³ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15659.27/2B; CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15668.27/2B; A.R. Cartaxo, *Projeto de Biografia de Henrique Lopes de Mendonça*, p. 19–20.



- «Uma Aventura de Capa e Espada», *Comércio do Porto*, 8 de outubro 1914.
- «Uma Façanha da Tavola-Redonda», *Comércio do Porto*, 12 de outubro 1914.
- «Águas de Milagre», *Comércio do Porto*, 22 de outubro 1914.
- «O Barbeiro de Goa», *Comércio do Porto*, 5 de novembro 1914.
- «A Denúncia», *Comércio do Porto*, 19 de novembro 1914.
- «Despedida Régia», *Comércio do Porto*, 3 de dezembro 1914.
- «Realeza que Foge», *Comércio do Porto*, 17 de dezembro 1914.

1915:

- « A Japonesinha », *Comércio do Porto*, 1 de janeiro de 1915.
- « O Primeiro Encontro », *Comércio do Porto*, 4 de janeiro de 1915.
- « O Proscrito », *Comércio do Porto*, 8 de janeiro de 1915.
- « O Cavalo de Jorge de Albuquerque », *Comércio do Porto*, 1 de fevereiro de 1915.
- « O Galo », *Comércio do Porto*, 25 de fevereiro de 1915.
- « O Cestinho de Figos », *Comércio do Porto*, 11 de março de 1915.
- « Felisberto de Proença », *Comércio do Porto*, 25 de março de 1915.
- « O Sonho », *Comércio do Porto*, 8 de abril de 1915.
- « O Pucaro de Aguan », *Comércio do Porto*, 22 de abril de 1915.
- « O Rebate », *Comércio do Porto*, 6 de maio de 1915.
- « Agoiros », *Comércio do Porto*, 20 de maio de 1915.
- « Lobos do Mar », *Comércio do Porto*, 3 de junho de 1915.
- « Mercê Tardia », *Comércio do Porto*, 17 de junho de 1915.
- « O Guião do Império », *Comércio do Porto*, 1 de julho de 1915.
- « Vasco Fernandes César », *Comércio do Porto*, 15 de julho de 1915.
- « Em Mãos de Corsários », *Comércio do Porto*, 29 de julho de 1915.



- « A Fuga », *Comércio do Porto*, 19 de agosto de 1915.
- « O Regresso de César », *Comércio do Porto*, 26 de agosto de 1915.
- « Os Repentes do Conde de Redondo », *Comércio do Porto*, 9 de setembro de 1915.
- « A Prisão de João Delgado », *Comércio do Porto*, 23 de setembro de 1915.
- « Os Ovos Doces », *Comércio do Porto*, 14 de outubro de 1915.
- « Justiça do Governador », *Comércio do Porto*, 21 de outubro de 1915.
- « A Entrevista », *Comércio do Porto*, 4 de novembro de 1915.
- « O Almotacel », *Comércio do Porto*, 18 de novembro de 1915.
- « A Vara da Justiça », *Comércio do Porto*, 9 de dezembro de 1915.
- « O Funeral do Herói », *Comércio do Porto*, 16 de dezembro de 1915.

1917:

- « Manhã de Expição », *Comércio do Porto*, 19 de julho de 1917.
- « Entre a Fome e a Peste », *Comércio do Porto*, 20 de julho de 1917.
- « O Repto », *Comércio do Porto*, 4 de outubro de 1917.
- « Estrelas em Pleno Dia », *Comércio do Porto*, 27 de setembro de 1917.

1929:

- « Magia de Sintra », *Comércio do Porto*, 15 de agosto de 1929.
- « Ser Português I », *Comércio do Porto*, 22 de agosto de 1929.
- « Ser Português II », *Comércio do Porto*, 5 de setembro de 1929.
- « Barulhos da Cidade », *Comércio do Porto*, 12 de setembro de 1929.
- « De Guarani para Português », *Comércio do Porto*, 26 de setembro de 1929.
- « Um Incidente a Bordo », *Comércio do Porto*, 10 de outubro de 1929.
- « A Propósito dos Autos de Camões », *Comércio do Porto*, 24 de outubro de 1929.



- « Aleijões do Génio », *Comércio do Porto*, 31 de outubro de 1929.
- « Os Ouvidos do Demo », *Comércio do Porto*, 14 de novembro de 1929.
- « O Bardo Irritado », *Comércio do Porto*, 28 de novembro de 1929.
- « Camões e as Ninfas Ribatejanas », *Comércio do Porto*, 19 de dezembro de 1929.
- « O Velho da Horta », *Comércio do Porto*, 27 de dezembro de 1929.

1930:

- « O Poder das Palavras », *Comércio do Porto*, 9 de janeiro de 1930.
- « A Língua do Brasil », *Comércio do Porto*, 16 de janeiro de 1930.
- « O Coração e a Pele », *Comércio do Porto*, 23 de janeiro de 1930.
- « A Propósito da Mândria Nacional », *Comércio do Porto*, 30 de janeiro de 1930.
- « A Ilha dos Amores », *Comércio do Porto*, 20 de fevereiro de 1930.
- « O Tridente de Neptuno », *Comércio do Porto*, 27 de fevereiro de 1930.
- « A Propósito de Comemorações Literárias », *Comércio do Porto*, 6 de março de 1930.
- « Rastilho de Miséria », *Comércio do Porto*, 24 de abril de 1930.
- « O Gaiolas », *Comércio do Porto*, 8 de maio de 1930.
- « A Língua Materna », *Comércio do Porto*, 15 de maio de 1930.
- « Poetas e Poesia », *Comércio do Porto*, 29 de maio de 1930.
- « Notas de Malfeitoria Linguística », *Comércio do Porto*, 5 de junho de 1930.
- « Recordação de Antuérpia », *Comércio do Porto*, 12 de junho de 1930.
- « Ressurreições », *Comércio do Porto*, 26 de junho de 1930.
- « Feras Sentimentais », *Comércio do Porto*, 3 de julho 1930.
- « O Facto Culminante da História », *Comércio do Porto*, 10 de julho de 1930.
- « Variações Sobre Temas Velhos », *Comércio do Porto*, 31 de julho de 1930.
- « A Pesca do Tubarão », *Comércio do Porto*, 7 de agosto de 1930.



- « Devaneios á Beira-Tejo », *Comércio do Porto*, 14 de agosto de 1930.
- « Os Preciosismos de Genebra », *Comércio do Porto*, 21 de agosto de 1930.
- « Balanço de Civilização », *Comércio do Porto*, 28 de agosto de 1930.
- « Reminiscências Líricas », *Comércio do Porto*, 18 de setembro de 1930.
- « O Moribundo Bom Tom », *Comércio do Porto*, 25 de setembro de 1930.
- « A Teia de Penélope », *Comércio do Porto*, 3 de outubro de 1930.
- « Em Defesa da Língua », *Comércio do Porto*, 9 de outubro de 1930.
- « Sonhadores », *Comércio do Porto*, 16 de outubro de 1930.
- « Portugal Em Bolandas », *Comércio do Porto*, 23 de outubro de 1930.
- « Evoluções da Cortezia », *Comércio do Porto*, 30 de outubro de 1930.
- « A Cólera de Camões », *Comércio do Porto* 6 de novembro de 1930.
- « Notas de Psicologia Elefantina », *Comércio do Porto* 20 de novembro de 1930.
- « A Maçã de Galatea », *Comércio do Porto*, 27 de novembro de 1930.
- « Os Inimigos do Romantismo », *Comércio do Porto*, 4 de dezembro de 1930.
- « Bambúrrio », *Comércio do Porto*, 11 de dezembro de 1930.
- « O Natal do JUJU », *Comércio do Porto*, 25 de dezembro de 1930.

1931:

- « Retratos », *Comércio do Porto*, 1 de janeiro de 1931.
- « Letras Gordas e Letras Elegantes », *Comércio do Porto*, 15 de janeiro de 1931.
- « Culto Vicentino », *Comércio do Porto*, 22 de janeiro de 1931.



- « O Culto do Feio », *Comércio do Porto*, 29 de janeiro de 1931.
- « A Herança do Mestre », *Comércio do Porto*, 5 de fevereiro de 1931.
- « Fim da Jornada », *Comércio do Porto*, 24 de março de 1931.
- « Borbulhas na Língua », *Comércio do Porto*, 3 de abril de 1931.
- « Rajadas de Milagre », *Comércio do Porto*, 9 de abril de 1931.
- « Novidades e Velharias », *Comércio do Porto*, 16 de abril de 1931.
- « Do Norte ao Sul da Terra », *Comércio do Porto*, 23 de abril de 1931.
- « Paz nos Arraiais da Gramática », *Comércio do Porto*, 30 de abril de 1931.
- « Bofetões por Mão de Anéis », *Comércio do Porto*, 7 de maio de 1931.
- « Ressurreições Teatrais », *Comércio do Porto*, 14 de maio de 1931.
- « Balança dos Sexos », *Comércio do Porto*, 28 de maio de 1931.
- « Congratulações Patrióticas », *Comércio do Porto*, 4 de junho de 1931.
- « O Canto de Chantecler », *Comércio do Porto*, 11 de junho de 1931.
- « Carta Aberta a Santo António de Lisboa », *Comércio do Porto*, 26 de junho de 1931.
- « A Liberação dos Santos », *Comércio do Porto*, 2 de julho de 1931.
- « Ressonância de Livros Esquecidos », *Comércio do Porto*, 9 de julho de 1931.
- « O Colosso de Sagres », *Comércio do Porto*, 16 de julho de 1931.
- « Patriotismo Subconsciente », *Comércio do Porto*, 23 de julho de 1931.

ANO INCERTO:

- “Um Engano de Santo António” – Publicado a 18 de junho de ano incerto;
- “O Abbade de Villar de Frades” – Publicado a 18 de dezembro de ano incerto;



13.8 Diário de Notícias ¹⁵⁴

1896:

- « Centenário da Índia », *Diário de Notícias*, 4 de agosto de 1896.

1898:

- « Centenário da Índia no México », *Diário de Notícias*, 20 de outubro de 1898.

1904:

- « A Partilha Eventual de Marrocos », *Diário de Notícias*, 22 de junho de 1904.
- « A Estética do Ar Livre », *Diário de Notícias*, 4 de julho de 1904.

1910:

- « Como nasceu “A Portuguesa”», *Diário de Notícias*, 18 de novembro de 1910.

1919:

- « Sabedoria da Arraia Miúda», *Diário de Notícias*, 29 de dezembro de 1919.

1920:

- « A Pátria Redimida », *Diário de Notícias*, 1 de dezembro de 1920.

¹⁵⁴ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15659.27/2B; *Ibid.*, p. 20.



1921:

- « Recordações de infância », *Diário de Notícias – Edição da Noite*, 2 de janeiro de 1921.
- « Recordações de infância », *Diário de Notícias – Edição da Noite*, 9 de janeiro de 1921.
- « Recordações de infância, “Águas passadas... António Pedro Lopes de Mendonça”», *Diário de Notícias – Edição da Noite*, 16 de janeiro de 1921.

1922:

- « Bichos Sábios », *Diário de Notícias*, 27 de outubro de 1922.
- « Zacconi e o “Rei Leão” », *Diário de Notícias*, 20 de dezembro de 1922.

1923:

- « Monumentos Portugueses em Marrocos », *Diário de Notícias*, 6 de abril de 1923.

1924:

- « O Descobrimento de Camões », *Diário de Notícias*, 10 de junho de 1924.
- « O Centenário de Vasco da Gama », *Diário de Notícias*, 27 de julho de 1924.
- « O Centenário de Vasco da Gama », *Diário de Notícias*, 18 de agosto de 1924.
- « Vasco da Gama », *Diário de Notícias*, 4 de dezembro de 1924.

1925:

- « Dois Conquistadores », *Diário de Notícias*, 16 de maio de 1925.
- « Aljubarrota e Montes Claros », *Diário de Notícias*, 14 de agosto de 1925.



1927:

- « A Batalha de Aljubarrota », *Diário de Notícias*, 14 de agosto de 1927.
- « O Adeus ás Lendas », *Diário de Notícias*, 14 de novembro de 1927.
- « Anatole France e o Pó das suas Chinelas », *Diário de Notícias*, 13 de dezembro de 1927.

1928:

- « A Propósito », *Diário de Notícias*, 26 de março de 1928.
- « A Representação Pictórica das Caravelas », *Diário de Notícias*, 31 de março de 1928.
- « Digressões pelo Mapa Mundo », *Diário de Notícias*, 13 de abril de 1928.
- « Snobismo », *Diário de Notícias*, 23 de abril de 1928.
- « A Praça do Cavalo Preto », *Diário de Notícias*, 7 de maio de 1928.
- « Dívidas de Honra », *Diário de Notícias*, 14 de maio de 1928.
- « O Horto Sagrado », *Diário de Notícias*, 17 de junho de 1928.
- « Toponímia Lisboeta », *Diário de Notícias*, 17 de junho de 1928.
- « Um Mártir Obscuro », *Diário de Notícias*, 8 de julho de 1928.
- « Dois Poetas Fantasistas », *Diário de Notícias*, 15 de outubro de 1928.

1929:

- « O Navio de Colombo », *Diário de Notícias*, 23 de maio de 1929.
- « A Propósito de Bruxedos », *Diário de Notícias*, 30 de maio de 1929.
- « Um Tesouro Desperdiçado », *Diário de Notícias*, 5 de junho de 1929.
- « Crisantos e Saudades », *Diário de Notícias*, 8 de junho de 1929.
- « Formosura e Graça », *Diário de Notícias*, 10 de junho de 1929.
- « Uma Grande Obra Revelada », *Diário de Notícias*, 15 de junho de 1929.



- « Agonia do Bom-Senso », *Diário de Notícias*, 22 de junho de 1929.
- « Os Santos de junho », *Diário de Notícias*, 29 de junho de 1929.
- « Escorregadela Conspícua », *Diário de Notícias*, 14 de julho de 1929.
- « A Chama do Génio e as Borboletas », *Diário de Notícias*, 22 de julho de 1929.
- « O Poeta da Lisboa Antiga », *Diário de Notícias*, 25 de julho de 1929.
- « Abelhas e Aranhas », *Diário de Notícias*, 7 de agosto de 1929.
- « Os Nossos Amigos da Floresta », *Diário de Notícias*, 26 de agosto de 1929.
- « Uma Nobre Memória », *Diário de Notícias*, 1 de setembro de 1929.
- « Novidades Velhas », *Diário de Notícias*, 13 de setembro 1929.
- « Fachadas », *Diário de Notícias*, 22 de setembro de 1929.
- « História Pátria », *Diário de Notícias*, 28 de setembro de 1929.
- « Música para o Povo », *Diário de Notícias*, 9 de outubro de 1929.
- « A Desfiguração dos Adjetivos », *Diário de Notícias*, 4 de novembro de 1929.
- « No Estádio das Letras », *Diário de Notícias*, 23 de novembro de 1929.
- « Nодоas no Melhor Pano », *Diário de Notícias*, 12 de dezembro de 1929.
- « O Papel Histórico de S. Carlos », *Diário de Notícias*, 27 de dezembro de 1929.

1930:

- « O Rabecão de Sapateiro », *Diário de Notícias*, 19 de janeiro de 1930.
- « Meditação sobre os Altos de Lisboa », *Diário de Notícias*, 23 de janeiro de 1930.
- « Matança dos Inocentes », *Diário de Notícias*, 16 de fevereiro de 1930.
- « Trajo do Espírito », *Diário de Notícias*, 3 de março de 1930.
- « Tropas de Defesa », *Diário de Notícias*, 2 de abril de 1930.
- « O Contrabando Linguístico », *Diário de Notícias*, 18 de abril de 1930.
- « Grandezas e Misérias », *Diário de Notícias*, 24 de abril de 1930.



- « Dois Egrégios Companheiros de Cabral », *Diário de Notícias*, 3 de maio de 1930.
- « Americanização Urbana », *Diário de Notícias*, 29 de maio de 1930.
- « Alfredo Keil », *Diário de Notícias*, 17 de junho de 1930.
- « Jardins Urbanos », *Diário de Notícias*, 30 de junho de 1930.
- « Viveiro de Poetas », *Diário de Notícias*, 5 de julho de 1930.
- « A Amputação do Jardim da Estrela », *Diário de Notícias*, 14 de julho de 1930.
- « Melhoramentos Urbanos », *Diário de Notícias*, 23 de julho de 1930.
- « Voz no Deserto », *Diário de Notícias*, 1 de setembro de 1930.
- « O Percurso do “Sub-Express” », *Diário de Notícias*, 15 de setembro de 1930.
- « A Tradição do Mar », *Diário de Notícias*, 21 de outubro de 1930.
- « A Vingança de Adamastor », *Diário de Notícias*, 21 de outubro de 1930.
- « O Capitólio Lisbonense », *Diário de Notícias*, 10 de dezembro de 1930.
- « A Núncia da Boa Nova », *Diário de Notícias*, 24 de dezembro de 1930.

1931:

- « Os descobridores dos Mares », *Diário de Notícias*, 19 de janeiro de 1931.
- « Lisboa e o seu Estojo », *Diário de Notícias*, 27 de janeiro de 1931.
- « A Prioridade Portuguesa no Descobrimento do Brasil », *Diário de Notícias*, 15 de maio de 1931.
- « Camões », *Diário de Notícias*, 10 de junho de 1931.
- « O Grande Iniciador », *Diário de Notícias*, 11 de julho de 1931.
- « O Monumento do Grande Iniciador », *Diário de Notícias*, 18 de julho de 1931.



Publicado no Diário de Notícias em data incerta:

- «A Contradança dos Imortais»;
- «Um Infante Português Feito Cardeal»;
- «Baldões do Vocabulário»;
- «João de Deus»;
- «Os Monumentos Portugueses em Marrocos» – Publicado a 2 de fevereiro de ano incerto;

Diário de Notícias Ilustrado:

- « Justiça do Visorei », *Diário de Notícias Ilustrado*, 1898.
- « O Terror Inglês », *Diário de Notícias Ilustrado*, 1898.
- « O Resgate », *Diário de Notícias Ilustrado*, 1900.
- « Ossos do Ofício », *Diário de Notícias Ilustrado*, 1902.
- « O Gafanhoto », *Diário de Notícias Ilustrado*, 1903. [Quinzenário Ilustrado para crianças, publicado pela 1ª vez em 1903]
- « Os portugueses em Marrocos I - A cadelinha de Tânger », *Diário de Notícias Ilustrado*, 1 de abril de 1903.
- « Os portugueses em Marrocos II - A cavalgada dos nus », *Diário de Notícias Ilustrado*, 3 de maio de 1903.
- « Dar pão aos inimigos », *Diário de Notícias Ilustrado*, 17 de dezembro de 1903.
- « O Instituto », *Diário de Notícias Ilustrado*, 10 de outubro de 1907. [Revista Científica e Literária]
- « A inspiração de Fernão de Magalhães », *Diário de Notícias Ilustrado*, 1921.



13.9 Outras participações¹⁵⁵

- « Os Navios de Cristóvão Colombo », *Nova Alvorada*, 14 de setembro de 1892. [Revista mensal Literária e Científica, Nova Alvorada]
- *Hino do Centenário do Infante D. Henrique*, Lisboa, 1922.
- *Do Restêlo a Vera Cruz*, Lisboa, 1923. [Publicado em 1923 Edição Monumental comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil]

¹⁵⁵ CDMM, Espólio de Henrique Lopes de Mendonça, 15655.27/2B.

